

A historical black and white photograph of a busy harbor scene. In the foreground, a group of people, including men, women, and children, are gathered on a pier. Some are sitting on the ground with their belongings, while others stand. In the background, numerous large sailing ships with multiple masts are docked at the pier. A tall, ornate street lamp stands in the middle ground. The overall atmosphere is one of a bustling port of arrival or departure.

ISMAEL MAYNARD BERNINI

NDEMO FAR LA MÉRICA:
A CONTRIBUIÇÃO DO TALIAN PARA O PATRIMÔNIO
CULTURAL BRASILEIRO

Porto Alegre
2021

ISMAEL MAYNARD BERNINI

NDEMO FAR LA MÉRICA:
A CONTRIBUIÇÃO DO TALIAN PARA O PATRIMÔNIO
CULTURAL BRASILEIRO

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Museologia e Patrimônio no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Maria Dalla Zen

Porto Alegre
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos André Bulhões Mendes

Vice-Reitora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Helena Lucas Pranke

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Prof.^a Dr.^a Ana Maria Mielniczuk de Moura

Vice-Diretora: Prof.^a Dr.^a Vera Regina Schmitz

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO

Coordenadora: Prof.^a Dr.^a Fernanda de Carvalho Albuquerque

Vice-Coordenador: Prof.^a Dr.^a Ana Carolina Gelmini de Faria

CIP - Catalogação na Publicação

Bernini, Ismael Maynard
NDEMO FAR LA MÉRICA: A CONTRIBUIÇÃO DO TALIAN PARA
O PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO / Ismael Maynard
Bernini. -- 2021.
128 f.
Orientador: Ana Maria Dalla Zen.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Museologia e
Patrimônio, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Patrimônio Cultural. 2. Talian. 3. Memória
coletiva. I. Dalla Zen, Ana Maria, orient. II.
Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio

Rua Ramiro Barcelos, 2705 - Sala 203 - Campus Saúde

CEP 90035-007 - Porto Alegre / RS

Telefone: (51) 3308-2163

E-mail: ppgmuspa@ufrgs.br

Imagem da Capa: Angiolo Tommasi, Gli emigranti (1896). Disponível em:
<https://emigrazioneveneta.blogspot.com/2020_11_05_archive.html>. Acesso em 03 ago. 2021.

Ismael Maynard Bernini

***NDEMO FAR LA MÉRICA:
A contribuição do talian para o patrimônio cultural brasileiro***

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Museologia e Patrimônio no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em: 29 de setembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Ana Lucia Goelzer Meira
Programa de Mestrado Profissionalizante em Arquitetura e Urbanismo,
Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, RS

Prof. Dr. Luís Fernando Beneduzi
Professor associado de História e Instituições da América Latina,
Università Ca' Foscari Di Venezia (UNIVE), Veneza, Itália

Prof.^a Dr.^a Luisa Gertrudis Durán Rocca
Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, FABICO,
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.^a Dr.^a Ana Maria Dalla Zen, Orientadora
Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, FABICO,
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

*Parece-me poético saber aonde estava o meu sangue
por estes velhos séculos, e em meio aos acontecimentos
que dia a dia vão urdindo a história humana,
onde se situaram esses antepassados
que não previam os seus descendentes,
como nós não prevemos os nossos.*

Cecília Meireles – Escolha o seu sonho

*Para meu sobrinho e afilhado Gabriel, desejando
que a cultura taliana também faça parte de sua vida!*

AGRADECIMENTOS

Em um longo percurso, dificilmente caminhamos sós... e no mestrado não é diferente!

Gostaria de agradecer ao Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio da UFRGS, a secretária Josiane Lima e professores.

Agradeço também a disponibilidade e atenção da Prof.^a Dr.^a Ana Lucia Meira, da Prof.^a Dr.^a Luisa Gertrudis Durán Rocca, e do Prof. Dr. Luís Fernando Beneduzi, membros da banca. Deixo aqui um agradecimento especial, *in memoriam*, à Prof.^a Dr.^a Eloisa Helena Capovilla de Luz Ramos, pelo entusiasmo com que participou da minha banca de qualificação e por suas importantes contribuições.

Agradeço à minha orientadora Prof.^a Dr.^a Ana Maria Dalla Zen, pela paciência, atenção, e ensinamentos nessa trajetória de pesquisa.

Agradeço imensamente ao Dr. Juvenal Dal Castel, ao Radialista Luiz Agostinho Radaelli, ao Prof. Marcos Daniel Zancan, ao Frei Arlindo Battistel, ao Prof. José Clemente Pozenato, a Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Meira e a Prof.^a Dr.^a Marcia Genesis de Sant'Anna que possibilitaram e enriqueceram essa pesquisa com suas contribuições e depoimentos.

Imprescindível também um agradecimento aos colegas de turma, especialmente a Daiane Moraes e a Daniela Amaral pela amizade e companheirismo nesse sonho chamado mestrado!

Agradeço aos meus colegas da Biblioteca da Fabico, em especial, a Miriam Moema Loss e a Mirtha Rodrigues, que sempre me incentivaram e apoiaram a continuar meu aperfeiçoamento profissional.

Nunca podemos esquecer de agradecer também aos amigos que nos acompanham e incentivam em todos os nossos passos, e assim são a Inês, a Mara, a Merce, a Bruna, e o Eduardo.

Por último, mas não menos importante, agradeço à minha família que sempre a sua maneira me apoiou nessa caminhada.

RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo investigar qual é a contribuição do *talian* na construção do patrimônio cultural brasileiro, no contexto da imigração italiana no Rio Grande do Sul no século XIX. Relata o processo de seu reconhecimento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como patrimônio cultural imaterial do Brasil de seu inventariamento como referência cultural do patrimônio do País. Fundamentado nos conceitos da Museologia Social e nas determinações da UNESCO para proteção do patrimônio imaterial, teve seu caminho investigativo baseado na ideia de tesouros vivos do *talian*, obtendo depoimentos de pessoas representativas no processo de sua salvaguarda e difusão. Incluiu pesquisa documental *online* sobre as suas possíveis contribuições na literatura, teatro, música e *cartoon*, rádio televisão, redes sociais e associativismo. Conclui ao ressaltar a grande capilarização do *talian* em praticamente todas as formas e expressões de arte e cultura, além da importância dele na construção da italianidade como referência da identidade cultural dos descendentes dos imigrantes italianos.

Palavras-chave: Museologia. Museologia Social. Patrimônio Imaterial. Patrimônio Linguístico. Italianidade. Talian.

.

ABSTRACT

This research aims to investigate the contribution of talian in the construction of Brazilian cultural heritage, within the Italian immigration to Rio Grande do Sul in the nineteenth century. It reports the process of its recognition by the Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) as an intangible cultural heritage of Brazil from its inventory as a cultural reference for the country's heritage. Based on the concepts of Social Museology and Unesco determinations for the protection of intangible heritage, it had its investigative path based on the idea of living treasures of the talian, obtaining testimonies from representative people in the process of its safeguarding and dissemination. It included online documentary research on their possible contributions to literature, theatre, music and cartoons, radio television, social networks and associations. It concludes by emphasizing the great capillarization of talian in practically all forms and expressions of art and culture, in addition to its importance in the construction of Italianity as a reference for the cultural identity of the descendants of Italian immigrants.

Keywords: Museology. Social Museology. Intangible Heritage. Linguistic Heritage. Italianity. Talian.

SUMÁRIO

1 PRIME PAROLE.....	11
2 DALL'ITÁLIA NOI SIAMO PARTITI	18
2.1 Itália, uma colcha de retalhos	18
2.2 Brasil, o país de <i>la cucagna</i>	25
3 MÉRICA, MÉRICA, MÉRICA.....	36
3.1 Da Sereníssima República ao Brasil: uma aproximação histórica.....	37
3.2 O <i>Talian</i> e a Italianidade e suas relações com o patrimônio e a memória...	49
3.3 O Processo de reconhecimento do <i>talian</i>	62
4 A LA MÉRICA NOI SIAMO ARRIVATI.....	69
4.1 Tesouros vivos do <i>Talian</i>	71
4.1.1 Juvenal Dal Castel	72
4.1.2 Luís Agostinho Radaelli.....	74
4.1.3 Marcos Daniel Zancan	76
4.1.4 Frei Arlindo Itacir Battistel	78
4.1.5 José Clemente Pozenato	81
4.2 O <i>talian</i> no panorama cultural gaúcho	83
4.2.1 Literatura.....	83
4.2.2 Teatro, música e cartoon.....	89
4.2.3 Rádio, televisão e redes sociais	94
4.2.4 Associativismo	103
5 L'É UM BEL MASSOLINO DE FIOR.....	107
REFERÊNCIAS	112
APÊNDICE A - ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO DAS ENTREVISTAS.....	124
APENDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO	125
ANEXO A – TÍTULO DE REFERENCIA CULTURAL BRASILEIRA DO TALIAN. 	127
ANEXO B – CERTIDÃO DA COMISSÃO TÉCNICA	128

1 PRIME PAROLE

No século XXI vem ocorrendo uma profunda crise migratória no mundo. Milhares de pessoas, principalmente do Oriente Médio, África e Ásia, fogem de sua terra natal por conta de crises humanitárias, provocadas pelo colapso nos sistemas democráticos e rupturas no modelo econômico. Essas pessoas, distantes de suas referências, transformam-se em torrentes de refugiados que buscam em outros países condições dignas de sobrevivência as quais lhes foram subtraídas em seus países de origem. Enquanto isso, numa ação antagônica, alguns países europeus conhecidos por ondas migratórias no passado, hoje criam barreiras para imigrantes e refugiados do século XXI. Se o movimento antes se dirigia à Europa, hoje se ampliou para diferentes países do continente americano.

Eis que se repete, talvez em escala mais desumana, a situação outrora ocorrida no final do século XIX, quando vários países da Europa sofriam as consequências econômicas e geopolíticas deixadas pelas Guerras Napoleônicas e pelo pensamento liberal da Revolução Francesa que, liderada pela burguesia, aderiu à industrialização, que contribuiu, para deixar grandes massas de camponeses sem condições mínimas de trabalho e de sobrevivência.

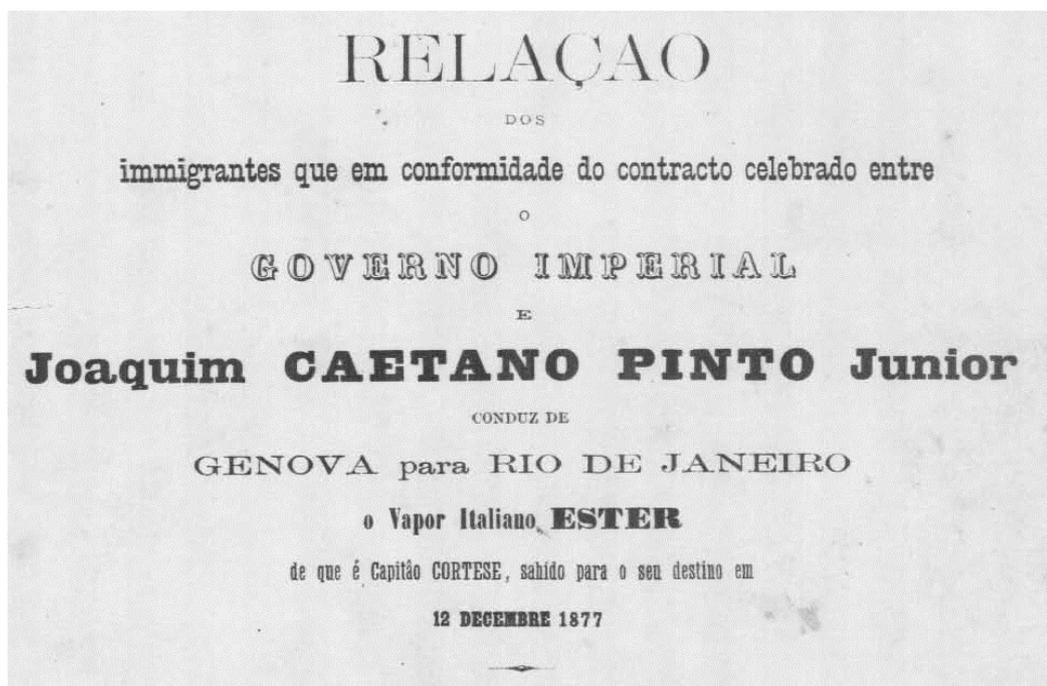
Não diferente do restante da Europa, a Itália, que antes de sua unificação e pacificação foi um mosaico formado por reinos, ducados, principados e até mesmo repúblicas, que tinham sua própria moeda, aduana e idioma diferentes, unidos tão somente por uma profunda crise socioeconômica. Unificada em 1870 ainda sofria com as péssimas condições socioeconômicas fruto, também, de sua estrutura social basicamente agrária, praticamente feudal. Essa conjectura foi o estopim para grande onda imigratória da Itália para as Américas.

Nesse período a Itália foi um território predominantemente agrícola, povoado por milhares de camponeses, em sua maioria sem qualquer instrução escolar, egressos de um sistema praticamente feudal. Essa população sofria com as altas taxas de crescimento demográfico, grave diminuição das oportunidades de trabalho e piora da qualidade de vida.

Foi nesse intrincado contexto político-social, em que a população, predominantemente camponesa, de baixa renda, se converteu num grande fluxo emigratório. Entre os destinos procurados, destacou-se o Brasil, que, baseado numa política de proteção de fronteiras implantada durante o Segundo Reinado (1840-1889) e na necessidade de substituição da mão de obra escravizada, lançou um conjunto de medidas legislativas para receber os imigrantes europeus.

Dessa forma, ainda na década de 1870 começam a chegar ao Brasil os primeiros imigrantes que, sem condições de pagar pela viagem, recorriam a contratos com agenciadores, pagos com recursos do Império do Brasil para trazer imigrantes europeus¹. Na figura 1, pode ser visto um modelo dessa relação contratual em uma lista de passageiros:

Figura 1
Detalhe de uma página da Lista de Passageiros no Navio Ester, 1877



Fonte: Arquivo Nacional, [doc. Eletrônico]²

¹ Por exemplo, o Decreto nº 5.663, de 17 de junho de 1874, em que o Império do Brasil se compromete a pagar 125\$000 pelos primeiros 50.000 imigrantes, 100\$000 pelos 25.000 seguintes; 60\$000 pelos últimos 25.000, e a metade destas subvenções pelos que forem menores de 12 anos e maiores de dois; pelos 100.000 imigrantes que o agenciador deveria trazer ao Brasil em 10 anos.

² Para acessar o documento é necessário *login* gratuito no site do Arquivo Nacional. Disponível em: http://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1017699&v_aba=1. Acesso em: 22 dez. 2019.

Foi por meio de desses contratos de agenciamento de imigrantes, que meu trisavô materno, Gerolamo Scotton, chegou ao Brasil em 1878 com sua esposa, Maria Magdalena Campagna, e o seu primogênito Vittorio. A bordo do Navio Ester (de bandeira Italiana), partiram do Porto de Gênova numa viagem que iniciou bem antes, ao saírem de sua cidade natal, a *Comune San Nazario*, na região do Vêneto até o Porto de Gênova, percorrendo uma distância de aproximadamente 406,7 km.

Como se pode observar na Figura 2, no detalhe da lista de 617 imigrantes do Vapor Ester constam os nomes dos meus antepassados. A maioria dessas pessoas, lombardos, trentinos, vênnetos, friulanos traziam consigo as nuances culturais de suas regiões, suas falas regionais, sotaques e costumes³. Tratava-se de diferentes culturas, numa Itália ainda em processo de consolidação como nação.

Figura 2
Lista de passageiros Navio Ester, detalhe Família Scotton

173	»	Gasparino	12	—	—	1	—	»	»
174	»	Bortolo	—	10	—	1	—	»	»
175	»	Maria	—	8	—	—	1	»	»
176	»	Adriana	—	3	—	—	1	»	»
177	»	Scotton Gerolamo	37	—	—	1	—	»	»
178	»	Maria	29	—	—	—	1	»	»
179	»	Vittorio	—	3	—	1	—	»	»
180	»	Mocellin Paolo	45	—	—	1	—	»	»
181	»	Bortolo	44	—	—	—	1	»	»
182	»	Vittoria	—	11	—	—	1	»	»
183	»	Paola	—	9	—	—	1	»	»
184	»	Ceccon Maria	55	—	—	—	1	»	»
185	»	Teresa	24	—	—	—	1	»	»
186	»	Battista	—	—	1.0	1	—	»	»

Fonte: Arquivo Nacional, [doc. Eletrônico]⁴

³ O período inicial da imigração italiana para a região sul do Brasil se caracterizou pela predominância de imigrantes da Região Norte da Itália.

⁴ Disponível em:

http://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1017699&v_aba=1. Acesso em: 22 dez. 2019.

Após desembarcar no Porto do Rio de Janeiro, os imigrantes seguiam viagem em vapores menores ou balsas rumo ao sul do país, onde encontravam uma realidade bem distinta da divulgada pelos agenciadores na Europa. Aqui os esperava uma terra selvagem, sem ferramentas, lotes completamente cobertos por vegetação nativa ainda por ser desbravados, pouca ou nenhuma infraestrutura para moradias, e tampouco todos os insumos para plantação. Essa também foi a realidade encontrada pelos meus antepassados ao se estabelecerem no lote nº 33, da Linha Leopoldina, em Bento Gonçalves, então chamada Colônia Dona Isabel.

Diversos são os relatos que ouvi, ainda na infância, sobre os primeiros tempos. As moradias eram improvisadas, montadas com lençóis de algodão. Grutas e raízes de grandes árvores também serviam de abrigo. Além disso, não tinham condições mínimas para pagar os lotes, e as primeiras casas de madeiras foram construídas pelas suas próprias mãos, desde a extração da madeira até seu beneficiamento. Portanto, em meio à falta de quase tudo, só permanecia viva a vontade de *Far la Mérica*.

É nesse contexto, dos primeiros anos da imigração italiana ao Sul do Brasil, que surge o *talian*, como uma língua, cuja base é a Língua Vêneto ou Veneziano, que tentava unir as diferentes línguas regionais dos imigrantes. Numa verdadeira Torre de Babel, trentinos, lombardos, vênéticos, e piemonteses foram agrupados de forma aleatória, sem observar suas regiões de origem, mas pela localização geográfica em que eram instalados pelo Governo. Como a distribuição de lotes coloniais tampouco tinha esse cuidado, era como se várias regiões da Itália se avizinhassem literalmente. Certamente, trata-se de um processo natural de construção linguística que não ocorreu de forma imediata, mas de maneira sedimentar, ou seja, aos poucos se formando no cotidiano das falas e vivências das comunidades de imigrantes.

Costumes e culturas regionais começam a interagir nas colônias, propiciando a formação de uma identidade cultural híbrida, decorrente da convivência constante entre pessoas das várias regiões, tendo o *talian* se constituído pela mescla dos diferentes falares regionais, para permitir uma melhor convivência e comunicação.

E nele, pela aculturação dos colonos, foram absorvidas também palavras da língua portuguesa. O resultado dessa pluralidade linguística formou o que se

denominou de *talian*⁵, objeto desta investigação. As línguas de imigração⁶, frutos da imigração, tanto por italianos quanto alemães, se fixaram numa escala tão grande, que, durante o Estado Novo (1937-1946) cuja política de construção de identidade nacional estava em andamento, e em decorrência da Segunda Guerra Mundial, foram proibidas de ser faladas. Isso, evidentemente, contribuiu para desprestigiar o uso e transmissão do *talian*.

Dados esses antecedentes, o *talian* acabou por ficar num certo ostracismo, sendo falado apenas no âmbito doméstico e rural. Porém, quando da comemoração do Centenário da Imigração, na década de 1970 e também do momento vivenciado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), com a ampliação do que era considerado patrimônio, incluindo as contribuições dos grupos minoritários na formação do Brasil, e fortalecimento do mosaico de culturas se iniciou um processo de recuperação e valorização da cultura ítalo-brasileira.

Apesar da forte influência italiana na cultura nacional, o *talian*, nascido no Brasil como estratégia de comunicação entre os diferentes migrantes, hoje enfrenta um gradual processo de desaparecimento. Com exceção de algumas cidades em que ele tem encontrado apoio político/social para sua preservação, é cada vez mais frequente seu desuso e esquecimento pelos descendentes mais jovens.

Desse modo, esta investigação se propõe a analisar qual o papel do *talian* na constituição do patrimônio cultural do Estado. Em que pese seu possível desaparecimento, quais as marcas que deixou na cultura nacional? Qual é a contribuição que ele desempenhou como referência para a constituição do patrimônio cultural do Brasil? Como descendente de um desses imigrantes que construiu essa língua, pretendo mostrar que, por sua força de integração merece ser mais bem estudado e valorizado.

Contudo, a justificativa teórica desta pesquisa se refere à importância da realização de estudos de questões que envolvem o patrimônio cultural, em que se situam as línguas de imigração, mais especificamente o *talian*. No caso específico do *talian*, que por ser uma língua, está sempre em construção/atualização, entendo que o seu desuso reverbera na possível perda de uma língua que representa parte

⁵ Conhecido também como Vêneto Brasileiro, Vêneto Sul-riograndense, Dialeto Vêneto, Dialeto Italiano Sul-riograndense, Dialeto Italiano, Coiné, Dialeção, Língua Falsa e Língua dos Nonos. Desde 2014, é reconhecido como uma língua, pelo próprio Título de Referência Cultural Brasileira. Desse modo, para esta pesquisa foi considerado uma língua.

⁶ Existem também línguas oriundas do processo de imigração alemã, polonesa, etc. ao Brasil.

da constituição de uma cultura ítalo-brasileira e da preservação de elementos que somente existem no Brasil.

Como procurei demonstrar até aqui, o objeto desta investigação se concentra em estudar, dentro do processo de imigração italiana na Região Sul do Brasil no século XIX, o *talian*, que foi incluído no Inventário Nacional da Diversidade Linguística do IPHAN e declarado Referência Cultural Brasileira pelo então Ministério da Cultura. Nesse sentido, pretendo responder às seguintes questões: em que aspectos do patrimônio cultural brasileiro se identificam contribuições do *talian*? e até que ponto o *talian* influenciou na arte, na cultura, na história, nos usos e costumes do Estado? ou mesmo, qual é a importância de se manter o *talian* vivo?

Portanto, para obter respostas a essas questões, o objetivo geral desta pesquisa é valorizar o *talian* como um elemento de memória que faz parte do patrimônio cultural imaterial do Brasil, já reconhecido pelo IPHAN como tal. Para chegar nesse ponto tenho como objetivos específicos a identificação das áreas do patrimônio nas quais o *talian* contribuiu para a formação de uma bagagem cultural do país, a análise da contribuição do *talian* como referência cultural, principalmente, para o Rio Grande do Sul. E, interpretar as relações de pertencimento dos descendentes de imigrantes com essa língua que é parte de suas raízes culturais. Propondo estratégias de reconhecimento e valorização do *talian* que permitam a continuidade de sua existência. Contribuindo para a valorização do *talian* como parte indissociável da cultura ítalo-brasileira existente na região da Serra Gaúcha, principalmente.

Todavia a proposta deste trabalho é original, ao objetivar fortalecer a contribuição do *talian* na formação do patrimônio cultural do país, em especial do Rio Grande do Sul, o que, naturalmente, fortalece e valoriza a riqueza do mosaico cultural brasileiro⁷. É também uma forma de valorizar a sua presença e de homenagear meus antepassados.

Se a atualidade é um período de migrações, em que idiomas e vozes estranhas se mesclam e se fundem, pessoas vêm e vão, e, como os imigrantes italianos, são embaladas pelo mesmo sonho de *fazer a América*, ou seja, com sonho de melhores condições de vida e sobrevivência. Assim sendo, a presente pesquisa

⁷ A denominação de mosaico cultural foi consagrada por Aloísio Magalhães. Cf. GONÇALVES, J. R. S. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MinCIPHAN, 2002.

pode frutificar em novos estudos, para contribuir na compreensão e acolhimento desses novos imigrantes, seus idiomas/falares e suas culturas. Servirá, enfim, para saber escutar a voz do outro.

O produto desta dissertação será a publicação dos seus resultados, sob a forma de um livro ou *e-book*, como estratégia para valorizar não somente o idioma, mas especialmente divulgar as interessantes contribuições que os seus tesouros vivos me propiciaram, que não podem ficar escondidas.

Produzida e escrita durante a pandemia da Covid-19, fato que trouxe alguns contratempos e restrições, como a dificuldade em obter acesso à bibliografia especializada em alguns tópicos, visto o fechamento das bibliotecas referência nessas temáticas. Esta dissertação só foi possível graças à colaboração de cada um dos depoentes, que mesmo adaptando-se a nova forma de inteiração, que se tornou remota pelas redes sociais, não impediu que a emoção de cada um em relação ao *talian* extravasasse nas palavras e no envolvimento.

2 DALL'ITÁLIA NOI SIAMO PARTITI

Conhecer os contextos sociopolíticos da Itália e do Brasil nesse período de grandes imigrações do século XIX se torna indispensável para compreender os elementos que levaram à criação das condições propícias para o surgimento do *talian*, no decorrer do assentado desses imigrantes em solo brasileiro. A saída da Europa em busca de uma nova vida, como veremos a seguir, representou uma mudança radical para essas pessoas. Significou o abandono de seus territórios, de suas memórias e de suas experiências. Mas era a única alternativa diante do quadro econômico que se apresentava na Península Itálica.

Bertonha (2008, p. 15) mostra essa ideia quando fala que:

No tocante ao tempo, contudo, as percepções se invertem e uma Igreja do século XVIII, por exemplo, que parece antiquíssima para um argentino ou um americano, é considerada história recente na França ou na Inglaterra. No Velho Continente, as camadas de tempo que envolvem as pessoas são mais densas influem muito mais na sociedade que ali se formaram do que em outros locais.

A Itália, com certeza, encaixa-se nesse padrão e acontecimentos de milhares de anos atrás ainda influem na cultura e no próprio modo de vida dos italianos de forma quase incompreensível para pessoas desacostumadas a isso.

Dessa forma, se faz necessário entender um pouco mais a História dessa península, observar suas concepções de tempo e espaço, que são bastante diferentes do que imaginamos no Novo Mundo. Bertonha (2008, p. 15) enfatiza que “sem o conhecimento desse passado, sem a História, entender o universo italiano seria difícil, talvez impossível”. Portanto, início uma imersão na história da península itálica como forma de contextualizar a história desse povo, sua maneira de pensar e sentir.

2.1 Itália, uma colcha de retalhos

O território da península por sua configuração geográfica sempre foi alvo de inúmeras ondas imigratórias, ao longo de sua história e pré-história. Essas ondas foram sucessivas, pacíficas ou de conquista, e vindas tanto do Leste como do Norte.

O contato dos povos primitivos, a chegada dos indo-europeus, passando pelos Etruscos até a colonização helênica na região da península, mostram “[...] como a Itália era um verdadeiro cadinho de culturas e civilizações já na Idade Antiga” (BERTONHA, 2008, p. 21).

Certamente, um de seus apogeus viria a partir da lendária fundação de Roma, cidade que seria palco de grandes mudanças para a península. Os romanos lentamente se erguem contra os reis etruscos e formaram o período que ficou conhecido como República. Gradativamente os romanos dominaram grande parte do mundo conhecido, tornando-se um vasto império, com um sistema de cooptação brilhante, onde os bárbaros que assimilassem a cultura e seus costumes poderiam aspirar à condição de serem considerados também romanos. Possibilitando que nascidos em províncias distantes, que nunca tinham pisado na cidade de Roma, fossem romanos.

Sendo nesse período ocorreu um processo de romanização das províncias, algumas mais intensamente que outras, mas na Itália é que esse processo se “aprofundou a tal ponto que se converteu em uma área quase homogênea onde todos falavam latim e seguiam o modo romano, e os termos romano e italiano passaram a se confundir [...]” (BERTONHA, 2008, p. 27). Entretanto, mesmo com esse desenvolvimento “é difícil acreditar que o Império pudesse ter evoluído para uma hegemonização, com todos os seus habitantes culturalmente romanos ou italianos, mas que a difusão da cultura romana teve grande sucesso, é um fato” (BERTONHA, 2008, p. 26).

E a península, berço do Império Romano, famoso por suas extensas possessões territoriais, forte poderio militar e riqueza do povo romano, chegou à Idade Média com seu território fragmentado e empobrecido. Silva e Mendes assim apresentam o processo de expansão e declínio do Império Romano:

O processo de expansão não foi, portanto, uniforme: nem o Império de uma cidade sobre um vasto território nem um Império de cidades homogêneas, mas um Estado articulado por uma relação entre um centro articulador e uma periferia explorada. Essa relação, no entanto, não foi duradoura. [...] Como se sabe, a unidade linguística conferida pelo uso oficial e literário do Latim e do Grego era apenas aparente e superficial [...] as populações locais continuavam se expressando em seus idiomas de origem [...]. Tampouco havia uniformidade étnica ou cultural. [...] O império estendia-se por dezenas de povos e comunidades que preservavam suas tradições [...].

Roma perdeu, pouco a pouco, sua posição de centro acumulador (SILVA; MENDES, 2006, p. 15-16).

Gradativamente o poder político e econômico do Império Romano foi enfraquecendo e, além das perdas das províncias, a própria península sofreu com invasões dos visigodos, vândalos, godos, ostrogodos, lombardos, dentre outros. Nesse período, aproximadamente, se destacaram também as repúblicas marítimas de Veneza, Gênova, Amalfi e Pisa. Ao longo do século III e IX, vários reinos se formam a partir da desintegração do Império Romano. E, no decorrer dos séculos X e XIII o norte da península acabou por ser incorporado ao Sacro Império Romano Germânico por algum tempo.

Segundo Bertanha (2008), na Itália, ao contrário de outros países da Europa (com exceção do período ativo da Peste Negra), nunca houve despovoamento ou redução significativa da população. O autor apresenta o resultado dessa fragmentação de forma muito clara quando fala sobre a identidade social da época:

Os habitantes da Itália se sentiam, provavelmente, cristãos, súditos de um rei específico, no basileu bizantino ou do imperador germânico ou orgulhoso cidadão de Veneza [...]. Também tinha profunda identificação com sua aldeia natal. [...]. Esse sentimento de que genoveses, pisanos, romanos ou venezianos, apesar da intensa rivalidade entre si, tinham algo em comum, foi se desenvolvendo aos poucos e ficou restrito às classes ricas e cultas. [...] Mas mesmo identificando laços comuns entre si, a lealdade a seu grupo social e a sua religião de origem era predominante e eles dificilmente poderiam ser considerados, ou se considerariam, "italianos". [...] Ali, não viviam italianos, mas habitantes e cidadãos de dúzias de repúblicas e reinos cujas identificações eram mais amplas (católico, ocidental) ou mais restritas (milanês, veneziano, toscano) do que a definição de "italianos" (BERTONHA, 2008, p. 33,34. Grifo do autor).

Portanto, essa fragmentação política e geográfica dificilmente seria palco para a constituição de um sentimento de estado-nação na Península Itálica naquela época. Essa situação se agravaria com a Idade Moderna, visto que no restante da Europa, as monarquias de Portugal, França e Espanha, entre outras, procuravam intensificar seus domínios sobre essas particularidades regionais.

Todavia, isso não aconteceu na Alemanha e especialmente na Itália, onde uma nobreza mercantil poderosa barrou esse processo. Nesse intrincado contexto

geopolítico, também as características linguísticas se constituíam numa verdadeira colcha de retalhos, já que cada região possuía sua língua (vêneto, friulano, piemontês, etc.). (BERTONHA, 2008).

Enquanto o restante da Europa rumava para uma centralização político-administrativa, a Itália seguia em um caminho oposto, num processo impactaria diretamente no futuro da península. Nesse descompasso a Itália continuava sendo uma região superpopulosa, com dez ou onze milhões de habitantes, enquanto que a Espanha, por exemplo, possuía apenas sete milhões. “E também continuava sendo a terra das grandes cidades como Nápoles, Milão, e Veneza [...]” (BERTONHA, 2008, p. 35). Ainda assim, a Itália foi berço do Renascimento, um movimento de efervescência cultural e artística como poucos da História, fruto de sua aristocracia mercantil.

Posteriormente, o crescimento do capitalismo industrial (1760-1840) teve impacto não somente na Europa, mas também no restante do globo. O capitalismo industrial levava a um aumento da produção de bens de consumo de uma forma nunca antes vista, sobrepujando a produção artesanal. Esse aumento de produção precisava ter uma vazão, cuja solução seria a expansão em direção aos mercados coloniais.

Com o custo da mão de obra mais caro que da matéria prima, ocorreu a Grande Depressão na Europa, o que impulsionaria a partir de 1873 a emigração de italianos. (GIRON,1980). Com Napoleão Bonaparte (1769-1821) e sua corrida expansionista, o norte da Itália foi invadido, sendo criada a República Cisalpina, com anexação do Piemonte, Gênova, Toscana e Estados Papais ao território francês.

Mesmo com o colapso desse sistema e a tentativa de restauração da velha ordem, a partir de 1815, a Europa não seria mais a mesma. Pensando apenas no campo administrativo, as conquistas napoleônicas introduziram, por toda a Europa, alguns dos preceitos mais caros da Revolução, como investidas contra os privilégios feudais, da nobreza e do clero, princípios de organização e eficiência baseados no mérito e no serviço militar obrigatório, para citar apenas alguns. Mesmo com resistências populares a alguns desses princípios, sobretudo o serviço militar, e a derrota de Napoleão, o novo modelo de Estado tornou-se dominante na Europa (BERTONHA, 2008, p. 47).

Desse modo, até 1870 não existia ainda o conceito de Itália que conhecemos hoje, mas talvez, apenas de uma Península Itálica dividida em Ducados, Reinos, e Estados Pontifícios, como podemos observar a Figura 3:

Figura 3
Mapas da Itália antes da Unificação



Fonte: BOSISIO (1959).

Todavia, já estava configurado o pano de fundo para revoltas nacionalistas. Essas regiões passavam por condições socioeconômicas precárias, resultado das guerras napoleônicas e dos movimentos pela unificação:

As guerras de unificação da Itália com todos os males que trouxeram: a ocupação sucessiva por diversos exércitos do norte da Itália, com danos à propriedade, desrespeito à dignidade da família, impedindo ou devastando plantações, aumentando a miséria por toda a parte. [...] trouxe a perda de um mercado mais poderoso, o da Áustria, quer para a colocação do produto, quer da mão-de-obra disponível, complicando, ainda mais a situação do norte da Itália [...] (COSTA, 1986, p. 11).

O *Resorgimento* foi um movimento que buscou entre 1815 e 1870 a unificação política da Itália. Surgiu como consequência do Congresso de Viena (1815) quando a península foi dividida e subjugada entre as potências europeias da época. Com as primeiras tentativas de unificação, aconteceu uma sucessão de outras revoltas internas, que perduraram até 1847: “A unificação italiana teve papel fundamental na construção dessa situação, pois foi com ela que a Itália se formou como mercado capitalista unificado, o que permitiu a entrada da concorrência capitalista no campo e acentuou a crise camponesa.” (BERTONHA, 2008, p. 84).

Após anos de conflitos revolucionários e nacionalistas, em que se destacaram Giuseppe Mazzini e Giuseppe Garibaldi, sob a liderança de Vitor Emmanuel II (então, rei da Sardenha) trouxe a unificação com a ascensão da Casa de Saboia, quando a Itália passa a existir de forma mais concreta. Porém Trento, Roma e o Vêneto somente foram anexados algum tempo depois (GOOCH, 1991).

No Risorgimento, ocorreu o último reflexo da “tendência histórica” da burguesia italiana a se manter nos limites do “corporativismo”: não ter resolvido a questão agrária é a prova deste fato. Mas os vestígios do universalismo medieval também se encontram em Mazzini e determinam seu fracasso político; porque, se, na corrente moderada, o neoguelfismo foi seguido pelo cavourismo, o universalismo mazziniano no Partido de Ação não foi praticamente superado por nenhuma formação política orgânica e, ao contrário, permaneceu como um fermento de sectarismo ideológico e, portanto, de dissolução (GRAMSCI, 2002, p. 239).

Contribuindo para essa situação, a supressão alfandegária regional imposta aos produtos industriais a partir da década de 1860, atingiu em cheio o sistema artesanal de produção. Os moradores do campo ficaram entregues à renda da produção do campo, que passava por péssimas colheitas e que, aliado ao aumento exagerado de impostos, ficaram na pobreza. Essa ampliação dos impostos era uma tentativa do governo em obter recursos para recuperar-se do atraso histórico que a Itália sofria no campo das obras públicas, principalmente nas linhas férreas. Desse modo, o déficit do orçamento público de 19,5 milhões de liras subiu para 2,17 bilhões em menos de seis anos (COSTA; DE BONI, 2011).

A Itália era eminentemente um país agrícola e carente de minerais, como carvão, ferro ou petróleo. Sua indústria se concentrava na região norte, sendo predominantemente têxtil e dependente de capital externo, sem conseguir absorver a mão de obra excedente do campo (DE BONI; COHEN; DACANAL, 1980).

Para salvar as finanças estatais, em 1866 o governo passa a introduzir políticas drásticas, medidas essas que espantaram os créditos internacionais e atingiram diretamente os pobres, com diversos impostos, como, por exemplo, *tassa sul macinato*⁸. Nos anos seguintes começou a crescer a oferta de cereais estrangeiros com preços mais acessíveis do que os produtos agrícolas regionais, o que reduziu a produção agrícola interna. As terras pertenciam a grandes latifundiários, que tendiam ao crescimento, e os poucos pequenos produtores⁹ que eram proprietários de suas terras, se viram obrigados a arrendá-las ou vendê-las para sobreviver, vítimas dos altos impostos (COSTA; DE BONI, 2011). Cabe enfatizar, como nos apresenta Franzina (2006) a realidade vista sob a ótica dos latifundiários anti-imigrantistas, que faziam propagandas negativas frente à onda emigratória, visto que temiam a falta de mão de obra barata para manutenção de suas lavouras.

A oposição era tênue, ora forte [...], partia das classes dirigentes, que pareciam seguir de forma submissa as opiniões sustentadas há muito pelos proprietários de terra e pelos grandes arrendatários, firmes na negação absoluta da legitimidade econômica e moral, mesmo antes que estes assumissem dimensões preocupantes. (FRANZINA, 2006, p. 36)

Entretanto, “[...] a situação precedente, de mal-estar nos campos, foi se transformando em estado de miséria endêmica, capaz de afligir então todos os trabalhadores agrícolas”. (*Op.cit*, p. 42). Assim, a fome e a desnutrição passaram a assolar a vida dos camponeses, assim descritos por Costa e De Boni:

A carne desapareceu praticamente das mesas, sobrando para os pobres a perspectiva de matar alguns passarinhos para complementar o regime

⁸ Imposto do Reino da Itália sobre a moagem do trigo e dos cereais em geral.

⁹ A maioria arrendava terras para plantar.

alimentar. Aumentava, entretanto, o consumo de produtos à base de milho, principalmente a polenta. A subnutrição trazia consigo a predisposição para inúmeras doenças, [...]. A pelagra, uma forma de avitaminose, devido ao consumo quase exclusivo de milho grassava assustadoramente no Norte [da Itália] [...]. (COSTA; DE BONI, 2011, p. 68).

O excesso de pessoas no campo, a falta de alimento para a população, os altos tributos e as lutas dos operários nas indústrias têxteis, se tornaram o pano de fundo para uma revolução social. Desse modo, pode-se afirmar que o movimento de emigração dos italianos está diretamente relacionado aos fatores políticos de sua unificação.

A primeira grande onda imigratória proveniente da Itália para o Brasil teve início por volta de 1875, com a chegada dos primeiros imigrantes majoritariamente do norte da Itália, especialmente trivênetos e lombardos, ao porto do Rio de Janeiro. Como afirma Franzina (2006, p. 36, 37):

São os pequenos proprietários e os meeiros que partem primeiro, sofrendo os efeitos de um processo de expulsão- atração ainda não bem articulado [...] a promoção do fluxo de áreas bastante homogêneas do Norte da Itália (as primeiras partidas envolvem, de fato, além áreas venetas, as faixas às montanhas do Piemonte e da Lombardia) [...]

Tratava-se de uma medida para substituir a mão de obra escravizada, e também para colonizar a região sul do País que à época se constituía numa região de fronteiras instáveis (BATTISTEL; COSTA, 1982). Todavia, essa empreitada ultramarina não foi nada fácil.

2.2 Brasil, o país de *la cucagna*

Em contraponto a situação vivenciada pela recém unificada Itália, o Brasil estava de portas abertas aos imigrantes europeus, que tinham do Brasil a imagem da *cucagna*, isso é, de um país de maravilhas e fortuna. Com a maioria do Imperador Dom Pedro II, em 1840, e recentes vitórias militares no Plata (1851-1852)

o Brasil vivia um período de significativo crescimento econômico e unidade interna nacional, o que permitia às elites observarem outras necessidades que balizassem um projeto de desenvolvimento nacional – a questão da substituição da mão de obra escravizada, a política de terras, uma política de desenvolvimento interno, e a política de imigração que estava vinculada a um projeto de branqueamento da população brasileira¹⁰. (MACHADO, 1999).

O café passava a ser o principal produto de exportação brasileiro demandando mais mão de obra. E a produção pecuária Sul-rio-grandense recuperava fôlego após os anos de Revolução Farroupilha¹¹ (1835-1845). Sendo a elite política brasileira fortemente influenciada por sua formação em Coimbra, baseada na tradição pombalina que conseguiu reverter a decadência do Antigo Regime em Portugal, teve a capacidade de administrar para além dos interesses dos grandes latifundiários, construindo um projeto de desenvolvimento, diversificação e ampliação da estrutura socioeconômica do país. (MACHADO, 1999), (IOTTI, 2010).

Pretendendo solucionar as questões referentes à imigração e concomitantemente à substituição de mão de obra escravizada, um programa de imigração passou a ser desenvolvido a partir dos anos de 1840 aproximadamente, se estendendo até início do século XX.

Em 1850, quando, por ingerência inglesa, proibiu-se definitivamente o tráfico de escravos, pareceu evidente que o recurso ao trabalhador europeu era a solução mais viável para a evitar a desativação da produção agrária. Legislando a respeito e procurando atrair mão-de-obra, o parlamento elaborou a Lei-geral 601 de 18.09.1850, oferecendo naturalização após 2 anos de chegada, dispensa do serviço militar [...]. Com essa medida esperava-se que o imigrante pobre, antes de amealhar o dinheiro suficiente para aquisição de uma gleba, viesse a trabalhar por certo tempo nas lavouras de café [...] (DE BONI; COSTA, 1991, p. 66).

¹⁰ SEYFERTH, G. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, XXV. **Anais...** Rio de Janeiro, 2001. disponível em: < <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/25-encontro-anual-da-anpocs/st-4/st10-3/4610-gseyferth-colonizacao/file> >. acesso em: 06 nov. 2021.

¹¹ A Revolução Farroupilha foi um conflito armado conhecido como revolução ou guerra regional, de caráter republicano do Rio Grande do Sul contra o governo imperial do brasileiro, declarando a independência da então, província como um estado republicano, dando origem à República Rio-Grandense. Estendeu-se de 20 de setembro de 1835 a 1 de março de 1845.

Machado (1999, p. 11,12) afirma que “[...] o novo Governo liberal tinha que dar resposta às demandas de médio prazo da grande lavoura, [...] no que diz respeito à transição do trabalho escravo ao trabalho livre, processo politicamente “administrado” com a Lei de 1871, mas não resolvido.”, claramente uma alusão à imigração como solução rápida para substituição de mão de obra. “O Brasil deveria planejar uma política de imigração e colonização que utilizasse a necessidade de colonização para a pequena propriedade, no Brasil meridional, e para atrair imigração à grande lavoura” (MACHADO,1999, p. 66).

Assim sendo, entre 1850 e 1860 o Governo Imperial atuaria em iniciativas políticas que estimulassem a imigração, oferecendo as condições ideais como isentar a ancoragem de navios que trouxessem imigrantes, entre outras, que possibilitassem a empreendedores privados aderissem a esse projeto, seguindo exemplos Norte Americanos e Australianos “[...] para melhor atração de imigrantes “honrados” (MACHADO,1999, p.69).

O fim da Guerra do Paraguai (1864-1870) e a aprovação da Lei do Ventre Livre¹², fez acelerar a vinda de imigrantes para suprir a mão de obra nos grandes latifúndios. Assim, após várias tentativas de operacionalização da política de imigração e certa instabilidade política acerca da responsabilidade na execução da política de imigração, se governamental ou não, a partir de 1870 vigoraram os contratos de transporte de imigrantes onde o transporte e propaganda ficavam a cargo dos empresários – sendo um dos principais contratos assinado com o empresário Caetano Pinto em 1874, e a introdução e assentamento por conta do Governo Imperial (MACHADO,1999).

Para virem ao Brasil, muitos dos camponeses vênnetos “[...] vendiam em geral todas as coisas, animais e móveis da casa e, frequentemente, se tinham um pedaço de terra, vendiam-no também, como acontecia, sobretudo, no caso dos beluneses e trentinos.” (FRANZINA, 2006, p. 263). Tudo na esperança de uma nova vida e novas oportunidades.

Na figura 4, podemos observar a partida dos imigrantes italianos representada na pintura de Angiolo Tomasi:

¹² BRASIL. **Lei nº 2.040, de 28 de setembro de 1871 [Lei do Ventre Livre]**. [Declara condição livre os filhos de mulher escrava que nascerem desde a data desta lei, libertos os escravos da Nação e outros, e providencia sobre a criação e tratamento daquelles filhos menores e sobre a libertação annual de escravos]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim2040.htm. Acesso em: 22 out. 2021.

Figura 4
A saída dos imigrantes, de Angiolo Tomasi, pintura sobre tela de 1896



Fonte: Acervo da Galeria de Arte Moderna em Roma, Itália¹³.

A viagem para *il paese de la cucagna*, ao país da fortuna, não seria simples, como podemos observar:

A partida, porém, era o começo de muitas decepções. Chegadas a Gênova, às vezes tinham que esperar durante dias, semanas e até meses, submetidos a todo tipo de exploração. [...] embarcava-se, enfim, muitas vezes sem saber que o navio acabaria trocando de rumo e deixando nos Estados Unidos quem vinham para o Brasil, e vice-versa. [...]. Não raras eram as mortes, e os mortos enrolados em um lençol, eram lançados no mar. Por vezes havia peste [...] (DE BONI; COSTA, 1991, p. 94).

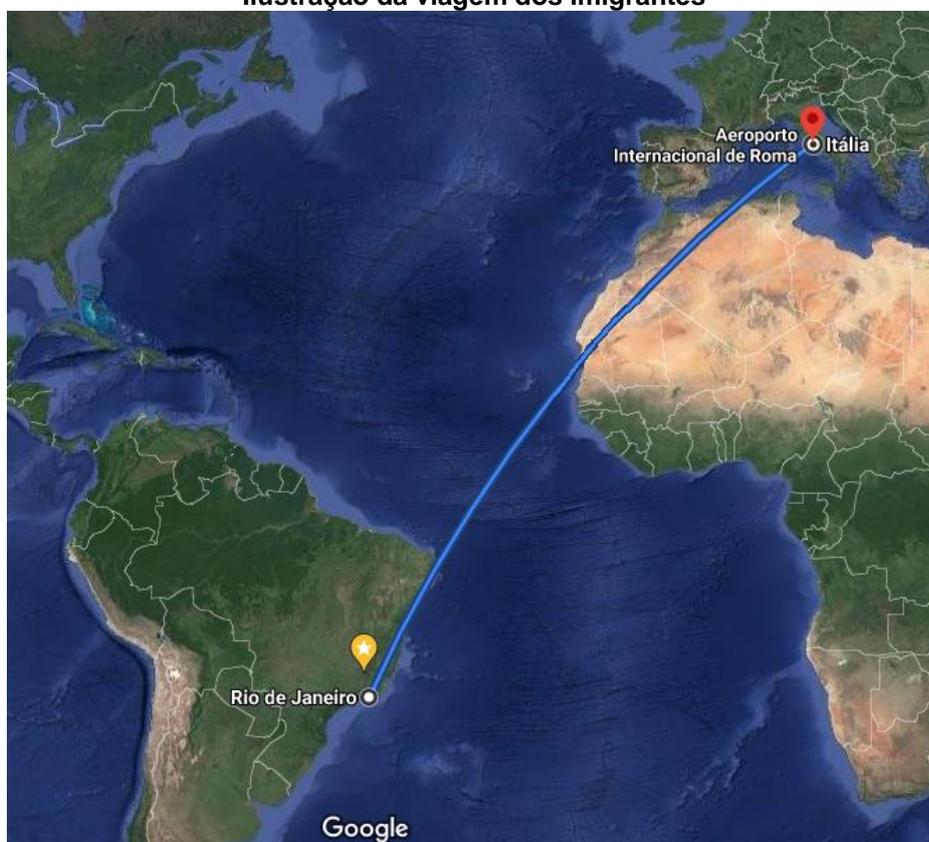
¹³ Disponível em: <<http://projetopipnuk.blogspot.com/2012/10/a-imigracao-italiana-e-o-nucleo.html>>. Acesso em: 24 jul. 2020.

A chegada em terra firme não seria uma garantia de tranquilidade, mas sim, a certeza de novas privações:

Se a viagem pelo oceano fora calamitosa, a chegada ao Brasil não foi mais promissora. Confusão e privações no Rio de Janeiro, e depois, muitas vezes, tentativas de engano por parte dos fazendeiros paulistas, que em Santos, procuravam desviar para os cafezais as levas de imigrantes (DE BONI; COSTA, 1991, p. 100).

Como podemos observar na figura 5 abaixo, é um longo percurso para ser realizado de navio a vapor e com quase nenhuma condição sanitária.

Figura 5
Ilustração da viagem dos imigrantes



Fonte: GoogleEarth (adaptado pelo autor).

Nessa época o desembarque era predominantemente no Rio de Janeiro onde ficavam as hospedarias destinadas a acolher os imigrantes, sendo a primeira a Hospedaria Ilha das Flores instaurada oficialmente em 1883:

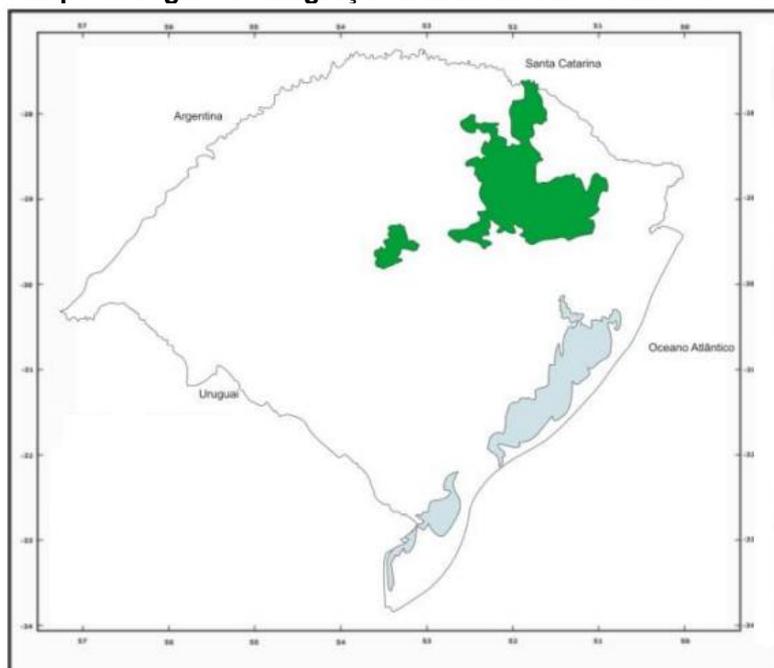
Com a construção de um grande galpão, capaz de abrigar comodamente 1.000 indivíduos de uma só vez, a Ilha das Flores se converteu em local de registro, de controle médico-sanitário e de encaminhamento dos imigrantes para o lugar de destino. Desse modo, em termos de logística, a criação da Hospedaria da Ilha das Flores foi a política imigratória mais importante do governo imperial, pois, a partir da sua instauração, o Estado passou a regular os serviços de recepção e hospedagem dos imigrantes. (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, site institucional).

Após as agruras e infortúnios passados nas hospedarias, os que conseguiram partir para seus destinos em uma “[...] viagem atribulada pela costa brasileira em navios onde frequentemente os pobres eram alojados como os escravos, e da mesma forma tratados, chegava-se enfim ao Porto de Rio Grande” outros tantos rumaram para as lavouras de café no estado de São Paulo.

A saga não terminaria tão cedo, [...] os colonos foram ‘enviados’ a um subúrbio próximo à cidade e confinados num barracão que chamam ‘Casa dos Imigrantes’. Foram colocados num salão, completamente nus e bastante sujos” (DE BONI; COSTA, 1991, p. 104).

De Rio Grande ou Porto Alegre, seguiam viagem em barcos menores por via fluvial até São Sebastião do Cai ou Montenegro, “[...] e após, novamente, as privações: viagem dos adultos a pé e as crianças em cestos, nos cargueiros [...]” (DE BONI; COSTA, 1991, p. 106). Essa região da Serra Gaúcha é caracterizada pela elevação relativamente alta, entre 400 e chegando até 1.300 metros a cima do nível do mar. Na figura abaixo podemos observar a Região de Colonização Italiana - RCI (Figura 6) no Estado do Rio Grande do Sul:

Figura 6
Mapa da região de imigração italiana no Rio Grande do Sul



Fonte: Neto (2017, p. 11, adaptação do autor).

Encerrada a epopeia da viagem, chegados finalmente nas colônias, formam alojados em barracões improvisados, construídos pelo governo para receber os recém-chegados. Bem diferente do que sonhavam ao partir, as dificuldades persistiam e se ampliavam no Brasil:

[...] tratava-se de mais um capítulo da via sacra. Conta Ludovico Maestri, emigrado em 1876: “no almoxarifado distribuía-se farinha podre aos imigrantes. Quis a sorte, porém, que tivéssemos uma boa safra de pinhões”. E o agente consular Luigi Petrocchi, no início do século, diz que a administração “distribuía uma pequena porção de farinha de milho estragada, outra de feijão bichado e um pedacinho de toucinho [...] e já era uma grande coisa quando se dava sal a quem pedia açúcar”. [...]. Muitos, apavorados com a vida no barracão, preferiam construir tendas de lençóis, e residir nelas. [...] Giuglio Lorenzoni recordando o ano de 1878 narra [...] “Não passava dia em que não se houvesse o lamentar uma ou mais mortes. A solução, em muitos casos, era pô-los dentro de uma barrica das que nos chegavam com bolachas, que nos eram distribuídas por falta de pão fresco, e enterra-los nas encostas de um morro vizinho [...]”. (DE BONI; COSTA, 1991, p. 108-112, *passim*)

A chegada e assentamento no tão sonhado país de *la cucagna* não seria garantia de vida fácil. Outrossim, um solo de muitas privações, principalmente nos primeiros anos, “era preciso construir um rancho, manter o fogo aceso dia e noite para espantar as feras, derrubar a mata, queimá-la, plantar e esperar a colheita, contando com as próprias forças e com as promessas e esporádicos auxílios do poder público através do trabalho de abertura de estradas” (DE BONI; COSTA, 1991, p. 114).

Desse modo, mesmo com as dificuldades encontradas, ainda era um lugar para construção de uma vida nova, em comparação à realidade que vivenciavam na Itália. Franzina (2006, p. 71) apresenta algumas comparações que didaticamente proporcionam uma ideia da realidade da época quanto aos salários dos agricultores:

[...] Lancemos um olhar sobre os salários pagos aos agricultores no Estados Unidos da América e julguemos seriamente se, conhecidas tais cifras, o nosso camponês pode esquecer a ideia da partida [...]. Façamos também uma comparação com as nossas medias mensais atuais e observemos quanta distancia existe entre elas! Entre nós uma média mensal, incluindo comida e pagamento em dinheiro, chega a 60 liras; na América está entre 140 e 150.

Dessa forma, ao se instalarem em terras brasileiras, foi necessário que na nova pátria criassem estratégias que os fortalecessem como grupo e que permitissem a sua sobrevivência de forma mais digna. Como resultado, se forjou um forte espírito cooperativo e nasceram as associações de mútuo socorro:

Uma forma de associação comum entre os imigrantes foi a criação das sociedades de mútuo socorro que ofereciam, de modo geral, proteção aos integrantes. Os nomes das sociedades lembravam algum herói italiano ou membro da Casa Real da Itália. Buscavam difundir o sentimento de italianidade com a comemoração das datas nacionais italianas, o culto à memória da família real e dos heróis da península, fomentavam campanhas para a arrecadação de donativos enviados para a Itália, a escolarização e a prestação de auxílio aos associados (LUCHESE, 2011, p.1, 2).

Biondi (2012, p. 76) contribui com esse tema quando fala sobre a importância da experiência associativista levada a efeito nas colônias de imigração italiana:

A formação de associações italianas de socorro mútuo no Brasil foi parte importante da experiência migratória dos milhares de italianos que se estabeleceram temporária ou definitivamente no País desde as últimas duas décadas do período imperial. Assim como na Itália recém-unificada (1861), também nos locais de imigração os italianos foram sujeitos ativos de processos agremiativos parecidos com os que estavam ocorrendo em suas regiões de origem antes e durante a emigração.

Inúmeras foram as associações criadas ao longo do período de imigração, foram clubes sociais, sociedades escolares, associações desportivas, teatrais, musicais, filantrópicas, entre outras. Mas independentemente do objetivo específico de seu surgimento como “[...] a Sociedade Comemorativa e Beneficente Italiana Giuseppe Mazzini [...] fundada em 1887, tendo como um dos principais objetivos a constituição de uma agência consular em Quaraí, algo que não ocorreu [...] [mas] nem por isso a associação deixou de existir e incorporar novos objetivos” (CONSTANTINO; RIBEIRO, 2005, p. 93). O importante é que essas iniciativas frutificaram, absorveram novas finalidades e serviram de suporte aos imigrantes. Garantindo condições de sobrevivência, coesão social, fortalecimento de suas características identitárias, além dos aspectos observados por Constantino e Ribeiro (2005, p. 94):

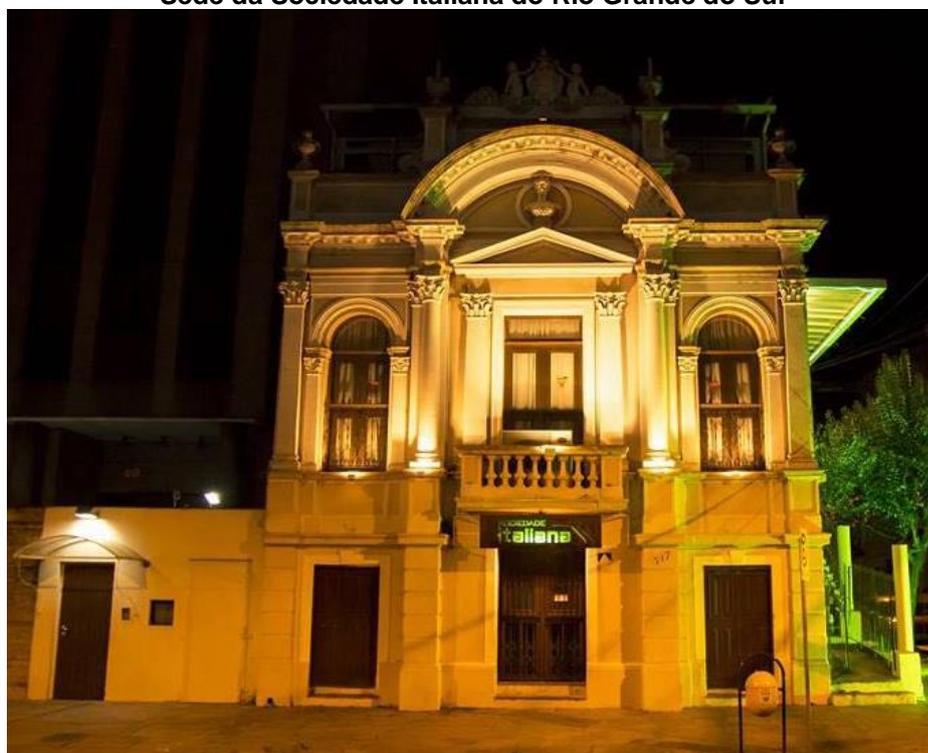
Deliberar procedimentos em assembleias, eleger democraticamente diretorias, encaminhar decisões relativas a bens e serviços coletivos, estabelecer redes de contatos, não são elementos de pouca importância e, pelo contrário, são aspectos que têm recebido cada vez maior atenção de pensadores interessados na eficiência política e econômica das redes sociais. Estes seriam dos principais méritos das associações, capazes de fomentar o interesse na dimensão pública, sem se confundir com o Estado

É importante destacar que nesse contexto associativista os imigrantes não eram isentos de posições políticas, afinal eram filhos de seu tempo. Entre eles existiam revolucionários carbonários, conservadores monarquistas, revolucionários socialistas, entre outros, além de católicos e maçons (CONSTANTINO; RIBEIRO, 2005). E essas nuances também perpassaram essas associações, tanto que “[...] quando as “camisas negras” dos fascistas e as “camisas verdes” dos integralistas

começaram a circular na região, o amor pela liberdade falou mais alto, e a reação foi violenta” (CONSTANTINO; RIBEIRO, 2005, p. 74), isso demonstra a importância social e política dessas associações.

Algumas dessas iniciativas sobreviveram às políticas nacionalistas da Era Vargas e ainda existem como é o caso da *Societá Principessa Elena di Montenegro*, atual Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul¹⁴ (Figura 7) que oferece uma gama de atividades culturais e curso de língua italiana, ou a Banda Musical Italiana Gioachino Rossini da cidade de Rio Grande, fundada em 1890, e que ainda está em atuação¹⁵.

Figura 7
Sede da Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul



Fonte: Site Institucional da Sociedade¹⁶.

Portanto, esse é o panorama que caracterizou a diversidade identitária nas colônias de imigração italiana. Da colcha de retalhos de onde provinham, e sob a

¹⁴ <http://www.sociedadeitaliana-rs.com.br/>

¹⁵ https://www.facebook.com/bandarossini1890/about/?ref=page_internal

¹⁶ <http://www.sociedadeitaliana-rs.com.br/salao-nobre/>

tensão dos primeiros anos no país da abundância, estratégias se fizeram necessárias para manter coeso o sonho de *far la américa*. Além das associações, a gastronomia em comum, a origem campesina da península, eram os elementos do patrimônio cultural que traziam da Itália, e a eles se agregou novos elementos, que surgiu aqui, da necessidade de convivência e sobrevivência: ao *talian*, surgido da mistura dos falares regionais, sendo agregados elementos da língua portuguesa.

3 MÉRICA, MÉRICA, MÉRICA

Nesse tão sonhado país de *la cucagna* nasceria uma nova língua, o *talian*, fruto de uma mescla linguística cujas condições de formação somente ocorreram no Brasil, tendo diversos fatores contribuído para o seu surgimento. Heredia e Paviani (2003, p. 81) reforçam a importância da língua de uma comunidade na construção de sua cultura.

Um ponto de partida comum afirma que a língua natural é traço mais notável de uma cultura. Se essa premissa pode ser considerada como verdadeira, por ter sido investigada por muitos antropólogos, linguistas e filósofos, é de se supor que a língua e os estudos linguísticos sejam, de certo modo, expressões, representações ou construções dos valores de uma determinada cultura.

E é sobre essa formação cultural ocorrida no Rio Grande do Sul com a chegada dos imigrantes italianos e constituição dos seus primeiros núcleos populacionais, entregues a uma realidade bem diferente da propagandeada na Europa. As condições aqui encontradas, tanto de sobrevivência como de cuidado no assentamento dos imigrantes, proporcionaram um ambiente cultural único.

Essa cultura híbrida formada aqui pela convivência de diversas regiões italianas e com os costumes nativos (luso-brasileiros), é denominada de *cultura taliana* e envolve todas as tradições, costumes e a língua formada a partir da imigração e transferida de geração para geração de seus descendentes. Por isso, seguimos essa pesquisa apresentando as relações existentes entre o *talian* e os aspectos referentes à italianidade, ao patrimônio cultural, e à memória.

Mas antes de adentrar nesses aspectos que se relacionam com o *talian*, precisamos entender seu surgimento/formação por meio de sua história. E também como o *talian* se tornou parte indivisível dessa *cultura taliana*, ou seja, toda a forma de cultura específica dos descendentes desses imigrantes italianos (dança, música, folclore, gastronomia, jogos, religiosidade, festejos, etc.) que surgiu como decorrência da imigração italiana.

3.1 Da Sereníssima República ao Brasil: uma aproximação histórica

Seria praticamente impossível tentar estabelecer uma data exata para a formação de uma língua, visto que teríamos que nos aventurar na história do próprio povo falante e **em questões linguísticas que não são o foco desse estudo**, mas certamente podemos nos aproximar de sua formação, num breve contexto histórico. Estabeleceram no ano de 697 d. C. a Sereníssima República de Veneza, um Estado no nordeste da península, cuja capital seria Veneza. Um grande poderio do comércio marítimo, berço de uma rica cultura que conheceria o seu fim somente em 1797, com a invasão pelas tropas de Napoleão Bonaparte. Darcy Loss Luzzatto resume essa epopeia de forma muito didática no documentário: *Talian - La nostra vera lingua madre*¹⁷, como observamos a seguir:

Há 8.000 anos a nossa gente partiu do Sul da atual Rússia, das planícies dos Rios Don e Volga, e primeiro foram para o oeste e depois para o Sul e se estabeleceu na Pafragônia, no Sul do Mar Negro, e de lá foram subindo os Rios Danúbio, Sava e Drava e se estabeleceram no atual Vêneto da Itália. Aquele que foi um simples refúgio se transformou em uma bela cidade, a mais bonita do mundo, para nós que temos sangue vêneta, é a mais bela de todas. E no final do século XVIII surgiu um delinquente chamado Napoleão Bonaparte que levou embora de tudo, e levou embora também a nossa milenar República de Veneza, ela terminou em 1797. Perdemos tanto que de 1797 em diante, ficamos sob as ordens de outros [França e posteriormente a Áustria] e então depois de mais de 100 anos de doenças, de fome, de sofrimentos, a nossa gente quando teve a primeira oportunidade de ir embora, foi embora!

O fim da Sereníssima República de Veneza trouxe também um *desvенеziamento* da região, tirando os vêneta dos postos de comando (da polícia, justiça, administração pública, etc.), e incentivando a imigração de sérvios e croatas para o norte da ex-República de Veneza como forma de fragilizar politicamente o idioma. Isso, entretanto não extinguiu o idioma, sendo falado em toda a região até hoje (CAVALLIN, 2001, tradução nossa).

¹⁷ Disponível em: <https://youtu.be/cia34bTSvIs>. Acesso em: 02 nov 2020.

A Itália ainda é um dos países da Europa com maior quantidade de dialetos, como podemos observar na afirmação de Rohlfs¹⁸ (apud MARCATO, 2002, p. 12, *tradução nossa*):

Entre as nações europeias, a Itália tem o privilégio de ser, certamente, o país mais dividido em seus dialetos [...]. Todo viajante que, começando pelo Piemonte, passando pela Ligúria, Toscana, Lácio e as províncias napolitanas, e vai à Sicília, pode perceber essa situação [...].

E a razão para tal ocorrência assim se apresenta:

Os dialetos italianos são o resultado de um processo de transformação e diferenciação do Latim amplamente falado, através da conquista romana, não só na Itália, mas em grande parte da Europa e ao longo da costa do Norte da África. O Latim, originalmente, era a língua falada em um pequeno centro, Roma, e no território circundante chamado *Latium vetus*, como temos por volta do século VI -V a.C. (MARCATO, 2002, p. 21, *tradução nossa*).

Posto isso, podemos entender porque ainda existem variações dialetais no território italiano, tanto que Belloni (2006, p. 14, *tradução nossa*) nos afirma a atualidade da língua vêneta nos dias atuais quando diz ser “[...] interessante sublinhar o fato de que, na Itália, a língua vêneta é ainda hoje falada por uma grande quantidade de pessoas, sem contar os milhares de vênetos espalhados pelo mundo e que ainda gostam de usar a sua língua mãe”.

Recentemente, no ano de 2007, o Conselho Regional do Vêneto reconheceu oficialmente a existência da Língua Vêneta (*Léngua Vènetà*) por meio da lei (VENETO, 2007) sobre a *"tutela e valorizzazione della lingua e della cultura veneta"*. Feita essa abordagem histórica acerca da Língua Vêneta. Que podemos considerar a língua base do *talian*, pois segundo Relatório Final do Projeto-Piloto “Inventário do *Talian*” consta que sua origem é “[...] principalmente de quatro regiões: Vêneto (54%), Lombardia (33%), Trentino-Alto Adige (7%) e Friuli-Venezia Giulia (4,5%) e

¹⁸ ROHLFS. Gerhard. **Studi e ricerche su língua e dialetti d'Italia**. Firenze: Sansoni, 1990. p. 26-27.

Piemonte, Emilia-Romagna, Toscana e Ligúria (com 1,5 %)”. Passo a me aproximar do *talian*, como língua de imigração. (INSTITUTO VENETO..., 2010, p. 11).

O *talian* também é denominado Vêneto Brasileiro e/ou Vêneto Sul-Rio-Grandense, entretanto Luzzato (2017, documento eletrônico) elucida o porquê de a denominação oficial ser definida como *talian*:

No ano de 1978 me reuni em Porto Alegre com os máximos expoentes desta língua vernácula: o frei franciscano Rovílio Costa, o arquiteto Júlio Posenato e eu. Tentávamos dar uniformidade à grafia. A pronúncia e as palavras são diferentes, por exemplo, para um bergamasco ou um natural de Belluno, mas no momento de escrever é preciso escrever da mesma maneira. E nos perguntamos: que nome vamos dar a esta língua? Rovílio dizia Vêneto Riograndense, já eu gostava mais de Vêneto Brasileiro, e Posenato preferia Talian. Decidimos que dali a três meses faríamos uma nova reunião expressamente para escolher o nome que seria dado à nossa língua. Em Farroupilha estava sendo homenageado o Padre Oscar Bertholdo, um sacerdote poeta que escreveu nada menos que 12 livros de poemas, e que anos mais tarde, em 1991, seria barbaramente assassinado durante um roubo. Eu estava esperando na porta da prefeitura porque tinha sido o primeiro a chegar. Só havia uma velhinha perto de mim. Então eu perguntei: nona, me capiu se ve parlo in Veneto? No caro, perdoname: forse se me parli in Talian. (vovô, me entende se eu falar Veneto? Não, caro, me perdoe: talvez se falar comigo em Talian). A voz do povo é a voz de Deus! Telefonei imediatamente a Júlio e disse que ele tinha realmente razão: que era Talian! E assim foi”.

No meu caso, o *talian* chegou bem cedo, uma vez que, ainda na infância, ouvia minha mãe e meu tio conversando com os seus primos e tios-avós. Como toda criança, queria saber sobre o que falavam, e fui perguntando. E assim, palavra por palavra, acabei construindo um diminuto léxico para compreender o *talian*. Em meu cotidiano, meus familiares falavam em português a maioria das vezes, sendo o *talian* utilizado em conversas íntimas e com amigos próximos.

O *talian* não era visto como uma língua oficial, mas como uma linguagem de pessoas do interior. Não existia nenhum sentimento de valorização ou enaltecimento do *talian*, mas uma língua *utilitária* no âmbito doméstico e, com o falecimento dos mais antigos, o *talian* caiu em desuso entre meus familiares, tanto que meus irmãos não o aprenderam.

Como já mencionei, a constituição da Itália é fruto de um intrincado contexto geopolítico, fragmentado por diversos falares regionais. Como resultado desse caldeirão identitário formou-se o que hoje conhecemos como Itália, tanto que

D'Azeglio (*apud* HOBBSAWM, 2000, p. 354), um dos mentores da unificação, afirmou: “Nós fizemos a Itália: agora temos que fazer os italianos”.

Reforçando a ideia de “múltiplas identidades”, Ianni (1972, p. 32) salienta que “[...] até não muito tempo milhares de *contadini*¹⁹ no exterior adquiriam consciência de italianos e deixavam de ser sicilianos, ou napolitanos ou vênnetos”. E assim observamos que essa construção de identidade e cidadania também ocorreu nas áreas de imigração italiana no Brasil, no entanto de um modo particular, visto que existia nelas o acréscimo de outras interferências culturais.

A imigração para colonização é uma característica do Rio Grande do Sul, assim como do Espírito Santo e Santa Catarina, e propiciou que observássemos de perto a formação de uma identidade cultural multifacetada, isto é, formada pelos imigrantes de diversas regiões da Itália, tais como: Piemonte, Trento, Vêneto e Lombardia. E cada uma dessas possuía suas características regionais, como língua, música, dança, gastronomia, festejos e tantos outros costumes.

Entre esses costumes e cultura, eles trouxeram o grande senso de religiosidade, característica marcante das regiões de imigração italiana, como Battistel e Costa (1982, p.49) destacam:

Os imigrantes, ao saírem da Itália, depositaram sua confiança em Deus e, no Brasil, agradeceram ao Senhor a Nova Pátria, sem jamais esquecer os amigos e familiares deixados na Itália. Profundamente religiosos, nos momentos de solidão e de infortúnio apelam a Deus.

Como já mencionado, os relatos registrados sobre os primeiros anos da imigração mostram uma realidade repleta de adversidades e desventuras, que foram amenizadas, em certo aspecto, pela fé religiosa da comunidade. Isso acabou se tornando uma característica da cultura ítalo-brasileira da região Sul do Brasil, que pode ser observada pelas construções religiosas erigidas pelos imigrantes:

Criaram uma tradição de oração familiar, à noite, com a reza do terço e das ladainhas de Nossa Senhora. Ao mesmo tempo em que organizavam suas residências, também começavam a construir capitéis, depois capelas que

¹⁹ Camponeses imigrantes, em *talian*.

se tornaram os centros dos seus encontros religiosos e sociais, servindo, no início, também de escola [...] (BATTISTEL e COSTA, 1982, p. 49)

Essa religiosidade católica acabou por marcar a cultura dos imigrantes e seus descendentes, a ponto de que, até hoje, as comunidades criadas a partir de núcleos de colonização italiana carregam essa característica. Em decorrência, a figura do sacerdote sempre teve muito reconhecimento entre elas:

A autoridade religiosa do sacerdote era autoridade parecida com a autoridade e o poder de Deus, com capacidade de abençoar e de condenar. O ministro, através das aplicações dos ritos sacramentais, representava a certeza da salvação. Se alguém falecesse sem assistência religiosa, causaria grande preocupação aos familiares. Ao ministro religioso era atribuído o poder de condenar ou de salvar, próprio de Deus. Por exemplo, o baile era considerado pecado se realizado sem licença do sacerdote. Com a licença do padre, deixava de ser pecado. (BATTISTEL; COSTA, 1982, p. 50).

Poucas coisas os uniam. Recém-chegados, não eram brasileiros e nem se consideravam italianos, visto a recente unificação da Itália. A língua também não os unia completamente, pois cada um falava a sua própria. Assim, a religião católica serviu como aglutinante para a comunidade de imigrantes, visto ser essa uma das poucas coisas em comum, além das condições precárias de vida, abandonados pelo poder público, carentes de todos os recursos. (BONI; COHEN; DACANAL, 1980).

Quem cresceu numa família de origem italiana sabe que a religiosidade é um aspecto tão importante de sua cultura quanto o trabalho ou a culinária. Nas casas sempre encontramos algum objeto religioso que expressa o fervor católico daqueles que nela habitam. Em decorrência disso, construções religiosas, como as igrejas, as capelas e os capitéis se tornaram elementos marcantes na região de imigração italiana no sul do Brasil.

Ao chegarem ao Rio Grande do Sul foram assentados de forma completamente aleatória no que concerne às suas regiões de origem, o que ocasionou uma verdadeira “Torre de Babel” entre os imigrantes. Imaginemos “[...] a dificuldade de um *mantoan*, ao solicitar emprestado a foicinha destinada à ceifa do trigo, a um cremonês ou, a um *furlan*, sendo que o primeiro a denomina *sésola*, o segundo *podai* e o terceiro *missora* [...]” (TONIAL, 2001, p. 23). Dessa forma o

vêneto, língua predominante, se mesclou com o piemontês, o lombardo, o friulano, etc.

Como destaca Luzzatto (2000, p. 25):

Nossos antepassados, quando aqui chegaram, oriundos dos mais diferentes lugares do Norte da Itália trouxeram consigo não apenas a família e os poucos trastes que possuíam, mas também seu idioma, seus costumes, sua fé, suas maneiras de ser, em suma, suas idiossincrasias e sua cultura. Aqui, assentados todos juntos, para poderem entender-se, se obrigaram a mesclar seus dialetos de origem e, assim, pouco a pouco, foi surgindo esta nova língua - com forte influência vêneta, pois os vênedos constituíam a maioria da população -, o *talian* ou vênedo brasileiro.

Dessa mescla de falares regionais surge o *talian* que traz essa denominação por se distinguir da Língua Vêneta falada atualmente na Itália, visto que essa identidade cultural híbrida, decorrente da convivência constante entre imigrantes das várias regiões, acabou por mesclar essas línguas para melhor vivência. E que, pela aculturação dos colonos à Língua Portuguesa, absorveu palavras do português ao dialeto regionais, como nos mostra, por exemplo, Battistel e Costa (1982 *apud* KREISNER, 2003, p. 171) “[...] passaram a dizer aliança com o *a* aberto, *aliânça*, ao invés de *véra*, que é o termo dialetal”.

Durante o Estado Novo (1936-1945), quando uma onda ufanista varreu o País, foram criados os pilares para uma identidade cultural homogênea para o Brasil:

O Estado teve seu papel como ativo neste processo de construção da identidade recorrendo a aspectos da cultura popular, como por exemplo, o rádio, o futebol e o samba, para criar o sentimento de unidade nacional. O movimento de construção da identidade nacional passa pela criação de símbolos nacionais, algo que comprove/fortaleça a existência de um Estado. Uma nação deve apresentar um conjunto de elementos simbólicos e materiais: uma história, que estabelece uma continuidade com os ancestrais mais antigos; uma série de heróis, modelos das virtudes nacionais; uma língua; monumentos culturais; um folclore; lugares importantes e uma paisagem típica; representações oficiais, como hino, bandeira, escudo; identificações pitorescas, como costumes, especialidades culinárias, animais e árvores-símbolo. (SILVA; SOUZA, 2016, p.249.)

Essa ideologia nacionalista, acrescentada às intercorrências da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), fez com que o *talian*, à semelhança de outras línguas estrangeiras, fosse proibido, como se pode observar na Figura 8. E “[..] o sermão, que nas missas era realizado em Italiano [*talian*] e português, passou a ser falado apenas na Língua Nacional [...]” (KREISNER, 2003, p.171).

Certamente essa não foi a única consequência dessa política de Estado, uma vez que inúmeras rixas políticas e ideológicas também foram intensificadas, tendo como pano de fundo a perseguição linguística.

Penso que, em nível local, as disputas de poder foram mais acirradas, oportunizavam denúncias diante das quais os delegados – a polícia – faziam valer o poder de autoridade. Podem-se inferir que estas autoridades locais nem sempre eram “legitimadas” pelas comunidades, nem socialmente sancionadas, mas aí postas de maneira arbitrária, portanto, alçadas de poder instituído, que não destituía de eficácia, já que oficialmente o faziam em nome de uma ordem social estabelecida [...]

Deter supostos infratores, sem maiores explicações, era fazer valer a autoridade. Era legal deter e depois averiguar a culpabilidade ou não, cuja pena variava entre ficar algumas horas, dias, meses na cadeia local, ou apresentar-se diariamente ao delegado. Em caso de transgressão, ou não cumprimento da ordem, era aberto processo e os “mais perigosos” eram afastados da cidade [...], ou encaminhados para o campo de concentração da Trindade²⁰. (FÁVERI, 2004, p. 96).

Não obstante, essas sanções reverberaram no seio familiar de imigrantes e descendentes criados, até então, em comunidades relativamente pequenas e/ou campesinas cujos idiomas falados eram somente as línguas de imigração.

Fáveri (2004, p. 94) coloca essa perspectiva ao destacar que “Muitas dessas pessoas, apesar de estarem no Brasil desde o final do século XIX ou início do XX, ainda não falavam o português, consideradas as condições do espaço físico (distâncias) e convivências em grupos étnicos”.

²⁰ Penitenciária Agrícola da Trindade (em Florianópolis) destinada a partir de 1942 a reclusão/confinamento de presos políticos, como destaca Fáveri (2004, p. 219, destaque do autor) “Observo que a partir desta data, o campo de concentração de Trindade passou a ser um lugar de prisão para os ditos “súditos do Eixo” [...].

Figura 8

Quadro exposto em comércios, repartições públicas, clubes, e locais de aglomeração pública



Fonte: Folha Pomerana, N° 231, 2018 – 17 de março de 2018²¹.

Muitos foram os casos de pessoas denunciadas e presas por falarem descuidadamente em seu idioma natal. Em sua pesquisa Fáveri mostra diversos casos muito bem documentados, aqui destaco um em especial que mostra como a situação era terrível para as pessoas que não falavam bem o português:

José Lunardi (italiano, 59 anos, agricultor) palestrava com Zelino Rizzi e José Tubim. Era dia de festa do lugar e conversavam sobre a colocação de uma abertura de um prédio em construção, de propriedade de Rizzi; foram autuados (já era janeiro de 1945) pelo delegado Dorival Xavier Padilha. Conforme o depoimento dos acusados, José Lunardi expressara-se com um “*Dio can e porca pipa*” sendo que Zelino Rizzi respondera com “*Porco caneco!*”, quando chegou um soldado e o advertiu ser proibido falar italiano; disse que já fora preso por isso, mas o ‘faz por descuido’ já que tem ‘dificuldade de falar a língua nacional, embora se esforce para fazê-lo, o mesmo aconteceu com sua esposa, sendo que somente os filhos falam claramente o idioma nacional’ (FÁVERI, 2004, p. 99).

²¹ Disponível em: <http://folhapomeranaexpress.blogspot.com/2018/03/n-231-2018-o-19-de-agosto-de-1942-em.html>. Acesso em: 08 nov 2020.

O receio de ter uma ligação com as nacionalidades do Eixo era tamanho que os sobrenomes, sempre que possível, eram alterados para não chamarem atenção. Podemos observar que no salvo conduto na Figura 9 (necessário para viajar entre Porto Alegre e Bento Gonçalves) pertencente à minha vó materna o nome de seus pais foi transformado/alterado, pelo próprio escrivão, de Giovanni e Stella Scotton para João Scot e Maria Ester Scot.

Figura 9

Detalhe do Salvo Conduto de Carolina Scotton de Oliveira, de 22 janeiro de 1944

RIO GRANDE DO SUL
 BRASIL

REPARTIÇÃO CENTRAL DE POLÍCIA
 DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL
 SECCÃO DE SERVIÇO SECRETO

SALVO CONDUTO

Válido por 60 dias, salvo revalidação

Nome: CAROLINA DE OLIVEIRA
 Nacionalidade: Brasileira Idade: 29 anos
 Nascimento: 1-10-1914 Estado Civil: Casada
 Naturalidade: B. Gonçalves Domicílio: P. Alegre
 Profissão: Doméstica
 Filiação: João Scot e Dna. Maria Ester Scot

Nenhum impedimento existe a respeito do portador, pelo que as autoridades que deste tiverem conhecimento não deverão opor-lhe quaisquer embaraços.

Não tem valor a fotografia anexa, que não tiver a rubrica da autoridade e o carimbo da Delegacia.

Residência: Rua S. Joaquim nº 201
 Observações: Apresentada pelo Sr. Julio Roth, func. desta D.O.P.S. (Secretaria)

Fonte: Acervo pessoal.

Esse período de tamanha exceção dos direitos civis marcou profundamente a memória daquelas pessoas e, de alguma forma, foram perpetuadas às gerações seguintes:

As memórias dos imigrantes/descendentes são unânimes: a repressão à língua foi dramática e fez com que nas colônias pairasse silêncio e autocontrole. Com a presença de espões; se não um policial, era um vizinho, [...]. Em casa, as pessoas falavam baixo, sussurrando, e mantinham sempre alguém da família [...] à espreita [...] (FÁVERI, 2004, p. 115).

Todo esse processo político e também a precariedade do sistema educacional nas colônias italianas talvez tenham sido os principais fatores para o desprestígio no uso do *talian*:

O italiano, nas colônias, continuou falando o dialeto por muitos anos e, deferindo nisso do colono alemão, interessou-se relativamente pouco pela construção de escolas. Seria falso dizer que os colonos formaram algo como uma “frente antiescolar”. Pelo contrário, desde o início encontram-se pedidos de abertura de escolas públicas bem como organizações de instituições particulares de ensino. [...] Nem se pode dizer que o governo não se tenha jamais interessado pelo assunto. [...] Faltam ainda estudos mais amplos a respeito da educação na colônia italiana, mas não resta dúvida: ela foi deficiente (DE BONI; COSTA, 2011, p. 110, 111).

Dados esses antecedentes, podemos dizer que o *talian* ficou numa espécie de ostracismo do uso doméstico e rural até “[...] os festejos da comemoração do primeiro centenário de colonização italiana no Estado, em 1975, [quando] começa a haver todo um resgate [revisitar] da cultura italiana” (ZANINI, 2006/2007, p.165).

Especialmente nessas datas comemorativas existe uma reapropriação de memórias e valores. Com a imigração italiana não foi diferente, em 1925, na comemoração do Cinquentenário da Imigração Italiana no Brasil, foi elaborada uma publicação ricamente ilustrada, intitulada: *Cinquantenario della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud, 1875-1925* (CINQUANTENARIO..., 1925), trazendo apologeticamente em seus dois volumes os grandes feitos dos imigrantes e seus descendentes no comércio, na indústria, na história do Brasil e das cidades colonizadas, além de estudo sobre a vida religiosa das colônias.

Essa primeira obra começa a mostrar esse sentimento de orgulho e força da comunidade ítalo-brasileira, mexendo com o sentimento de italianidade, mas de forma a enaltecer aparentemente uma cultura italiana, visto que a obra foi redigida em sua totalidade em italiano. No tocante à valorização da cultura ítalo-brasileira propriamente dita e do próprio *talian*, podemos dizer que começou com a publicação de *Nanetto Pipetta* (obra do Frei Aquiles Bernardes) ainda na década de 1920, e mas mais expressivamente na década de 70, quando houve uma mudança conceitual junto ao IPHAN, e também, em função dos festejos e a publicação

comemorativa ao centenário da imigração (CENTENÁRIO..., 1975), não propriamente pela publicação, mas pelo momento histórico quando já ia desaparecendo muito das características da imigração, carecendo de valorização.

Ambas as publicações foram bastante focadas no aspecto do desenvolvimento trazido ou realizado pelos italianos, e sobre as grandes indústrias estabelecidas nas cidades de colonização italiana no nordeste do Estado. Entretanto, despertaram um movimento de valorização do passado imigratório e sua cultura. Santin (1986, p.10) reforça isso em sua afirmação “[...] o Centenário da Imigração Italiana afastou do espectro do esquecimento um movimento imigratório que, a bem da verdade histórica, tornou-se uma das bases do desenvolvimento econômico, étnico, político e cultural do Estado do Rio Grande do Sul. [...]”. E o autor destaca ainda que:

Os descendentes dos imigrantes italianos conseguiram, de alguma maneira, colocar em evidencia os acontecimentos que envolveram os movimentos imigratórios em território gaúcho. [...]. Estudiosos e pesquisadores entraram em campo para colher, sem muita preocupação com projetos ambiciosos e técnicas sofisticadas, tudo quanto fosse possível alcançar. O tempo urgia. Era preciso salvar de qualquer maneira tudo que estivesse ao alcance das mãos, pois o incêndio podia se alastrar e consumir os derradeiros vestígios. Vários incêndios aconteceram, mais por ingenuidade do que por maldade, consumindo preciosidades como sendo objetos velhos e inúteis. [...]. Assim foi. [...]. os fatos vão sendo carinhosamente costurados e cerzidos. [...]. A memória vai se ativando enquanto arranca do crepúsculo do esquecimento velhas imagens, lembranças, os últimos e raros testemunhos vivos do drama histórico vivido. Foram salvas nostálgicas e sonhadoras canções, símbolos da força, da fé e das ambições de homens e mulheres; de velhos e crianças; de famílias e comunidades inteiras. (SANTIN, 1986, p.13)

Nesse trecho o autor expressa todo o movimento de pesquisa e a preocupação desencadeada a partir das comemorações do Centenário. E nesse movimento de valorização da cultura trazida pelos imigrantes, começam a surgir os programas de rádio, as publicações e, principalmente, as gravações de canções em *talian*. Também nesse período surgem os primeiros estudiosos e pesquisadores do *talian* e da cultura ítalo-brasileira da Serra Gaúcha, como Rovilio Costa, Darcy Luzzatto, Honório Tonial, entre outros, preocupados na codificação do *talian*, isso é, de padronização linguística e de criação de pequenas gramáticas, visto que era uma língua predominantemente falada.

Certamente é preciso ter em mente que esse revisitar da cultura trazida pelos primeiros imigrantes italianos no século XIX, em um contexto, distante cem anos ou mais de sua chegada, acarreta um olhar carregado de idealizações, mitos, e, até mesmo, interesses de certos grupos, como nos lembra Hobsbawn (2012, p. 8) quando fala sobre as tradições inventadas:

Por “tradições inventadas” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas, tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Alias, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.

De Biase (2001, p. 181) também é enfática sobre esse tema, quando fala sobre o início do Projeto Caminhos de Pedra, na Serra Gaúcha:

[...] a estratégia da persuasão e do treinamento operados sistematicamente, porta a porta, família por família, transformou o olhar dos descendentes sobre si próprios, como explicamos anteriormente, e levou-os a se converterem à identidade italiana e a copiarem as práticas de seus antepassados, abandonando sua modernidade por uma ficção contínua do passado, fazendo-se habitar por esses lugares, [...].

Podemos observar a construção desse discurso mítico e nacionalista no próprio Decreto nº 22.410, de 22 de abril de 1973 (RIO GRANDE DO SUL, 1973) em que é instituído o biênio da colonização e imigração no Estado:

É um apelo do dever cívico exaltar a obra daqueles que, após lutas longas e ásperas, ocuparam e povoaram a área que constitui o território deste Estado, incorporando-o à Pátria comum. Não menos digno de reconhecimento é o trabalho das levas imigratórias que para cá vieram e aqui se fixaram, provindas de terras distantes em busca de uma pátria nova, e se juntaram aos primeiros povoadores no esforço das realizações solidárias, que nos conduzem a todos a um mesmo destino, sob as inspirações da unidade nacional. [...]. Evocando o mérito de quantos contribuíram decisivamente, desde os mais fundos alicerces, para a ingente obra de construção e progresso representada pelo Estado do Rio Grande do Sul, [...].

Certamente o *talian* ainda não é uma língua totalmente padronizada, existindo variações no *talian* usadas pelos falantes habituais. Esse processo de reconhecimento junto às instituições públicas e a própria iniciativa de estabelecer uma gramática/padronização da escrita fazem parte de uma construção identitária. Esse grupo de primeiros estudiosos e pesquisadores possivelmente observaram o potencial cultural desses elementos, e, a partir desses fragmentos, que na região eram bastante abundantes, deram início a um processo de formação de uma *cultura taliana*.

Todavia, não se trata de um demérito, uma vez que essas iniciativas ainda hoje reverberam como o Projeto Elementos Culturais da Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul - ECIRS²², Caminhos de Pedras, e tantas outras que possibilitaram o crescimento regional por meio do turismo, além de incentivar inúmeras oportunidades de realizar contínuas pesquisas sobre essa temática, incluindo estudos sobre patrimônio cultural.

3.2 O *Talian* e a Italianidade e suas relações com o patrimônio e a memória

Pensar no *talian* como um patrimônio cultural perpassa por uma reflexão sobre suas relações com os conceitos de patrimônio, memória, cultura, identidade cultural e italianidade. Existe um longo percurso até o entendimento que temos atualmente sobre o que é um patrimônio e por que se vincula tão estreitamente à Museologia e demais conceitos.

Patrimônio se origina da palavra latina *patrimoniun*, que se refere a tudo que tem procedência paterna, portanto “aquilo que pertence ao pai”, e de certa forma um conceito aristocrático para a sociedade romana, que era patriarcal (FUNARI; PELEGRINI, 2009). Além disso, tinha o papel de “[...] mantenedor das tradições, entre as quais o culto aos mortos e às divindades protetoras que se realizava no

²² Disponível em: <https://www.ucs.br/site/instituto-memoria-historica-e-cultural/ecirs/>. Acesso em: 09 nov 2020.

próprio lar, em cômodo destinado para tal fim e no qual se depositavam oferendas” (LIMA, 2012, p.33).

Na Idade Média, o patrimônio ganha caráter simbólico e coletivo, principalmente por meio da Igreja Católica, quando, no culto aos santos se passa a valorizar as relíquias. Com o Renascimento observamos uma mudança dessa perspectiva, através do humanismo, mas ainda assim o conceito de patrimônio continua sob forte simbolismo aristocrático. A ruptura do conceito de patrimônio, com essa base aristocrática e privada só aconteceria após a Revolução Francesa em 1789²³.

O termo ganha novo significado, pois a revolução estabelece a relação de compartilhamento entre o povo que vive em um determinado território e fala a mesma língua (FUNARI; PELEGRINI, 2009). Ou seja, o advento da Revolução Francesa, traz uma ressignificação ao conceito, que, perdendo esse caráter jurídico, passa a ser entendido como uma abstração do Estado e do Povo, que passa a legar às próximas gerações uma cultura nacional (LIMA, 2012, p.33).

Benedict Anderson (2008), fala sobre essa ideia de ressignificação e fabricação de uma nação, típica desse momento histórico, tendo em vista os mecanismos criados para conduzir os indivíduos a compartilhar signos e símbolos comuns, que os fazem se reconhecer como parte integrante de um mesmo espaço imaginário, ou seja, são construções culturais.

Atrelada a essa nova concepção, vem a ideia de preservação e valorização de todo o patrimônio cultural de um país. E assim, também como decorrência da Revolução Francesa e seus desdobramentos, são elaborados outros conceitos atrelados ao de patrimônio, como conservação, monumento, e monumento histórico. Ao longo do século XIX, “[...] em razão da constituição formal dos campos do conhecimento que, por meio das suas formulações de ordem teórica e prática, desenharam ‘fronteiras’, limites de proteção, estabelecendo suas zonas de atuação [...]” (LIMA, 2012, p. 35). Nos séculos XX e XXI, com a constituição mais formal dos campos de pesquisa outras categorias surgem, a saber:

²³ Tanto Benedict Anderson em sua obra *Comunidades* (2008) , como Regina Abreu em sua obra *A fabricação do Imortal* (1996) tratam a respeito d construção de uma identidade e de uma cultura patrimonial das nações.

[...] vieram a definir os territórios de ação indicados pelos títulos e, conforme a mesma fonte, permitem perceber o domínio do saber ao qual estão ligados: 'Bens Arqueológicos', 'Monumento Geológico', 'Patrimônio Arquitetônico', 'Patrimônio Etnográfico', 'Patrimônio Urbanístico', 'Patrimônio Paleontológico', 'Patrimônio Científico' (LIMA, 2012, p. 35).

Aproximando-nos da realidade brasileira, onde as atenções ao patrimônio só se tornaram mais efetivas no que tange aos aspectos legislativos, a partir dos anos de 1930, podemos dizer que é uma área ainda jovem e cujo entendimento e abrangência ainda estão em conformação.

Num contexto histórico que buscava a construção de uma identidade nacional e a proteção dos bens representativos da cultura brasileira, tanto que o Decreto Federal nº 22.928 de 12 de julho de 1933 (BRASIL, 1933) que erige a cidade de Ouro Preto como Monumento Nacional é a primeira norma federal de proteção ao patrimônio cultural do País. E a Constituição de 1934 (BRASIL, 1934) foi a primeira a abordar essa temática em seus artigos nº 10 e 148, no Brasil.

Com a instauração do Estado Novo (1937-1946), uma nova constituição²⁴ entra em vigor e nela também foram contemplados itens sobre as questões do patrimônio, como em seu artigo nº 134, que viria a ser melhor detalhado no Decreto-Lei nº 25 (BRASIL, 1937a) que tinha por finalidade a organização e proteção do patrimônio histórico e artístico do País, tendo essa legislação conceitos ainda bastante vinculados aos patrimônios edificados.

No decorrer das décadas seguintes, mas principalmente, graças à atuação de Aloisio Magalhães²⁵ junto ao IPHAN, coube a ele “[...] conduzir, em tempos politicamente difíceis, o avanço do setor cultural da administração federal, especialmente de patrimônio, responsável pelo processo de renovação ideológica e institucional da política oficial de patrimônio cultural.” (SANTOS, 2020, p.8). Dessa forma, ele promoveu “[...] discussões, reflexões e construções sobre as noções de bens culturais e de identidade brasileira com plenos interesses em construir uma

²⁴ BRASIL, **Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 10 de novembro de 1937** [Institui o Estado Novo]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm >. Acesso em: 12 nov. 2021.

²⁵ Pernambucano, atuou como designer, advogado, artista plástico, foi secretário de cultura do Ministério da Educação e da Cultura (MEC). E também, diretor do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) estando sempre envolvido às questões da cultura brasileira.

narrativa de integração nacional, debateu publicamente os caminhos da cultura brasileira por todos os cantos do país.” (SANTOS, 2020, p.8).

As mudanças propostas por Aloisio Magalhães ampliaram o entendimento sobre a temática do patrimônio, sendo esse novo conceito de patrimônio legitimado na Constituição de 1988 (BRASIL, 1988) em seu artigo nº 216, que incorpora o conceito de referência cultural e a definição de bens passíveis de registro, sobretudo os imateriais que entendemos como sendo um “[...] bem cultural dinâmico e, portanto, sujeito a modificações e, ainda, à medida que compete às comunidades produtoras ter a vontade para sua continuidade, coloca-se a possibilidade de extinção.”(FONSECA, 2014, p.108). Desse modo, o patrimônio passou a contar com uma possibilidade maior de participação da comunidade na escolha e no reconhecimento de seus patrimônios e de seus objetos representativos.

Chuva (2017, p. 149) mostra de forma bastante sucinta esse período:

A ampliação da noção de patrimônio foi consagrada constitucionalmente em 1988, momento em que o decreto-lei nº 25/1937 foi reinvestido de atualidade, na medida em que os agentes envolvidos com a preservação cultural adaptaram sua aplicação aos novos preceitos. Não contemplava ainda as novas formas de proteção, posto que esse dispositivo legal regulamentava apenas o instituto do tombamento. A Constituição de 1988, no seu artigo 216, definiu de forma mais detalhada e ampla o que seria merecedor de proteção tutelar e novas formas para sua efetivação além do tombamento

Figueiredo (2015, p.18) corrobora essa ideia quando diz que: “[...] fica claro um movimento que parte da discussão do patrimônio edificado, nos anos 1930 [...], e no período final, dos primeiros anos do século XXI, trata de uma ampliação do entendimento do patrimônio a partir de uma nova concepção de cultura”. Neste trabalho, em função de seu objeto, nos deteremos mais nas questões voltadas à imaterialidade do patrimônio e suas formas de valorização/conservação:

Entende-se por “patrimônio cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas

comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (UNESCO, 2006, documento eletrônico).

Assim, de certa forma o conceito de patrimônio cultural vai tomando forma e seu entendimento vai sofrendo a ação das condições políticas e sociais em que está inserido. Podemos dizer que este conceito vem evoluindo com a sociedade e que cada vez mais tem sua abrangência ampliada, para abarcar as necessidades de uma sociedade cada vez mais plural e rica em cultura (TEIXEIRA, 2014).

Nesse crescente de entendimento e abrangência dos conceitos referentes ao patrimônio, chegamos ao Programa Nacional do Patrimônio Imaterial – PNPI (BRASIL, 2000), que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial (RBNI), que poderiam ser considerados como patrimônio nacional brasileiro. A partir dessa oficialização surgiram mais iniciativas no sentido de legitimar uma série de bens imateriais de comunidades brasileiras.

Mas somente em 2010, com a promulgação do Decreto nº 7.387 (BRASIL, 2010) que instituiu o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), é que foi possível o reconhecimento de Referência Cultural Brasileira à Língua *Talian*²⁶. Sendo o *talian* utilizado como uma espécie de teste piloto para a aplicação do INDL, conforme consta no *Relatório final do projeto - piloto “inventário do talian”* por ter sido “[...] a primeira língua de imigração com pedido de reconhecimento (2001) encaminhado ao IPHAN, pelos seus representantes, do Rio Grande do Sul” (INSTITUTO VENETO..., 2010, p. 11). Assim:

[...] línguas de imigração sofreram forte repressão linguística e resistem, ainda hoje [...]. Passaram a fazer parte do cenário linguístico do país a partir do final do século XIX com a vinda em massa de imigrantes [...]. Com o passar das gerações, essas línguas adquiriram uma configuração própria que reflete a história da formação da sociedade brasileira. Muitas vezes tratadas como exóticas ou estrangeiras, as línguas de imigração são, na verdade, línguas maternas de milhões de brasileiros e a sua representatividade histórica, demográfica, sociocultural [...] (IPHAN, 2016, p.21).

²⁶Título de Referência Cultural Brasileira. disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/T%C3%ADtulo%20INDL%20%20Talian.pdf>>. Acesso em: 15 nov 2020.

E essa diversidade linguística vem sendo ameaçada constantemente no Brasil, o que está vinculado a um movimento de desqualificação desses linguajares:

[...] desconhecimento da diversidade linguística por grande parte da população brasileira, que é sustentado pela representação de uma suposta unidade da língua portuguesa como única língua falada no país. Essa falta de conhecimento e de valorização leva, por conseguinte, à marginalização e discriminação de grupos falantes de línguas minoritárias. Por parte do Estado, é muito recente a compreensão (IPHAN, 2016, p.24).

O vislumbrar da diversidade nos possibilita olhar não apenas para o mais belo ou o mais caro, mas também para o que caracteriza as minorias, e enaltece seus aspectos culturais e históricos, desvinculando-os necessariamente da materialidade dos objetos:

O patrimônio cultural forma-se a partir de referências culturais que estão muito presentes na história de um grupo e que foram transmitidas entre várias gerações. Ou seja, são referências que ligam as pessoas aos seus pais, aos seus avós e àqueles que viveram muito tempo antes delas. São as referências que se quer transmitir às próximas gerações (IPHAN, 2016, p.7).

Essa mudança no olhar frente às questões do patrimônio são frutos de propostas de flexibilização conceitual trazidas pela Museologia Social, movimento que assim se apresenta:

[...] traduz uma revolução museológica decorrente do processo anunciado na Declaração de Santiago do Chile (1972) e reforçado na Declaração de Caracas (1992), que consiste na abertura do museu ao contexto social em que está inserido. Essa abertura remete à necessidade de uma mudança de mentalidade por parte dos profissionais dos museus, o que exige uma formação que dê conta de esclarecer as transformações desse processo: o alargamento da noção de patrimônio, a redefinição dos objetos museológicos, a ideia de participação comunitária não apenas enquanto público visitante, mas na gestão do museu e definição das práticas museológicas, o uso de novas tecnologias da informação e da museografia [...] (SANTOS, 2017, p. 83).

A partir desse movimento se vislumbra uma compreensão mais abrangente acerca do conceito de patrimônio, que permite que se incluam dentro dele as línguas, folclore, rituais, territórios, costumes, festas e demais expressões culturais.

Como já mencionado, a Declaração de Santiago do Chile de 1972 se tornou um marco significativo para a história da Museologia Social, por ter sido o evento que discutiu o caráter social dos museus e valorizou a comunidade em que o patrimônio está inserido (NASCIMENTO JUNIOR; TRAMPE; SANTOS, 2012), estabelecendo o conceito de museu integral, assim definido: nessa perspectiva se estabeleceu a ideia conceitual de museu integral, definido por Scheiner (2012, p. 19) como sendo:

[...] não apenas na musealização de todo o conjunto patrimonial de um dado território (espaço geográfico, clima, recursos naturais renováveis e não renováveis, formas passadas e atuais de ocupação humana, processos e produtos culturais, advindos dessas formas de ocupação), ou na ênfase no trabalho comunitário, mas na capacidade intrínseca que possui qualquer museu (ou seja, qualquer representação do fenômeno Museu) de estabelecer relações com o espaço, o tempo e a memória – e de atuar diretamente junto a determinados grupos sociais. (SCHREINER, 2012, p.9).

Nessa linha, o patrimônio cultural é também o objeto que queremos transmitir às próximas gerações que, em sua esfera imaterial, se operacionaliza no cotidiano das comunidades, a partir da fala, das canções, dos rituais, etc. Desvallées e Mairesse (2013, p.75) apresentam uma definição bastante oportuna sobre o que é patrimônio cultural imaterial, e como está sendo operacionalizado nesta investigação:

Entende-se por patrimônio cultural imaterial as práticas, representações, expressões, conhecimentos e saber-fazer – assim como os instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como fazendo parte de seu patrimônio cultural. Esse patrimônio cultural imaterial transmitido de geração em geração é recriado permanentemente pelas comunidades e grupos em função de seu meio, de sua interação com a natureza e de sua história, e lhes confere um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (DESVALLES; MAIRESSE, 2013, p.75).

Assim como os museus, os estudos referentes às questões de patrimônio e identidade trazem o “[...] fortalecimento da identidade cultural de nossos povos, e para seu conhecimento mútuo, [...] tem também um papel essencial no processo de desmistificação da tecnologia, para sua assimilação no desenvolvimento integral de nossos povos” (DECLARAÇÃO DE CARACAS, 1992, p. 249, 250).

Como forma de tentar garantir a preservação desses bens culturais imateriais de relevância para as comunidades envolvidas, existem algumas iniciativas criadas por organismos internacionais, onde se elencam recomendações para salvaguarda do patrimônio imaterial, como é o caso das Considerações de Paris²⁷, que arrolam as seguintes propostas:

- a) adotar uma política geral visando promover a função do patrimônio cultural imaterial na sociedade e integrar sua salvaguarda em programas de planejamento;
- b) designar ou criar um ou vários organismos competentes para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial presente em seu território;
- c) fomentar estudos científicos, técnicos e artísticos, bem como metodologias de pesquisa, para a salvaguarda eficaz do patrimônio cultural imaterial, e em particular do patrimônio cultural imaterial que se encontre em perigo;
- d) adotar as medidas de ordem jurídica, técnica, administrativa e financeira adequadas para:
 - i) favorecer a criação ou o fortalecimento de instituições de formação em gestão do patrimônio cultural imaterial, bem como a transmissão desse patrimônio nos foros e lugares destinados à sua manifestação e expressão;
 - ii) garantir o acesso ao patrimônio cultural imaterial, respeitando ao mesmo tempo os costumes que regem o acesso a determinados aspectos do referido patrimônio;
 - iii) criar instituições de documentação sobre o patrimônio cultural imaterial e facilitar o acesso a elas. (UNESCO, 2003, p. 8).

Na Carta de Fortaleza (1997) também são apresentados alguns subsídios para se pensar sobre a importância da valorização e salvaguarda de patrimônios culturais imateriais. Já a Carta de Nara (1994), em um de seus itens, destaca importância da valorização da diversidade cultural:

²⁷ Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, em sua 32 sessão. (UNESCO,2003).

A diversidade das tradições culturais é uma realidade no tempo e no espaço, e exige o respeito, por parte de outras culturas e de todos os aspectos inerentes a seus sistemas de pensamento. Nos casos em que os valores culturais pareçam estar em conflito, o respeito à diversidade cultural impõem o reconhecimento da legitimidade dos valores culturais de cada uma das partes.

Isso convida, possivelmente, a pensar a imaterialidade da língua como um monumento vivo a ser preservado visto que representa a construção uma de identidade híbrida.

[...] chamar-se-á monumento a qualquer artefato edificado por uma comunidade de indivíduos para se recordarem, ou fazer recordar a outras gerações pessoas, acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. [...] Mas, esse passado invocado e convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: foi localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, diretamente, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade, étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar. (CHOAY, 2008, p. 17).

E mesmo que por vezes tenhamos a ideia de que a memória a ser preservada deva ter alguma ligação com grandes feitos ou personalidades históricas, é importante ressaltar o que Ribeiro (1998) afirma como sendo a memória:

[...] deixou de significar a unidade nacional, para designar, agora, um fracionamento, o reconhecimento de identidades parciais e essencialmente antiunificáveis. Mas, além disso, ela deixou de residir no gesto exemplar, econômico, do herói, para figurar numa multiplicidade de pequenos atos e gestos, quase anônimos. (RIBEIRO, 1998, p. 37).

Assim podemos analisar a importância de se preservar e valorizar o *talian*, que é um patrimônio imaterial, que também faz parte das memórias de uma coletividade. Halbwachs (2006, p.106) diz que “[...] não existe nenhuma memória universal. Toda memória coletiva tem como suporte um grupo limitado no tempo e no espaço [...]” e assim é o *talian*, uma forma de agregar seus falantes e suas famílias, revivificando seus costumes, suas memórias e sua identidade cultural.

Evidentemente além das memórias individuais que os falantes do *talian* possuem de suas infâncias e convivências com seus antepassados recentes (pais, tios e avós), o *talian* também traz consigo aspectos de toda uma epopeia vivida pelos primeiros imigrantes, ou seja, de “memórias vividas por tabela” como nos traz a análise de Pollak quando fala que:

[...] os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. (POLLAK, 1992, p. 2).

Os conceitos de cultura e identidade cultural são fundamentais para a compreensão de valorização do patrimônio imaterial. Neste trabalho, é utilizada a definição de Canclini (2003), para quem a cultura é entendida como um processo em constante transformação, que se diferencia da visão tradicional, visto que todas as culturas possuem formas próprias de organização e características que lhes são intrínsecas e que devem ser respeitadas. O conceito de cultura híbrida, segundo o autor, refere-se a um processo sociocultural no qual “[...] estruturas ou práticas discretas, que existem de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. (CANCLINI, 2003, p. xix).

Desse modo, esse conceito dá sustentação aos propósitos desta pesquisa, justamente por abordar as inteirações e trocas culturais que ocorreram com a imigração italiana no Brasil. Exemplo dessa incorporação de elementos de diferentes origens se deu com o *talian*, surgido como resultado de uma mescla linguística de diferentes origens, em que, como ressalta o autor, não aconteceram apagamentos dos traços culturais regionais, mas um processo de coexistência.

Nesse sentido também é relevante observar o conceito de identidade, que vem ao encontro no que se refere mais especificamente às questões da italianidade, que será abordado na sequência, e que Oliveira (2010, documento eletrônico) conceitua como:

[...] um sistema de representação das relações entre indivíduos e grupos, que envolve o compartilhamento de patrimônios comuns como a língua, a religião, as artes, o trabalho, os esportes, as festas, entre outros. É um processo dinâmico, de construção continuada, que se alimenta de várias fontes no tempo e no espaço.

Trata-se de um aspecto que corrobora a definição proposta por Hall (2014):

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, como cada uma das quais poderíamos nos identificar [...]. (HALL, 2014, p. 13).

Assim, as nossas identidades culturais são construídas amalgamando diversos códigos simbólicos de diferentes culturas. E, com base nesses conceitos, podemos compreender mais claramente o que é a italianidade, a saber:

Em termos antropológicos a “italianidade” corresponde à “identidade étnica” atribuída aos italianos/as e seus descendentes – nesse caso, no Brasil. Como tal, também é uma construção social, sobretudo discursiva inserida nesse amplo movimento de constituição, valorização e positivação de identidades culturais promovidas por diversos grupos nas últimas décadas (BAO, 2015, p. 2).

A italianidade pode ser também compreendida sob o ponto de vista sociológico, como sendo “[...] um movimento de defesa e de conservação do complexo sociocultural econômico-político da sociedade colonial, além de ser uma tentativa de manter laços afetivos, políticos e econômicos com a metrópole de origem” (OTTO, 2006, p. 30).

Portanto, além de ser uma referência cultural brasileira, mais especificamente das regiões de imigração italiana, o *talian* representa também parte do universo

criado a partir das vivências dos descendentes, uma identidade cultural (italianidade) que surgiu com esse sentimento de pertencimento a uma Itália que já não existe, mas que, independentemente disso, forma um lugar de memória:

A identificação dos ítalo-brasileiros no Rio Grande do Sul é concebida a partir de um conjunto de bens culturais que foram conservados e que fazem recordar o processo imigratório, bem como das especificidades do desenvolvimento das comunidades italianas na serra gaúcha. Esses bens culturais que se constituíram em lugares de memória da imigração envolvem estruturas simbolicamente significadas, as quais constroem uma ligação mnemônica com a terra de partida. Em um sentido de pacificação de uma nostalgia da pátria perdida, o fenômeno da imigração é norteador por links – cantos, ritualismos, tradições populares, mitos, relações de sociabilidade e solidariedade – que vinculam a terra de partida à de chegada (BENEDUZI, 2005, p.1).

Não se conseguiria precisar a quantidade de falantes do *talian*, até porque, talvez, nem todos tenham fluência em *talian*. Mas podemos afirmar que a *língua talian* é uma forma de valorização, pertencimento e italianidade/identidade:

[...] as fotos também mudam. E raros, muito raros, são os que têm todas essas fotos de ontem e de hoje. [...]
Mas a palavra, meus caros, voa como o vento, vai longe, as pessoas levam-na consigo para onde vão. Não há bibliotecas, não há nada que passe de uma pessoa para outra como a palavra (COSTA, 2000, p. 15).

A maioria dos descendentes talvez não possua mais fotografias de seus antepassados, e muitas memórias até mesmo já se perderam com o passar dos anos. Ainda assim, a italianidade e o sentimento de pertencimento que cada descendente traz consigo se manifestam e se reavivam cada vez que ouvem alguém falando ou cantando em *talian*.

E assim, quase como um tesouro, algumas famílias ainda mantêm a tradição de falar o *talian* em casa, na intimidade do lar, um verdadeiro relicário que vem sendo perpetuado e vivenciado, com mais ou menos intensidade por gerações. O que antes foi considerado uma língua de pessoas incultas e até mesmo um crime quando foi usado o “[...] conceito jurídico de “crime idiomático”, inventado pelo Estado Novo [...]” hoje é um lugar em comum para as pessoas que fazem parte

desse grupo de falantes, que, quando se encontram, se conectam com suas raízes e memórias. (OLIVEIRA, 2009, p.22).

Certamente muito já foi escrito, falado e filmado sobre os vários aspectos culturais da imigração italiana no Sul do Brasil, tais como artesanato, gastronomia, religiosidade, costumes, festividades, entre outros, mas pouco ainda foi pesquisado sobre o *talian* como objeto de valorização do patrimônio cultural e como o *talian* faz parte da italianidade, ou seja, da identidade cultural dos descendentes.

O dialeto permanece, ainda assim, como o documento de identidade de um povo, único em formular conceitos específicos, sobretudo estados psicológicos e mentais da comunidade. Fundamenta-se assim a tipologia vêneto-brasileira, compartilhada pelos “oriundos”, que encontra uma adequada e recíproca interação (MIAZZO, 2011, p. 7).

Portanto, esta pesquisa observou o *talian* sob outra ótica, uma faceta pouco ou nunca explorada anteriormente, que é a perspectiva do *talian*, como patrimônio cultural e seus reflexos na sociedade.

Exposto isso, ressalto a relevância de se pesquisar sobre o *talian* e demais línguas de imigração que compõem a diversidade linguística do País. No caso específico do *talian* que já tem seu registro feito pelas instituições nacionais e estaduais competentes, cabem ainda estudos referentes à sua valorização como patrimônio, bem como de sua difusão. Por se tratar de um patrimônio vivo que permanece em constante evolução é indispensável que se propiciem formas de divulgá-lo e preservá-lo para as próximas gerações.

Atualmente, existem trabalhos que estudam os mais variados aspectos do *talian*, principalmente do ponto de vista linguístico. Mas o propósito que deu origem a esta investigação, foi observar uma das facetas pouco estudadas sobre o *talian*, isto é, a realidade modificada pela sua existência, sua origem simbiótica, e as memórias que ela suscita.

3.3 O Processo de reconhecimento do *talian*

As condições necessárias para que o *talian* viesse a ser declarado como Referência Cultural Brasileira têm suas raízes em 1997, quando surge a necessidade de serem criados instrumentos legais de salvaguarda do patrimônio imaterial. Isso garantiria a institucionalização desse tema, que já vinha sendo conceitualmente pensado desde a década de 1930, com a proposta para o pré-projeto de lei que inspirou o Decreto-Lei nº 25 de 1937 (BRASIL, 1937a) elaborado por Mario de Andrade:

A criação de um instrumento legal sobre a salvaguarda foi proposta em 1997, durante o Seminário Internacional Patrimônio Imaterial: estratégias e formas de proteção, que produziu a Carta de Fortaleza. Este documento recomendou ao Iphan a realização do inventário desses bens em âmbito nacional, a integração das informações produzidas ao Sistema Nacional de Informações Culturais (SNIC) e a criação, pelo Ministério da Cultura (MinC), de um grupo de trabalho para desenvolver estudos e propor a edição de um instrumento legal dispendo sobre a criação do instituto jurídico denominado Registro.

Atendendo a essas recomendações, em 1998, foi criado o Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial (GTPI) que apresentou a proposta técnica do Decreto Nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, criando o registro de bens culturais de natureza imaterial e o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI). Entre 2000 e 2004, o Iphan elaborou e testou a metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) e realizou duas experiências de registro [...]. (IPHAN, site institucional²⁸)

Dessa forma, com a publicação do Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000 (BRASIL, 2000) foi instituído o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), que viabilizou a elaboração de “[...] projetos de identificação, reconhecimento, salvaguarda e promoção da dimensão imaterial do Patrimônio Cultural Brasileiro, com respeito e proteção dos direitos difusos ou coletivos relativos à preservação e ao uso desse bem.” (IPHAN, site institucional²⁹).

A partir dessa legislação, surge o Inventário de Referências Culturais (INRC), que são instrumentos de preservação que têm por objetivo identificar as diversas

²⁸ Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/418>>. Acesso em: 11 abr 2021.

²⁹ Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/761>>. Acesso em: 15 abr 2021.

manifestações culturais, entre as quais está o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), criado pelo Decreto nº 7.387, de 09 de dezembro de 2010 (BRASIL, 2010), assim definido:

[...] é uma política voltada para o reconhecimento da diversidade linguística como patrimônio cultural, por meio da identificação, documentação e ações de apoio e fomento. Por ser um instrumento com a dupla finalidade de pesquisar as línguas e reconhecê-las como patrimônio cultural, o INDL visa ao mapeamento, a caracterização e o diagnóstico das diferentes situações relacionadas à pluralidade linguística brasileira. Ou seja, para que uma língua seja incluída no Inventário, é necessário, antes de tudo, produzir conhecimento sobre ela, documentar seus usos e realizar um diagnóstico sobre as suas condições de vitalidade. A produção de conhecimento sobre as línguas, incluindo a documentação audiovisual e os diagnósticos sobre vitalidade linguística, é elemento estruturante dessa política, pois parte considerável das línguas existentes ainda é pouco conhecida. (IPHAN, site institucional³⁰).

A partir desses movimentos e possibilidades, o reconhecimento do *talian* como *Referência Cultural Brasileira* se deu em 2014 por meio de um processo³¹ junto ao IPHAN, resultante de um movimento popular:

[...] a mobilização pelo reconhecimento do *talian* iniciou-se em 2001, com o pedido de registro da língua encaminhado ao IPHAN, em nome de Honório Tonial, presidente da Associação dos Apresentadores de Programas de Rádio Talian do Brasil (ASSAPRORATABRAS) [atualmente ASSODITA]. Desde então, essa mobilização vem ganhando cada vez mais força, tendo a língua sido reconhecida como patrimônio cultural e histórico nos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. (BRASIL, 2014, p.3).

Sobre esse início de atividades no Rio Grande do Sul, a professora Ana Lucia Meira³² nos apresenta um relato muito relevante:

"Do ano 2000 até 2003, [foi] quando efetivamente as coisas começam a andar, de maneira mais concreta, nesse campo. [...] Em 2003, com Gilberto

³⁰ Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/140>>. Acesso em: 18 abr 2021.

³¹ Processo nº 01450.010077/2014-66/2014 disponível na íntegra por meio de solicitação de acesso à informação no Portal GOV.Br.

³² A professora Ana Meira era na época Superintendente Regional do IPHAN.

Gil no Ministério da Cultura é que esse tema adquire uma dimensão muito grande, uma estruturação no IPHAN, importante. E na época se decide quais seriam as prioridades em nível nacional para trabalhar com a questão do patrimônio imaterial. Esse desafio é lançado para todo o Brasil, para todas as superintendências [...], mas nem todos os Estados estavam preparados, tinham pessoal para trabalhar nesse tema ou estavam interessados também, porque o IPHAN, tradicionalmente, teve uma ênfase no patrimônio material, então, a maioria eram arquitetos. [...] era um desafio. Aqui no Rio Grande do Sul, nós colocamos [...] [a prioridade em] grupos que tradicionalmente tinham sido excluídos das políticas de preservação, que eram os negros e os indígenas. [...]. Passado um tempo, [...] veio uma demanda por parte da Serra Gaúcha de que o talian fosse declarado patrimônio imaterial brasileiro [...]. Na época eu conversei com a [diretora] Marcia Santanna [...] que tinha essa demanda, mas que era uma língua, não se enquadrava dentro das categorias que a lei previa, aliás que o decreto previa, era uma coisa nova." (Depoimento em vídeo enviado ao e-mail do pesquisador, pela Professora Ana Lucia Meira, em 09 de abril de 2021).

Seguindo essa ideia de proporcionar uma salvaguarda a culturas historicamente relegadas, o *talian* não foi uma prioridade para a Superintendência Regional do IPHAN, visto seus recursos limitados e a já bastante documentada história e cultura de imigração.

"Mas o pessoal da Serra é muito articulado, eles [...] foram à luta, perceberam que aqui [na Superintendência Regional] tinham outras prioridades, e foram direto pra Brasília! [...] E aí, claro, ficou evidente que o decreto tinha [...] uma lacuna, que era a questão das línguas." (Depoimento em vídeo enviado ao e-mail do pesquisador, pela Professora Ana Lucia Meira, em 09 de abril de 2021).

Em 2010, como já mencionado, é publicado o Decreto nº 7.387, de 09 de dezembro de 2010 (BRASIL, 2010) que viria a sanar essa lacuna referente à diversidade linguística. A Professora Márcia Genesis de Sant'anna³³ em seu depoimento sobre o processo de reconhecimento do *talian* junto ao IPHAN, ressalta a importância da ação dos falantes do *talian* não só para o reconhecimento em si da

³³ Servidora (1987-2011) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) onde exerceu diversos cargos, entre os quais o de Diretora do antigo Departamento de Proteção (1998-1999) e Diretora do Departamento de Patrimônio Imaterial (2004-2011).

língua, mas os desdobramentos que impactariam na salvaguarda de outras línguas, e mesmo como do próprio Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL).

“O processo de reconhecimento do Talian como Referência Cultural do Brasil e a inserção desta língua no Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) pode ser visto como um ponto culminante de um outro processo mais longo que diz respeito à própria construção do referido inventário. Os falantes do Talian tiveram um papel fundamental como a comunidade linguística que primeiro solicitou ao Iphan o reconhecimento de uma língua como patrimônio, o que ocorreu logo após a promulgação do Decreto n° 3.551/2000. Esta demanda foi o que provocou a criação do Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística (GTDL), coordenado pelo DPI/Iphan, que reuniu representantes do Ministérios da Educação, Ciência e Tecnologia, Planejamento (no caso, representado pelo IBGE) e Justiça (representado pela FUNAI), além de linguistas renomados. Este grupo trabalhou por cerca de três anos, apresentando como fruto do seu esforço a minuta do que se tornou o Decreto n. 7.387, de 9 de dezembro de 2010, que criou o INDL, bem como as bases conceituais e técnicas para a implementação desse instrumento de reconhecimento e produção de conhecimento. Assim, pode-se afirmar que a demanda dos falantes do Talian foi essencial para que esse processo fosse deflagrado, funcionando também como algo que aglutinou em torno do reconhecimento da diversidade linguística do país outras comunidades de falantes de línguas indígenas, afro-brasileiras, de sinais, assim como de outras línguas brasileiras vinculadas ao processo de imigração” (Depoimento em texto enviado ao e-mail do pesquisador, pela Professora Márcia Genesis de Sant’anna, em 23 de abril de 2021).

Mas todo esse processo, referente especificamente ao *talian* teve início ainda em 2009, por meio de uma parceria entre o Instituto Vêneto e a Universidade de Caxias do Sul (UCS) surgiu a iniciativa do *Projeto Inventário da Diversidade Cultural da Imigração italiana: o talian e a culinária*, que tinha por objetivo produzir conhecimentos para compor um inventário básico (com pesquisa de campo) cuja abrangência foi de 55 municípios em 4 Estados (RS, SC, PR, ES), pré-requisito para o processo de reconhecimento. Esse projeto piloto ficou sob a coordenação do Prof. Dr. José Clemente Pozenato quando se constituiu o Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística do *Talian*, composto por diversos pesquisadores principalmente vinculados a instituições de ensino superior como a Universidade de Caxias do Sul (UCS), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

“O grupo de trabalho foi constituído na Universidade de Caxias do Sul, sob a minha coordenação técnica, e com a parceria do Instituto Vêneto, também de Caxias do Sul, e da FIBRA-RS, de Serafina Corrêa. O inventário incluiu os três estados do Sul do Brasil: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, onde a língua conhecida como *Talian* tinha mais força e presença” (Depoimento em texto enviado ao e-mail do pesquisador, pelo Professor José Clemente Pozenato, em 04 de maio de 2021).

Esse Grupo tinha o objetivo de buscar metodologias para o inventário de língua de imigração. Inventário esse que deveria registrar “[...] de forma fidedigna, objetiva e sistemática a realidade e o contexto de uso.” (INSTITUTO VÊNETO...,2010, p.9). O inventário enviado ao IPHAN incluía:

[...] relatório final com diversas informações metodológicas, dados sobre a vitalidade da língua, relato do trabalho de campo nos diferentes momentos e contextos de pesquisa e reflexões sobre a língua; e 2) o formulário proposto pelo GTDL preenchido. A metodologia de pesquisa foi variada e além do levantamento documental e bibliográfico, consistiu na aferição da vitalidade da língua na comunidade por meio de entrevistas com ouvintes de programas radiofônicos em *talian*, aplicação de questionários com dirigentes das prefeituras das antigas, novas e novíssimas colônias e seus desdobramentos para mapear a presença de falantes de *talian* em cargos de liderança política. Foi utilizado ainda o questionário BITS, BIPR e PIES (bilinguismo no Rio Grande do Sul, Paraná e Espírito Santo, respectivamente) em escolas de ensino médio, no qual a equipe de pesquisa lançou mão de um questionário aplicado nos anos de 1980 no RS com jovens alistados, o que possibilitou uma análise comparativa da situação da vitalidade linguística nesses dois momentos temporais. (BRASIL, 2013, p. 7,8).

Esse projeto-piloto frutificou em 2010, quando aprovado o Decreto nº 7.387, de 9 de dezembro instituindo o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), sendo reconhecido como Referência Cultural Brasileira, em 2014. Fica evidente no Relatório Final (INSTITUTO VÊNETO..., 2010) que houve bastante interação com as comunidades e seus eventos típicos.

Além da pesquisa do inventário, o GT do *Talian* buscou incentivar a divulgação do inventário à comunidade regional e participar de eventos e atividades relativas ao *talian*. Essa interação com a comunidade de fala serviu, ao mesmo tempo, como estratégia de coleta de dados. Nesses eventos, como a gravação de um programa de TV sobre o Filò, no município de Farroupilha/RS, a Noite do Filò, em Caxias do Sul/RS, as

entrevistas nos programas de rádio e jornais (em anexo); a Festa *Taliana*, no município de Ipumirim (SC), o II Fórum Nacional da Língua do *Talian*, em Serafina Corrêa/RS, a Festa da Uva, em Caxias do Sul/RS, a Noite da Massa, em Colombo/PR e a “Missa das 10”, em Venda Nova do Imigrante/ES, verificou-se a presença da língua de imigração, principalmente em seu uso oral. Foi possível vivenciar eventos culturais típicos e observar as atitudes dos falantes em relação ao uso da língua e a repercussão disso na sociedade maior. (INSTITUTO VÊNETO..., 2010, p. 9,10)

Sobre a participação da comunidade de falantes do *talian* no processo de reconhecimento junto ao IPHAN, o Professor José Clemente Pozenato³⁴ relata que “O envolvimento da comunidade se deu pela sua participação na consulta feita pelos pesquisadores: para localizá-los, foi importante a participação das prefeituras e de entidades culturais ligadas à imigração italiana.”. Como a iniciativa se organizou em torno à região da Serra Gaúcha, possivelmente, a distância geográfica pode ter interferido na atuação mais direta da região da Quarta Colônia nesse relatório final enviado ao IPHAN. Mas no próprio Parecer Técnico nº 61/2014 – CGIR/DPI (BRASIL, 2014, p. 19-21) fica clara a intensa participação da comunidade na solicitação de reconhecimento, como observamos no trecho que segue:

Após a publicação do Decreto 7387, de 2010, que instituiu o INDL como instrumento de reconhecimento da diversidade linguística no Brasil, foram enviadas ao IPHAN diversas solicitações de inclusão da língua *talian* no INDL. A mais recente solicitação foi enviada pelo presidente da FIBRA, Paulo Massolini, através do Ofício nº 44 de março de 2014. Após essa data foram enviadas cartas assinadas por falantes, instituições, pesquisadores, prefeitos, vereadores e demais membros da comunidade linguística, reforçando a demanda por reconhecimento da língua. O vídeo “*Talian*”, enviado como complementação do projeto-piloto, endossa essa demanda ao mencionar que o *talian* foi a primeira língua a solicitar o reconhecimento como patrimônio cultural. É inquestionável, portanto, o interesse e a mobilização da comunidade *taliana* pelo reconhecimento de sua língua enquanto referência cultural brasileira.

Não existe dúvida sobre a importância do reconhecimento junto ao IPHAN, o Prof. José Clemente Pozenato, no entanto que ressalta iniciativas de salvaguarda e valorização que somente foram possíveis a partir desse registro.

³⁴ Depoimento em texto enviado ao *e-mail* do pesquisador, pelo Professor José Clemente Pozenato, em 04 de maio de 2021.

Só o registro não é suficiente. Mas ele abriu caminho para inúmeras ações de preservação e valorização da língua. Aponto duas como fundamentais:
- *A criação do Conselho Nacional de Gestão da Língua talian [Comitê Nacional de Gestão da Língua Talian];*
- *A publicação recente do livro Talian par cei e grandi – Gramàtica e Stòria. Sobre essas duas bases é possível uma reconstrução da língua.*
(Depoimento em texto enviado ao e-mail do pesquisador, pelo Professor José Clemente Pozenato, em 04 de maio de 2021).

O Título Referência Cultural Brasileira (ANEXO A) e a Certidão de inclusão da língua *Talian* no Inventário Nacional da Diversidade Linguística (ANEXO B), conferidos a língua *talian*, foram resultado de um longo processo de pesquisa e ações entre instituições, pesquisadores e comunidade com o propósito único de salvaguardar e valorizar o *talian*, que é parte essencial da identidade dos ítalo-descendentes. E ressalta a importância da existência de políticas públicas específicas para proteção dos bens culturais imateriais.

4 A LA MÉRICA NOI SIAMO ARRIVATI

Sendo a área de colonização italiana no Estado e a população de descendentes muito grandes, e o tempo de pesquisa limitado, optei por coletar depoimentos de *tesouros vivos* do *talian*, que segundo a Unesco³⁵ são “[...] pessoas que encarnam, ao máximo, as destrezas e técnicas necessárias para a manifestação de certos aspectos da vida cultural de um povo e a manutenção do patrimônio cultural material”. O Programa Tesouros Humanos Vivos da UNESCO foi aprovado em 1993 com base em experiências japonesas no pós-guerra:

Já existem alguns sistemas de Tesouros Humanos Vivos adoptados por governos de Países como o Japão (desde 1950 com a denominação Tesouros Nacionais Vivos), a República da Coreia (1964), as Filipinas (1973 fez o reconhecimento de uma categoria específica de “Artistas Nacionais”, outro programa criou categoria de Tesouros Nacionais Vivos), a Tailândia (em 1985 procedeu de maneira similar ao criar o Projecto de Artistas Nacionais), a Roménia recentemente criou o Sistema Regional de Tesouros Humanos Vivos e a França criou o Projecto Maestros das Artes. Todos esses projectos servem para distinguir, honrar os portadores de conhecimentos e tradições populares, mas exigem que a transmissão dos saberes que os distinguiram para as gerações mais jovens. (PRIMO, 2007, p. 129).

A autora afirma que “[...] identificar tesouros humanos vivos é o meio mais eficaz de protecção; é garantir que os portadores deste património sigam aumentando suas destrezas e saberes e que as possam transmitir às gerações *actuais* e seguintes” (Op.cit., loco citato). Além disso, as considerações da UNESCO (2003) recomendam que se privilegiem “[...] as formas de apresentar as culturas tradicionais e populares que realcem os testemunhos vivos ou passados destas culturas (localizações históricas, modos de vida, saberes materiais ou imateriais)” (UNESCO, 2003, p. 8).

³⁵ Disponível em: <<https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/expertise/world-heritage-brazi>>. Acesso em: 30 nov. 2020.

Em função disso, o campo etnográfico foi constituído por pessoas representativas da comunidade ítalo-descendente que tenham se destacado como referências de valorização do *talian* no Rio Grande do Sul e que se dispuseram a participar da pesquisa, a saber:

- a) **Juvenal Dal Castel** (Associação de Difusores do *Talian* - Assodita);
- b) **Luiz Agostinho Radaelli** (Idealizador da Rádio *Web Brasil Talian*³⁶);
- c) **Marcos Daniel Zancan** (Professor do Colégio Técnico Industrial da UFSM - Projeto de Extensão: Língua *Talian*);
- d) **Frei Arlindo Itacir Battistel** (Pesquisador e escritor da Imigração e da cultura *taliana*);
- e) **José Clemente Pozenato** (Romancista, cronista, poeta e professor);

Cabe ressaltar que a ausência de tesouros vivos do gênero feminino, ocorreu exclusivamente pela indisponibilidade das identificadas/selecionadas participarem da pesquisa, visto o período de complexidade gerado pela pandemia.

É necessário a qualquer pesquisa utilizar “[...] os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Consiste de ver, ouvir e examinar fatos ou fenômenos.” (MARCONI; LAKATOS, 1999, p. 90). Com o advento da pandemia, algumas mudanças foram feitas, e os depoimentos foram coletados de forma remota/virtual, isso é, tendo por base um sucinto roteiro semiestruturado enviado por *e-mails* (APÊNDICE A) apenas para estimular as manifestações de cada um. Conforme a legislação em vigor, os respondentes assinaram um termo de consentimento de sua participação (APÊNDICE B)³⁷.

Dessa forma, o *corpus* da pesquisa se constituiu, principalmente, pelo material produzido/coletado a partir dos depoimentos desses tesouros-vivos, que se destacam na valorização e salvaguarda do *talian* como patrimônio cultural no contexto da comunidade de ítalo-descendentes no Rio Grande do Sul. Outra técnica

³⁶ Disponível em: <<http://www.radiobrasiltalian.com.br/>>. Acesso em: 14 ago. 2020.

³⁷ Por se tratar de pesquisa que envolve coleta de depoimentos, o projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética, via Plataforma Brasil, após ter sido aprovado pela Comissão de Pesquisa da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Todavia, até a presente data, não obtivemos parecer a respeito.

de coleta de dados utilizada foi a análise documental da produção cultural ítalo-brasileira em livros, filmes, músicas, cantos, teatro, festas e comemorações, dentre outros, no âmbito da comunidade gaúcha.

Dando seguimento às atividades previstas no cronograma, e para superar os empecilhos provocados pela pandemia atual, iniciei os contatos por *e-mail* e *WhatsApp* com alguns dos tesouros vivos que já tinha selecionado, em função de seu papel na difusão do *talian*. Nesse contato, solicitei que me enviassem depoimentos em vídeo gravados com celular ou em texto, visto as restrições de isolamento impostas pela pandemia da COVID-19, seguindo o roteiro que já havia elaborado (APÊNDICE A).

O resultado superou minhas expectativas, e os depoimentos encaminhados trouxeram um conteúdo muito relevante para esta dissertação. Desse modo, consegui suprir a ansiedade e, até mesmo, a angústia que me afligiam pela condição imposta por esta pandemia, que me fez adaptar as técnicas de coleta de dados previstas.

4.1 Tesouros vivos do *Talian*

Quando se fala em aspectos culturais de uma comunidade, não se tem como abstrair as pessoas, pois elas são parte fundamental de qualquer sociedade. Nenhuma cultura é viva sem pessoas que dela compartilham, assim, muito dos costumes, memórias, hábitos, histórias e cantigas acabam por se materializar em algumas pessoas da comunidade, que se tornam referências culturais.

Sem dúvida algumas pessoas se destacam quando se pensa em difusão e salvaguarda do *talian* no Rio Grande do Sul e, sem dúvida, numa primeira análise vieram à mente estudiosos como Frei Rovílio Costa, Darcy Loss Luzzatto, Honório Tonial, Alberto Vitor Stravinski, Frei Aquiles Bernardes e tantos outros que, de algum modo, contribuíram para que o *talian* chegasse até a minha geração. Entretanto, continuam existindo tesouros vivos do *talian*, como os que tive o prazer de entrevistar de forma remota para minha pesquisa.

Eles representam variados segmentos de atuação no sentido de preservar e difundir o *talian* e a *cultura taliana*. Propagando o *talian* por todas as mídias

possíveis e incentivando as novas gerações a aprender e cultivar os valores e as tradições intrínsecas ao *talian*. São inegáveis suas contribuições para a disseminação do *talian*, bem como seus conhecimentos da língua. Atuam em associações, rádios, escolas, nas redes digitais.

4.1.1 Juvenal Dal Castel

Primeiro a atender ao convite de participar da pesquisa foi Juvenal Dal Castel, dentista e presidente da Associação dos Difusores do *Talian* (ASSODITA), cujas gravações do depoimento totalizaram aproximadamente cinquenta minutos. Nesse tempo, ele respondeu às indagações de nosso roteiro e forneceu muitas outras informações e memórias, inclusive, parte do depoimento ele fala em *talian*, língua em que se sentiu mais à vontade em falar. Já no início de seu depoimento, ele me emocionou, ao falar da importância do *talian* como patrimônio cultural e nos aspectos culturais que podem ser identificados no *talian*:

O talian é uma riqueza inestimável que nós temos aqui no Brasil. [...] ele tá presente transversalmente em todas as dimensões da vida das comunidades talianas, ele tá presente no trabalho; no cotidiano; na culinária; nos jogos, na mora, no quatrilho, no jogo de bocha, no jogo de cartas; tá presente na questão das expressões, das interjeições, no sentimento e na forma de se expressar e de sentir! Está presente na música, no teatro, temos uma vasta literatura, já, em talian, tem mais de cem anos a literatura do talian [...] E hoje, vamos dizer assim, ele está presente na cultura digital! Muito presente! Seja na poesia, seja na música, seja nos vídeos, nas entrevistas, nos documentários, e nos trabalhos acadêmicos que a gente vai vendo que estão sendo publicados e acessados [...]. Acho que ele é o elemento cultural que tem maior transversalidade! [...].

Especialmente, o talian é uma língua que cada palavra, ela tem uma memória, e cada memória tem uma história... porque seguido eu... com as pessoas mais jovens, eu digo uma palavra, eles me dizem: “Bah! Minha vó falava isso aí, fazia 20 anos que eu não ouvia mais”. Né, seguido ocorre de gente que vai daqui pra Itália, porque na Itália se perdeu muito mais do vêneto lá, porque o nosso talian é 90...95% formação veneta, as vezes as pessoas vão pra lá, começam a conversar com os jovens lá, e eles dizem: “pá! Mas tu fala igual fala minha vó. Deixa que vou telefonar pra ela, porque ela vai ficar emocionada sabendo que tem gente lá do outro lado do mundo que fala que nem ela!” (Depoimento em vídeo enviado ao e-mail do pesquisador, por Juvenal Dal Castel, em 02 de agosto de 2020).

Ele apresenta um depoimento muito significativo sobre a importância de se valorizar o *talian*:

A importância de você preservar uma língua como é no caso a talian é a mesma de você preservar um prédio, um prédio histórico, uma estátua, um monumento histórico, né! Com a vantagem que o patrimônio imaterial, a língua, ela é cultura viva! Um prédio é cultura estática, né, você vai lá você lê o que tá dizendo aquilo, mas a língua, ela, tá nas pessoas! O alicerce desse patrimônio não é de pedra, ele é de carne, osso, sangue, sentimento, pensamento. Então se você preserva a língua você preserva a cultura de um povo, a coisa mais fácil pra você destruir a cultura de um povo, é você destrói a língua dele. Porque é na língua que eles transmitem todo o seu saber, e o seu saber envolve a cultura, então se eles não têm uma língua como eles vão passar adiante o saber, né? Como você, acostumado a cantar uma música em polonês, agora você vai ter que passar ela adiante pros seus netos em português? Que graça vai sentir o neto em aprender uma música em português, quando na verdade ele sabia que era em polonês na origem? O sentimento original está na língua materna, né... o Mandela dizia assim: Fale a língua dele, se você falar uma língua instrumental, você toca no cérebro da pessoa [...] mas se você falar na língua materna daquele povo, você vai tocar no coração! Ele vai dizer: opa! Esse fala igual a nós! Esse é igual, e se identificam no falar da língua. A importância tá aí, você preservou a língua, você preserva a cultura e toda aquela transversalidade que a língua tem em relação aos outros setores da cultura (Depoimento em vídeo enviado ao e-mail do pesquisador, por Juvenal Dal Castel, em 02 de agosto de 2020).

Também destaca o motivo pelo qual o sentimento de pertencimento e orgulho de se falar o *talian* tenha demorado tanto para se desenvolver novamente, depois do período de sua proibição entre 1930 e 1945:

É complicado, aqui, falar em pertencimento. Num momento que você sabe historicamente que essa língua foi proibida! Então foi dito para eles [falantes do talian]: - você tem algo que é proibido, você não pode falar isso aí... você é detentor de uma coisa e você não pode exercer isso. E passada essa proibição... aí vem novamente a chacota... o bullying, você fala uma língua de ignorantes, de toscos, de pessoas rústicas, né!? De nhoque, de qui é bonni in sgraffar tera in colônia, que non sa nhanca Leser [...] e aí tu era chacoteado. [...] Então o pertencimento dos anos 1940 até os 1970, ele foi chamado de vergonha! Ele estava carregado de vergonha! [...] o pertencimento invertido, era o desejo que [...] ninguém soubesse que eu tinha isso. As pessoas se expressavam em português da forma mais correta possível, né? E ainda assim, sempre o flagrante que tu tem uma origem no lá no talian, por causa do teu sotaque, tu era debochado de novo por falar português. Então o saber falar talian ao invés de ter autoestima de pertencimento, tu tinha a vergonha de saber que os outros sabiam que tu falava talian, né? Então tu fazia de tudo para esconder! Ainda bem que

depois, num período pós êxodo rural, que houve um... digo assim... uma atmosfera pela salvaguarda [do talian], onde alguns colonos que saíram da colônia, né! Jovens foram estudar, se formaram padres, médicos, dentistas, se formaram advogados, professores universitários, alguns fundaram algumas empresas e foram bem sucedidos [...] e eles perceberam que o talian não era problema, pelo contrário, o talian era uma língua que divertia muito, que dava prazer em falar. Então, eles começaram a produzir, começaram a escrever, começaram a registrar, né, aquilo que eles falavam. E começaram a surgir as primeiras gramáticas, os primeiros dicionários, e aí é que ressurgiu, né, a autoestima pelo pertencimento. Então o pertencimento, ele reaparece mais na década de [19]70 em diante e depois ele passa a se afirmar, cada vez mais, nos anos 90 quando começou aquela militância pela salvaguarda e pelo reconhecimento do Governo Estadual e Municipais... e do Governo Federal [...]. Então aí que as pessoas começaram a se sentir empoderadas, nesse sentido, mi son talian! E mi parlo talian, grazie a Dio! [...] houve um empoderamento linguístico no sentido que as pessoas passaram a se sentir orgulhosas, no bom sentido, de se sentir orgulho, né, se sentir honradas, né, estimadas por saber serem detentoras de um patrimônio linguístico [...]. (Depoimento em vídeo enviado ao e-mail do pesquisador, por Juvenal Dal Castel, em 02 de agosto de 2020).

Dal Castel indica, como se deu a retomada das iniciativas de preservação e valorização nas décadas de 1980 e 1990, após anos de ostracismo e preconceito contra o *talian*, um amargo legado da Era Vargas (1930-1945) deixado sobre os falantes da língua *taliana*. Além de se poder observar que toda sua contribuição reflete de algum modo a importância da valorização do *talian*, em nosso contexto atual.

4.1.2 Luís Agostinho Radaelli

Luís Agostinho Radaelli, criador da *Rádio Web Brasil Talian*, morador de Lajeado, de pronto também atendeu ao convite de participar dessa pesquisa. Mandou seus depoimentos em uma série de vídeos, totalizando quinze minutos de gravações, nos quais trouxe suas experiências e vivências sobre a cultura do *talian*. Quando questionado se considerava o *talian* parte de sua identidade cultural, afirmou sem titubear que: “Disso não há menor dúvida, embora muitas vezes eu tenha sido ridicularizado por ter o sotaque carregado do talian, me sinto realizado em poder ouvir, ler e escrever no talian e na língua Vêneta também”.

Ele oferece uma grande contribuição à pesquisa quando fala sobre os motivos que tornam importante a realização de ações para valorização do *talian*:

O talian tem sua base na língua vêneta, as variadas línguas faladas pelos imigrantes se fundiram aqui e formaram o que hoje chamamos de língua talian. Para mim o termo dialeto não representa nenhuma inferioridade linguística, porque todas as línguas ditas hoje oficiais um dia também foram dialetos, e como algo vivo, o talian também é vivo e tende a evoluir como as demais línguas desde que devidamente tratado, falado, escrito e valorizado (Depoimento em vídeo enviado ao e-mail do pesquisador, por Luiz A. Radaelli, em 06 de agosto de 2020).

Radaeli ressalta ainda que existem vários aspectos de se valorizar o *talian*, e que se questiona sobre aspectos potencialmente inadequados, segundo seu ponto de vista. Mas que no fundo não deixam de ser, potencialmente, pontos que precisam ser explorados para valorização. E menciona a perda de alguns dos principais estudiosos do *talian*, fato que certamente impactará de alguma forma na difusão do *talian*:

Ele [o talian] está sofrendo por parte de muitas pessoas a influência da língua oficial italiana. Muitos acham que fazem bem ao talian incluir termos do italiano gramatical, misturando muitas palavras e fazendo um caldo do qual não se sabe o sabor que vai resultar. Com o advento das redes sociais e as muitas possibilidades que elas oferecem, tenho notado que está havendo, algo que para mim é uma verdadeira apunhada ao talian... tenho visto e acompanhado ao longo do tempo diversas representações feitas sobre nossos antepassados, sendo algumas até bem elaboradas, mas boa parte delas que são piadas, vídeos e agora lives que não se enquadram nesse conceito bom do talian... falo principalmente daquelas onde os atores do talian, quase sempre são representados por personagens [...] normalmente bêbados, brigões, bobos, atrasados, ridículos e de várias outras maneiras. Diante disso eu me pergunto como é que vamos assim valorizar nossos antepassados e projetar nossa cultura para o mundo? Seremos sempre i bauqui? Quéi que fá ridar? I poaretí? strambi? E Cosí via? Me parece que isso é um demérito para o talian, e pior é que esse tipo de demonstração tem uma aceitação enorme pelo público em geral. E é visto como algo importante para a cultura do talian... fico me perguntando... será que estou tão errado em pensar que tratar o talian de uma forma mais séria e como ele realmente se merece? Nesse meio tempo o talian perdeu alguns referenciais que mexeram com sua estrutura, menciono aqui escritores como Frei Rovílio Costa, Honório Tonial, Alberto Vitor Stravinski, recentemente Darcy Loss Luzzatto dentre vários outros. Também não vejo hoje quem possa ocupar o lugar por eles deixados. Também não vejo mais que escreve regularmente em jornais e os programas de rádio nem sempre a meu ver, traduzem o verdadeiro espírito do talian, há muito o que se fazer

em prol dele [do talian] (Depoimento em vídeo enviado ao e-mail do pesquisador, por Luiz A. Radaelli, em 06 de agosto de 2020).

Nas falas de Radaelli se evidencia uma preocupação sobre as formas de disseminação e valorização utilizadas por alguns difusores do *talian*, que se valem de formas caricatas e cômicas para levar o *sotaque do talian* aos mais variados públicos. Certamente é uma iniciativa válida, mas cabe enfatizar que estudos acadêmicos e históricos devem continuar sendo realizados para garantir que a estrutura linguística do *talian* chegue aos descendentes mais jovens. Assim como iniciativas de ensino escolar e outras atividades culturais nas cidades de colonização italiana no Rio Grande do Sul poderiam ser intensificadas.

4.1.3 Marcos Daniel Zancan

Outro depoimento importante foi dado pelo Professor Marcos Daniel Zancan, do Colégio Técnico Industrial (CTISM) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), coordenador do Projeto de Extensão da UFSM/CTISM intitulado Resgate Histórico-Linguístico-Cultural da Língua *Talian* na Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul, mais conhecido como *Projeto Talian*, em desenvolvimento desde 2017. O professor optou por enviar seu depoimento por escrito em um e-mail, num total de dez laudas, fato que não diminuiu riqueza de suas colocações, trazendo contribuições muito relevantes. Exemplificou a realidade que existia quando da formação do *talian*, com um caso da região da quarta colônia, onde ainda existem falantes do *furlan* (ou friulano)

É interessante destacar que os imigrantes que falavam furlan, por exemplo, também já sabiam ou aprenderam aqui a falar o vêneto brasileiro, para assim poderem se comunicar com os imigrantes do vêneto. Na Quarta Colônia, por exemplo, temos comunidades de descendentes de falantes do furlan que falam atualmente três línguas, o Português, o Talian (Vêneto Brasileiro) e o Furlan (Depoimento enviado ao e-mail do pesquisador, por Marcos Daniel Zancan, em 13 de agosto de 2020).

Num trecho emocionante de sua fala, faz um retrato da realidade de muitos descendentes, que aprenderam o *talian* já adultos ou que nem mesmo tiveram contato com o *talian* por não ter sido ensinado pelas famílias que sofreram as sanções linguísticas da Era Vargas:

[...] Posso dizer que o Talian é minha primeira língua de ouvido, mas não de fala. Meus pais e tios falavam entre eles em Talian mas não com os filhos, possivelmente em função da perseguição sofrida no Estado Novo de Getúlio Vargas, quando várias pessoas de minha cidade foram presas somente por cantarem em Talian. Assim, aprendi a ouvir e a entender o Talian desde criança, porém não aprendi falar. Comecei a falar depois de adulto, quando descobri o passado de perseguição à nossa história, língua e cultura, bem como da importância de preservar nosso patrimônio histórico, cultural e linguístico. Hoje me considero fluente em Talian e me comunico quase que diariamente nesta língua com falantes brasileiros, mexicanos e italianos, que falam as suas variantes de Vêneto (Depoimento enviado ao e-mail do pesquisador, por Marcos Daniel Zancan, em 13 de agosto de 2020).

No que se refere à construção da identidade cultural dos descendentes, Zancan apresenta uma perspectiva relevante:

Porém, um fator interessante é que a identidade de muitos descendentes ainda se preserva mesmo entre os que não falam mais a língua. Isto se deve, provavelmente, à convivência com pais e familiares que ainda falam. Percebe-se [em] jovens, especialmente do interior, que não falam mais o Talian, mas reproduzem a cultura e a identidade de seus pais. Porém isto é apenas temporário. O contato com os falantes não existirá mais nas próximas gerações e esta identidade tende a se deteriorar rapidamente. Assim, creio que este seja o momento crucial para ações de valorização e resgate do pertencimento e da identidade dos descendentes. E uma das ações que defendo, tão importante quanto as outras, porém com pouca representatividade atualmente, é levar nossa história, língua e cultura para dentro das universidades, isto é, torná-la científica e disponível no ambiente universitário, como é o caso desta pesquisa de mestrado (Depoimento enviado ao e-mail do pesquisador, por Marcos Daniel Zancan, em 13 de agosto de 2020).

Seu relato mostra como essa língua está enraizada também na formação de uma identidade cultural. Em outro trecho aborda questões relativas à valorização e formas de se assegurar que esse patrimônio vivo seja salvaguardado, o *talian*:

[...] desfazer o rótulo de língua de ignorantes, de língua mal falada, de língua de colonos. Para isso precisamos pesquisar cada vez mais nossa história, língua e cultura, levar para dentro do ambiente universitário e desmistificar todos os erros históricos sobre os imigrantes, seu passado na Europa e as línguas de imigração. Esta é a contribuição das universidades, promover a cientificidade acadêmica, corrigindo os erros e rótulos, fornecendo informações com amparo científico que servirão de base para os agentes das políticas linguísticas e patrimoniais (Depoimento enviado ao e-mail do pesquisador, por Marcos Daniel Zancan, em 13 de agosto de 2020).

Enfatiza a necessidade de, cada vez mais, se levar o estudo do *talian* para dentro das universidades, tornando-o tema de mais trabalhos acadêmicos. Levando essa temática a pesquisadores talvez de outras áreas além do estudo linguístico, onde encontramos a maioria dos estudos no momento. Dessa forma, tanto promoveríamos a valorização desse patrimônio cultural brasileiro, como também ampliaríamos as possibilidades de projeção, interesse e acesso a temática da cultura do *talian* para um número maior de pessoas/pesquisadores.

4.1.4 Frei Arlindo Itacir Battistel

Frei Arlindo Itacir Battistel, natural de Nova Prata, é um verdadeiro ícone do estudo sobre a imigração e a língua *taliana*, no Rio Grande do Sul, com uma vasta produção como: *Colônia italiana: religião e costumes* (1981), *Polenta e liberdade* (2016 – 2.ed.), *Dois Itálias* (2000), entre outros. Além disso, participou como coautor com o Professor Frei Rovílio Costa, em diversas publicações como: *Assim vivem os Italianos* (1981); *Histórias, estórias e orações* (2003); *Stòrie e fròtole* (2000); entre outros.

Hoje atua no serviço pastoral em Lagoa Vermelha, e atendeu de imediato ao convite para participar dessa pesquisa. Nosso primeiro contato foi por telefone, em uma profícua conversa durante a qual, com sua experiência, pôde me repassar diversas contribuições. Logo em seguida, enviou seu depoimento escrito por e-mail.

Em seu depoimento podemos observar, também, como o *talian* é sempre ligado pelos tesouros vivos relacionados ao modo de ser dos seus falantes.

A língua representa, carrega em si, os costumes, usos, valores, tradições, provérbios, enfim a sabedoria de um povo. A língua é a cultura do povo. Destruindo a língua de um povo automaticamente se destrói a sua cultura, seus valores, suas experiências, aprendizagens, modos de ser e agir. (Depoimento enviado ao e-mail do pesquisador, por Arlindo I. Battistel, em 14 de janeiro de 2021).

As cicatrizes culturais deixadas pela Era Vargas (1930-1945), sem dúvida, ainda se projetarão como sombras sobre as lembranças de uma geração de falantes do *talian*.

Ela [a língua talian] foi muito importante [na comunidade de descendentes] até que foi proibida por ocasião da Segunda Guerra Mundial. Nessa ocasião ela se tornou um crime e pior: Quem falasse essa língua era considerado de uma cultura inferior, bárbara, risível. As pessoas que se expressavam de maneira natural nessa língua passaram a ter vergonha dela. Atualmente tornou-se orgulho falar e se expressar no talian. Muitos empresários e industrialistas, colocaram nomes em talian para suas empresas, indústrias e em seus produtos. (Depoimento enviado ao e-mail do pesquisador, por Arlindo I. Battistel, em 14 de janeiro de 2021).

Mas temos que focar nas relações de pertencimento e de transmissão dessa língua para as próximas gerações. Ainda hoje, quando encontramos outro falante há uma relação quase de cumplicidade ou de familiaridade. Frei Arlindo nos lembra disso ao falar que:

Quando um vendedor se apresenta na casa de um agricultor e fala o talian, logo adquire confiança como se fosse um da família. Eu mesmo como sacerdote era muito bem aceito em qualquer lugar entre os descendentes de imigrantes italianos se em vez de falar português falasse em talian. (Depoimento enviado ao e-mail do pesquisador, por Arlindo I. Battistel, em 14 de janeiro de 2021).

Essas relações são fundamentais para a valorização e disseminação desse patrimônio cultural. Em suas falas Frei Arlindo Battistel demonstra preocupação com a desvalorização do papel do *talian* na formação da identidade cultural das novas gerações. Quando perguntado se o *talian* ainda faz parte dessa formação, respondeu que:

Ele [o talian] foi muito importante. Mas, agora, aos poucos está perdendo sua forte influência na formação da cultura dos descendentes dos imigrantes italianos. Os descendentes mais novos passaram a copiar a cultura proposta pela escola e pela televisão. Não aceitam mais a tradição transmitida pelos seus pais, nem a língua por eles falada. Há alguns municípios que ensinam na escola essa língua, mas são raros. É uma louvável iniciativa que deve ser apoiada. No entanto essa língua não deveria desaparecer porque nela está embutida uma extraordinária experiência de vida, de valores e de ensinamento humano históricos. (Depoimento enviado ao e-mail do pesquisador, por Arlindo I. Battistel, em 14 de janeiro de 2021).

Como ações de valorização Frei Battistel aponta algumas possibilidades que poderiam ser aplicadas ou intensificadas, como:

Publicações de artigos em jornais nessa língua. Programas de rádio. Divulgação nas redes sociais. Mas, deveriam ser publicações razoáveis. Há uma tendência de esculachar o talian publicando bobagens, piadas de mau gosto e grosserias. Isso desmerece muito essa língua. Ensino do talian nas escolas onde há muitos habitantes descendentes de italianos. Divulgar a gramática, dicionário, livros e artigos em revistas e jornais escritos no talian. Valorizar de forma positiva essa língua. (Depoimento enviado ao e-mail do pesquisador, por Arlindo I. Battistel, em 14 de janeiro de 2021).

E vislumbra o reconhecimento dado ao *talian* pelo IPHAN, não somente como uma forma de valorização, mas também de oportunidade, no sentido de angariar recursos para pesquisas e estudos, como observamos em sua fala, acerca do significado do reconhecimento oficial concedido pelo Instituto:

É uma porta de oportunidades que se abre. Possibilita pesquisas, escritas, desenvolvimentos, estudos dessa língua por meio de projetos, como a Lei de Incentivo à Cultura, a Lei Rouanet, etc. Legítima o ensino dessa língua em escolas públicas e particulares. Enfim é um passo importante que foi dado, mas que está sendo muito pouco valorizado e utilizado. (Depoimento enviado ao e-mail do pesquisador, por Arlindo I. Battistel, em 14 de janeiro de 2021).

Seu depoimento reflete aspectos muito relevantes sobre as relações de pertencimento com o *talian*, mas também as preocupações e anseios de um experiente estudioso da área. Fato que amplia a necessidade de se identificar onde o *talian* está sendo valorizado e de que forma.

4.1.5 José Clemente Pozenato

O romancista, poeta, cronista e professor José Clemente Pozenato, natural de São Francisco de Paula, tem uma trajetória muito profícua. Foi professor universitário, tendo atuado na Universidade de Caxias do Sul (UCS) de 1966 até 2010, tendo sido Coordenador do Projeto Piloto para o Inventário do Talian, entre 2009 e 2010, que culminou com o reconhecimento do *Talian* junto ao IPHAN. Na literatura, é autor de obras de sucesso, como *O Quatrilho* e *O Caso do Martelo*, que são referenciais para a cultura de imigração italiana.

Atualmente aposentado da docência, segue atuando como grande difusor do *talian*, e atendeu de imediato ao convite de participar desta pesquisa. Após um primeiro contato, optou por enviar seu depoimento por escrito e via *e-mail*, num total aproximado de duas páginas.

Ele trouxe uma grande contribuição sobre sua participação no processo de reconhecimento do *talian*:

Fui Coordenador do Projeto Piloto para o Inventário do Talian, em 2009-2010, junto ao IPHAN, representando a UCS (Universidade de Caxias do Sul). Nessa função, participei de reuniões do Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística/GTDL, do Departamento de Patrimônio Imaterial do

IPHAN, nos dias 6 e 7 de maio de 2009, onde se definiu a metodologia de trabalho para o inventário das línguas no Brasil. Como pesquisador, na UCS, do Projeto Elementos Culturais das Antigas Colônias do Nordeste do Rio Grande do Sul/Projeto ECIRS. Tendo nascido no interior do município de São Francisco de Paula, somente tomei contato com o Talian a partir dos 12 anos de idade, ao estudar num seminário em Caxias do Sul. (Depoimento em texto enviado ao e-mail do pesquisador, pelo Professor José Clemente Pozenato, em 04 de maio de 2021).

Relata que, ao longo das pesquisas para o Projeto Piloto, identificou a presença da herança cultural do *talian* em diversas atividades, como destaca abaixo:

Na pesquisa realizada para o inventário, ele [o talian] foi localizado em festividades rurais, em programas radiofônicos, em colunas de periódicos e no falar cotidiano de muitas famílias, em especial de pequenas cidades da RCI/Região Colonial Italiana, e de comunidades rurais. (Depoimento em texto enviado ao e-mail do pesquisador, pelo Professor José Clemente Pozenato, em 04 de maio de 2021).

Quanto a importância de se valorizar o *talian* o professor Pozenato é muito enfático “[...] manter vivo o *talian* é manter vivo um patrimônio herdado, e que cria uma identidade cultural. Num universo cada vez mais semelhante em tudo, a afirmação de uma diferença, como a da língua, é um gesto que devolve a saúde coletiva.”³⁸

Ele ressalta o impacto positivo do reconhecimento do IPHAN em relação ao *talian*:

Os descendentes passaram da vergonha para o orgulho de sua língua de origem. Os não-descendentes passaram da atitude de chacota para uma atitude de respeito, e até mesmo de interesse em conhecer a produção literária produzida em Talian. (Depoimento enviado ao e-mail do pesquisador, pelo Professor José Clemente Pozenato, em 04 de maio de 2021).

³⁸ (Depoimento enviado ao e-mail do pesquisador, pelo Professor José Clemente Pozenato, em 04 de maio de 2021).

De forma bastante sucinta, o professor Pozenato apresenta em suas falas importantes aspectos referentes ao *talian*, desde sua participação direta no Projeto Piloto para o reconhecimento da língua junto ao IPHAN, até o impacto de todo esse processo junto à comunidade.

4.2 O *talian* no panorama cultural gaúcho

Dando prosseguimento à investigação, utilizando a técnica de análise documental, prevista no caminho investigativo desta pesquisa, pude identificar uma gama bastante grande de influências do *talian* na cultura do Rio Grande do Sul. Desse modo, pude observar que a presença do *talian* é bastante representativa nos campos da literatura, teatro, música e *cartoon*, seguido pela presença nas redes sociais, rádio e televisão.

4.2.1 Literatura

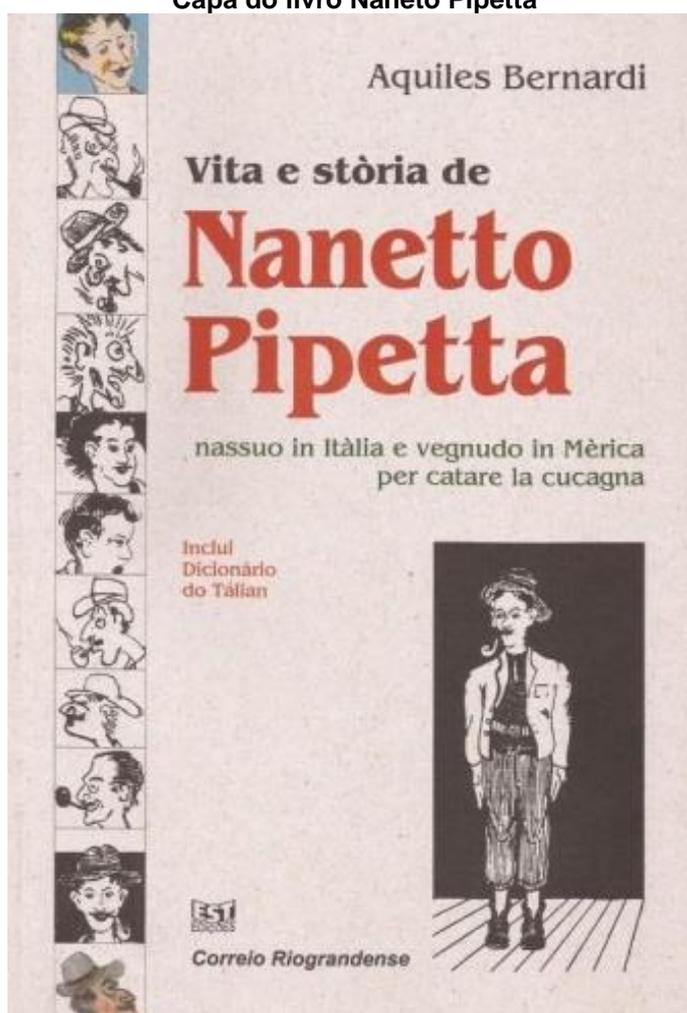
A literatura foi uma das áreas na qual o *talian* alcançou grande influência, após os festejos em comemoração ao Centenário da Imigração, ocorridos em Nova Milano e Caxias do Sul no ano de 1975, um grupo de pessoas passou a se dedicar à identificação, ao registro e à divulgação de aspectos específicos do processo imigratório. Entre eles, merece destaque o registro das estórias e histórias dos imigrantes e descendentes, e, desse modo, é possível encontrar uma série de obras em *talian* com esse tipo de literatura.

Um deles é *Vita e stòria de Nanetto Pipetta* (Figura 10), de autoria do Frei Aquiles Bernardi, publicado originalmente como folhetim no jornal Correio Riograndense entre os anos de 1924-1925, ganhando tanta popularidade que se tornou um livro, considerado uma certidão de nascimento do *talian*. Inspirando outras histórias, como: *Stòria de Nino, fradelo de Nanetto Pipetta*, também do Frei Aquiles Bernardi; e *Nanetto in meso i bùlgari*, de Antônio Baggio; ou *Nanetto nel*

Mondo, de Mário Gardelin; *Togno Brusafrazi. Braúre de dô Compari: aventuras do Imigrante Italiano* do Padre Ricardo Domingos Liberali, entre outras.

O escritor jornalista e escritor caxiense Marcelino Carlos Dezen, deu sequência, recentemente, às peripécias do personagem Nanetto Pipetta em duas publicações independentes: *Braúde de Nanetto Pipetta* e *La Cucagna de Nanetto Pipetta*³⁹.

Figura 10
Capa do livro *Nanetto Pipetta*



Fonte: <https://www.esteditora.com.br/NanettoPipettaVitaestoriadeNanettoPipetta>

³⁹ Reportagem disponível em: <<https://www.silvanatoazza.com.br/noticias/detalhe/nanetto-pipetta-esta-de-volta-a-terra-da-cucagna-em-dose-dupla>>. Acesso em: 02 ago. 2020.

Essa obra tem uma relevância tão grande para a cultura do *talian* que já foi objeto de pesquisa de duas dissertações de mestrado. Uma defendida por Tânia Perotti⁴⁰ junto ao Programa de Pós-graduação em Letras e Cultura Regional da Universidade de Caxias do Sul (UCS), em 2007, abordando aspectos referentes às representações presentes na obra de Aquiles Bernardi, tais como aspectos culturais, políticos e sociais. E a outra por Silvana Bagno⁴¹ junto ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em 2010, estudando a imigração italiana sob a ótica do imaginário em obras literárias como Nanetto Pipetta.

Não se poderia falar em literatura, imigração e *talian* sem mencionar as obras *O Quatrilho* e *O Caso do Martelo* de José Clemente Pozenato, ambas de grande relevância na divulgação das tradições e histórias da imigração italiana, recheados de palavras e expressões em *talian*. Tratam-se de obras que se tornaram nacionalmente reconhecidas por suas adaptações para o cinema em 1995 e 1991, respectivamente.

Outros gêneros literários também são representados, como poesias e as piadas, que aparecem em obras como: *Stòria e fròtole*⁴², e *Stòrie, fròtole e poesie*⁴³. do Frei Rovílio Costa e Arlindo Battistel. E crônicas como: *Ostreggheta semo drio deventar veci*⁴⁴ e *El mio paese l'è cosi*⁴⁵ de Darcy Loss Luzzato.

Em maio de 2021, foi lançada uma obra multidisciplinar intitulada *Talian Par Cei e Grandi – Gramàtica e Stòri* (*Talian* para Crianças e Adultos – Gramática e História), sob a coordenação dos editores Juvenal Jorge Dal Castel, Loremi Loregian Penkal e João Wianey Tonus, constante da Figura 11. Nela, há três grandes seções, sendo a primeira uma gramática, a segunda história e literatura produzidas em *talian* e finalmente em sua última seção, uma série de textos para crianças.

⁴⁰ PEROTTI, T. **Nanetto Pipetta: modos de representação**. 2007. 127f. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Letras e Cultura Regional) – UCS, Caxias do Sul, 2007. Disponível em: < <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/242/Dissertacao%20Tania%20Perotti.pdf?sequence=1> >. Acesso em: 29 jul. 2020.

⁴¹ BAGNO, S. **A travessia de Nanetto Pipetta e o imaginário dos imigrantes italianos para o Sul do Brasil, em busca do país da Cocanha**. 146f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: < http://www.bdt.d.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5119 >. Acesso em: 29 jul. 2020.

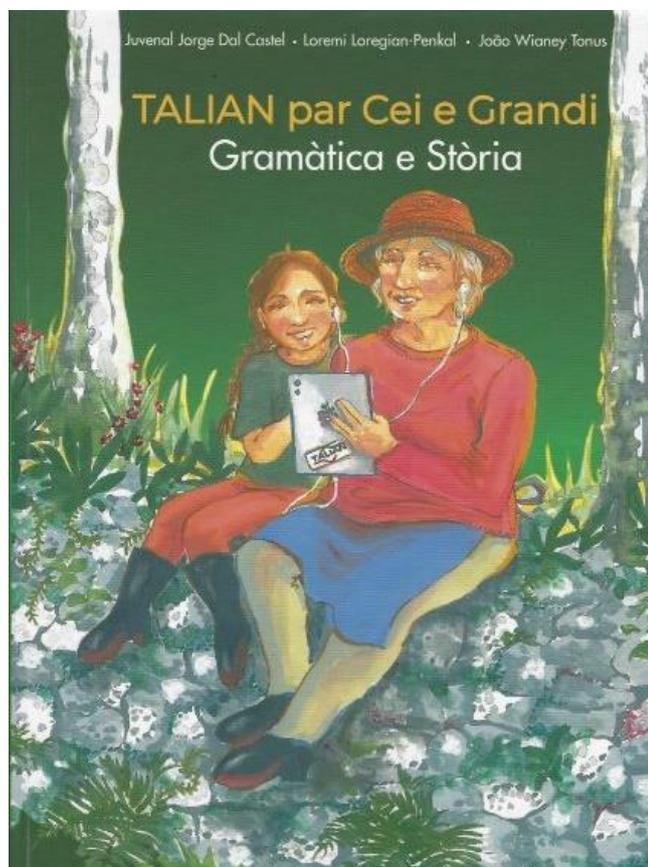
⁴² COSTA, R.; BATTISTEL, A.I. **Stòria e fròtole**. Porto alegre: EST, 2001. [Edição bilingue].

⁴³ COSTA, R.; BATTISTEL, A.I. **Stòria, fròtole e poesia**. Porto alegre: EST, 1995.

⁴⁴ LUZZATTO, D. L. **Ostreggheta semo drio deventar veci**. Porto Alegre: Sagra, 1989. 168p.

⁴⁵ LUZZATTO, D. L. **El mio paese l'è cosi**. Porto Alegre: Sagra, 1987. 147p.

Figura 11
Capa do livro *Talian Par Cei e Grandi: gramàtica e stòri*



Fonte: <http://ipol.org.br/um-passo-decisivo-para-a-preservacao-do-talian/>

Os dicionários também são legados riquíssimos desse patrimônio. Entre as diversas iniciativas de elaboração de um dicionário da língua *Talian*, se pode destacar o *Dicionário veneto sul-riograndense português: com breves noções gramaticais do idioma veneto sul-riograndense*, iniciativa pioneira de Frei Alberto Vitor Strawinski, publicado em 1987, tamanha sua importância que, sob iniciativa da *Unione dei Trineneti nel Mondo* (UTRIM), recebeu uma edição em Italiano (Figura 12); o *Dicionário Português – Talian*, de autoria de Honório Tonial publicado em 1997; o pitoresco *Dicionário Talian/ Português/ Italiano de curiosidades, elogios e impropérios*, obra do Professor Roni Dall'igna publicado em 2019; e possivelmente o mais completo trabalho nesse sentido, o *Dicionário Talian-Português*, obra de Darcy Loss Luzzatto, que já conta com três edições, sendo a última de 2015.

Figura 12
Capa da versão em italiano do Dicionário de Alberto Stawinski



Fonte: Acervo do autor.

Não se pode esquecer que praticamente tudo que se conhece de literatura em *talian*, teve sua gênese a partir das publicações em periódicos. O Correio Riograndense⁴⁶, como mencionado, foi responsável pela difusão das histórias de *Nanetto Pippeta*, desempenhando um papel fundamental na propagação da língua e da identidade *taliana* na região.

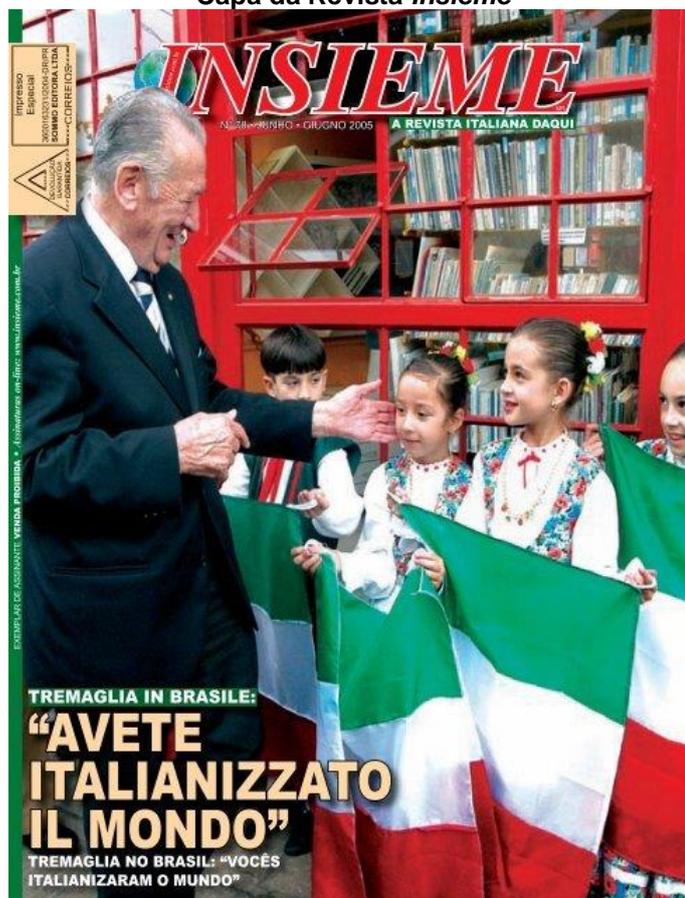
O jornal “Staffetta RioGrandense”, hoje denominado “Correio Rio-Grandense”, era o elemento de divulgação coletiva e de estabilidade discursiva. Contribuiu de fato a escrever a história do progresso e do desenvolvimento do Brasil. As primeiras afirmações do *talian* saíram em

⁴⁶ O seu nome alterado durante o período ditatorial da Era Vargas, anteriormente se chamava *La Staffetta Rio-Grandense – settimanale cattolico della colonia*.

capítulos em algumas revistas destinadas aos imigrados e efetuadas pelos frades capuchinhos de Caxias do Sul. O primeiro livro de literatura oriunda foi publicado entre 1924 e 1925, no referido jornal. Trata-se de Vita e storia di Nanetto Pipetta, (MIAZZO, 2011, p. 40).

Dessa forma, algumas revistas ainda se dedicam a essa temática de divulgação da língua e da cultura ítalo-brasileira entre os descendentes, como as revistas *Insieme*⁴⁷, cuja capa consta da Figura 13, e *Revista Comunità Italiana*⁴⁸.

Figura 13
Capa da Revista *Insieme*



Fonte: <https://www.insieme.com.br/pb/>

⁴⁷ INSIEME: a Revista Italiana Daqui. Curitiba: Sommo, [S.d.]. Mensal Bilíngue. Disponível em: <<https://www.insieme.com.br/pb/>>. Acesso em: 27 jul 2020.

⁴⁸ COMUNITÀ ITALIANA. Niterói: Editora Comunità, 1994-. Mensal. Disponível em: <<https://comunitaitaliana.com/sobre/>>. Acesso me: 08 ago. 2020.

Essas revistas estão disponíveis em plataformas digitais (*sites*), atingindo um número ainda maior de público. E, junto com os livros, vem contribuindo para a difusão e valorização do *talian* como parte da cultura do Estado e do País.

Desse modo, se pode observar que, com o passar do tempo, o *talian* tem conquistando novos espaços, e novos formatos. Se até a celebração do centenário da imigração o *talian* era mal visto, como se pode observar no texto de Zanini:

As gerações que se seguiram [após a proibição de outros idiomas no Brasil na década de 30 e 40] somaram a esse sentimento o de que o colono era alguém “atrasado”, “rude” e “da roça”. Em um Brasil que se industrializava e que passava a ter nas cidades um pólo gerador de padrões comportamentais e estéticos. Porém, a vontade de fazer com que a italianidade fosse visibilizada positivamente e publicamente estava lá (ZANINI, 2005, p. 11).

E dessa vontade latente, a situação se reverteu, a partir dos festejos do centenário, os quais foram de certa forma, ressignificados por diferentes aspectos da cultura *taliana*, dentre os quais a língua e o folclore.

4.2.2 Teatro, música e cartoon

Também o campo das artes recebeu influências do *talian*, como forma de entretenimento e valorização desse patrimônio cultural, em especial no teatro, *cartoon* e música, surgidos nos anos 80 e 90 e que permanecem atuantes até hoje.

No teatro, merecem destaque o grupo *I Miseri Coloni* (Figura 14), que surgiu em 1980 como iniciativa de um grupo de amigos com os objetivos de “[...] resgatar, preservar e cultivar as tradições dos imigrantes italianos e desenvolver atividades artísticas contemplando a cultura italiana e as demais culturas que integram nossa região [...]”⁴⁹. Outro grupo, praticamente contemporâneo, é o *Vanti in Drio*⁵⁰, surgido

⁴⁹ Objetivos da hoje, Associação Cultural Miseri Coloni. Disponível em: <
<https://www.misericoloni.com.br/sobre/>>. Acesso em: 02 ago. 2020.

⁵⁰ Perfil no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/category/Comedian/Vanti-in-Drio-425724100958675/>

nos anos 1990, da cidade de Carlos Barbosa, que atua em diferentes cidades de colonização italiana do Estado. E o *Gruppo Folklorico Italiano Ladri di Cuori*⁵¹, criado em 1995 na cidade de Cascavel-PR, composto por dez integrantes, tem por mote dar visibilidade à cultura ítalo-brasileira por meio das canções, do idioma, da culinária, dos costumes, da dança e do teatro.

Figura 14

Cartaz de uma peça do grupo Miseri Coloni



Fonte: <https://www.misericoloni.com.br/historia/>

No campo da música, seria inviável listar todos os grupos existentes, tamanha é a sua quantidade. Entre eles, destaco o Grupo *Ricordi*, da cidade de Flores da Cunha, que foi criado em 1980, que vem se destacando pela originalidade de suas

⁵¹ Disponível em: <<http://www.ladridicuori.com.br/>>. Acesso em: 08 ago. 2020.

canções. O outro é o grupo *Italiani in Brasile*, da cidade de Três Palmeiras, fundado em 2013.

Além deles, inúmeros discos em vinil e CDs foram lançados com músicas folclóricas em italiano ou em *talian* ao longo do tempo, que fizeram parte do cotidiano dos imigrantes e seus descendentes. Sem dúvida, os anos de 1970 e 1980 foram mais fecundos, talvez em função da comemoração do centenário da imigração ou por ainda existirem muitas pessoas que viveram a imigração.

Quando se pensa em música em *talian*, certamente, a primeira pessoa que vem à cabeça é Valdir Anzolin que gravou diversas canções. Mas existe, também, um universo de produções musicais muito importantes por divulgar essa cultura. Segundo o Instituto Vêneto (2010, p. 16-20), em seu *Relatório final do projeto-piloto "Inventário do Talian"*, entre 1979 e 2006 foram gravados cerca de 30 LPs e 86 CDs de músicas, por grupos ou artistas voltados à valorização e salvaguarda da cultura ítalo-brasileira e do *talian*, na figura 15 se pode observar duas capas de LPs. Além de uma infinidade de corais e bandas existentes em praticamente cada localidade de descendência italiana que se dedicam a canção em *talian*. (INSTITUTO VENETO..., 2010, p. 16-20).

Figura 15

Capas de discos de vinil de músicas em *talian*, muito populares nos anos 70/80



Fonte: Acervo do autor (2020).

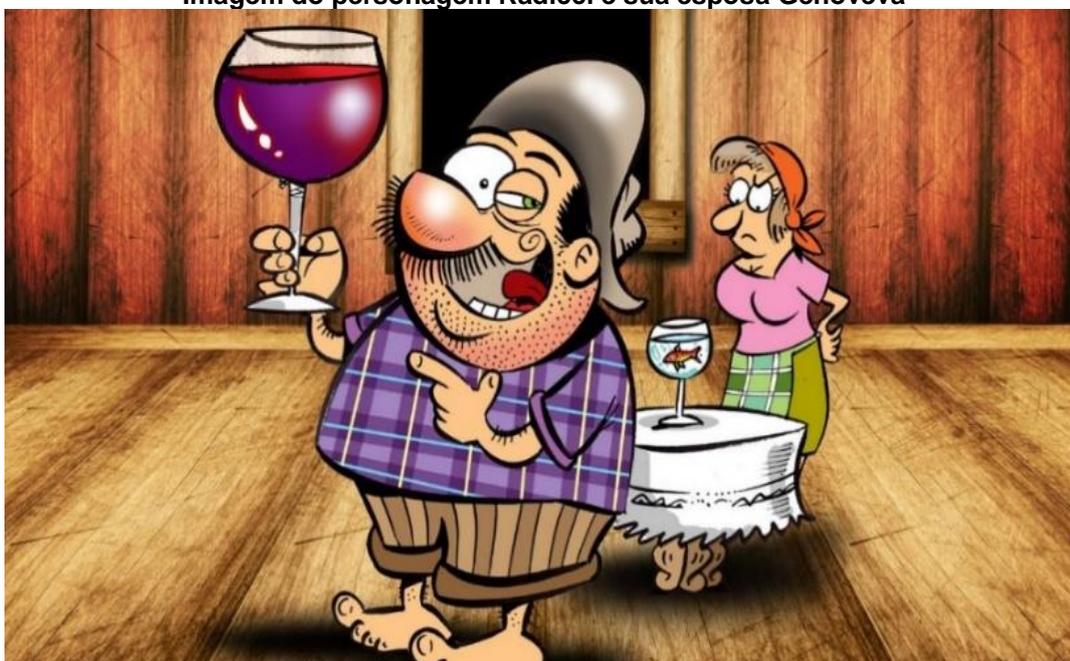
Na área de *cartoon*, o personagem Radicci, criado em 1983, pelo jornalista e cartunista Carlos Henrique Iotti, tem destaque especial quando se fala em valorização do *talian* e da italianidade. Trata-se de uma caricatura da maioria dos colonos chegados ao Sul do Brasil, sob a forma de um personagem bem-humorado, com sotaque característico, com cujas ações e características todo descendente se identifica, e que hoje faz parte do imaginário popular.

Iotti assim descreve a importância do personagem para dos descendentes:

Primeiro, ele nasceu para preservar as raízes, nossa cultura, falar das coisas locais, da nossa gringuiçice. Segundo, para ser um anti-herói da colônia italiana, que estava por baixo. Quando criei o Radicci, me disseram: "Os caras vão bater teu brim quando tu falar mal deles". E foi o contrário, as pessoas se viram no personagem (IOTTI, 2019, documento eletrônico).

Esse personagem, que pode ser visto na Figura 16, ganhou tanta empatia, relevância e notoriedade entre os leitores de suas estripulias que já foi objeto de pelo menos duas dissertações de mestrado.

Figura 16
Imagem do personagem Radicci e sua esposa Genoveva



Fonte: <https://radicci.com.br/>. Acesso em: 22 maio 2021.

Uma dissertação defendida por Salete Rosa Pezzi dos Santos⁵², em 2001, investigando as inter-relações entre a fala do personagem e a fala proveniente do contato do imigrante italiano com o novo meio, apresentando inclusive as razões dessa grande aceitação do personagem pelo público em geral:

Iotti [...] registra que, ao criar o personagem Radicci, teve a intenção de atingir o público da RCI [Região de Colonização Italiana], os descendentes de imigrantes italianos, em especial, utilizando o dialeto vênето ou mesmo o italiano *standard*, mas logo percebeu que, assim, a leitura de suas tirinhas ficaria restrita a uma parcela diminuta da população. Dessa forma, resolveu dispensar maior atenção à língua portuguesa e deu ao Radicci uma fala portuguesa italianada, com sotaque carregado, de forma que tanto os monologües quando os bilingües [...] pudessem entendê-lo [...] embora o Radicci use, em muitos momentos de sua fala, expressões típicas do dialeto vênето [...] por estarem essas palavras colocadas num contexto, não há prejuízo para o entendimento [...], e assim, cresce a sua receptividade entre as pessoas dos mais variados públicos (SANTOS, 2001, p. 38).²⁸

Outro estudo que merece destaque é de Roberto Rossi Menegotto⁵³, em 2017, que investigou a construção do estereótipo do colono italiano nos quadrinhos de *Radicci*, contribuindo para o estudo identitário regional da Serra Gaúcha.

Em 2020, foi lançada também a primeira História em Quadrinhos (HQ) inspirada na epopeia dos imigrantes italianos. Trata-se da obra criada por Cidiane Guisso o HQ chama-se *I Fioli de la Nostra Tera* (Os filhos da Nossa Terra) totalmente escrita em **Língua Vêneta**, contém 81 ilustrações num total de 92 páginas de HQ, constante da Figura 17:

⁵² SANTOS, S. R. P. **O Radicci no contato italiano-português da região de Caxias do Sul: identidade, atitudes linguísticas e manutenção do bilinguismo.** 2001. 208f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/2275>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

⁵³ MENEGOTTO, R. R. **"Qua comando mi": a estereotipação do colono italiano no universo de Radicci, do cartunista Iotti.** 98f. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/handle/11338/3189>>. Acesso em: 08 ago. 2020.

Figura 17
Imagem do novo HQ em língua Vêneta, raiz do *talian*



Fonte: <https://www.facebook.com/photo?fbid=3271130132967346&set=a.3271128532967506>

A cultura do *talian* permeou por todas as principais formas de arte que conhecemos, demonstrando sua relevância como influenciadora, fomentadora e inspiração para cartunistas, músicos e atores. Desse modo o *talian* deixou sua marca e seu valor como patrimônio cultural nas artes do Estado e do País.

4.2.3 Rádio, televisão e redes sociais

Entre os meios de comunicação, se destacam programas de rádio e de televisão, que têm contribuído para a propagação da cultura vêneta, e, conseqüentemente, do *talian*:

Os programas radiofônicos, falados em dialeto de tipo vêneto ou talian, surgiram na região nordeste do Estado do Rio Grande do Sul na década de 80. Resultantes das várias manifestações surgidas durante o centenário da imigração italiana (1975), a iniciativa se disseminou como instrumento de resgate e manutenção da fala dialetal praticada pelos primeiros colonos ali chegados (KREISNER, 2003, p. 165).

O rádio e a televisão permitiram a incorporação de um maior número de palavras da língua portuguesa, mas se tornaram grandes aliados na difusão e valorização do *talian* a partir dos anos de 1980.

O rádio, sem dúvida, foi uma das primeiras formas de difusão do *talian* na era da comunicação de massa. Existem vários programas radiofônicos com essa temática, alguns deles estão arrolados abaixo, quase todos também disponíveis *online*, conforme se pode observar no Quadro 1:

Quadro 1
Programas de rádio em *talian*

Programa	Apresentador	Localidade	Site/Estação
<i>Taliani nel mondo</i>	Edgar Marostica	Serafina Corrêa	
<i>Brasil Talian</i>	Jaciano Eccher	Três Palmeiras Ronda Alta Trindade do Sul	Radio Liberdade Rádio Navegantes Rádio Comunitária Trindade
<i>Taliani Bona Genti</i>	Jaime Capra	Paraná	Rádio Pereri
<i>Sonar e Ciacolar</i>	Dalberto Rigo	Três Palmeiras	Rádio Liberdade
<i>Ricordi Della Itália</i>	Volmir e Inês Marcon	Constantina	Rádio Atlântica
<i>Talian Contento</i>	Darci Guindani	Catanduvas - SC	Rádio Catanduvas
<i>Nostro Talian</i>	Talian Bressan	Chapecó - SC	Rádio Efapi
<i>De Volta as</i>	Airton Dacriro	Nova Erechim -	Rádio Interativa

Origens		SC	
Italiani in Brasile	Adelino Augusti	São Luiz Gonzaga	Rádio São Luiz
Manteniendo le Tradicione Taliane	Ivo Zen	Ronda Alta	Rádio Navegantes
Taliani Contenti	Zanela, Nêne Magro e Nêne Piola	Concórdia - SC	Rádio Aliança
La Pura Verità	Sidnei Facin	Capinzal - SC	Rádio Capinzal
Avanti Ancora Taliani	Nelson Mezzomo	São Domingos do Sul	Rádio Trans América
Talian del Sul a Norte	Judimar L. Filappi	Nova Motum – MT	Rádio Arinos
Programa radise taliane	Jacir L. Grando José Zobot e Polaquinho	Aratiba	Rádio Nova Onda
Domenica in L'America	Armando Gusso	Carlos Barbosa	Rádio Estação
Mondo Talian	Dirceu Magri	Frederico Westphalen	Sol d'América
Ricordi dei nostri noni; L'alba dei taliani; Riscatando le origini; Radise a casa tua; La ora del filó; Italianissimo	Diversos	Ana Rech Caxias do Sul	Rádio Radise

Fonte: Disponível em: <<http://www.brasiltalian.com/2016/07/sua-radio-tem-programa-italiano-talian.html>>. Acesso em: 03 fev. 2021. Adaptação do autor.

A temática desses programas é, quase em sua totalidade, voltada à transmissão de músicas em *talian* ou/e em italiano, alguns tem bate-papo e entrevistas com falantes de *talian*.

Por outro lado, existem iniciativas na televisão que mostram os mais variados aspectos da cultura italiana legada pelos imigrantes. Entre elas, destaco o Programa *Nostrì Taliani* composto por uma série de episódios, como pode ser observado na descrição do programa:

Serão programas semanais (podendo ser reprisados) divididos em três blocos num total de 30 minutos que além de mostrar talentos ítalo-brasileiros na música (grupos musicais e de cantos), fará referência à culinária, artesanato e a história separada em temas que descreveremos neste Projeto com entrevistas e matérias interessantes sobre esta imigração.

É algo inédito na TV Brasileira e tem como equipe base, profissionais que ao longo de muitos anos vêm trabalhando com Cultura e produções audiovisuais e quer deixar registrado [...] este trabalho que servirá também como fonte de estudo e marcará parte da memória do Estado do Rio Grande do Sul e outras partes do Brasil colonizadas por imigrantes italianos e alguns tópicos serão gravados na Itália⁵⁴.

Apresentado por Álvaro Manzoni, e transmitido na televisão aberta em 2015, ano das festividades alusivas aos 140 anos da imigração Italiana, os programas realizados com patrocínio das Leis de Incentivo à Cultura, estão disponíveis *online*⁵⁵,

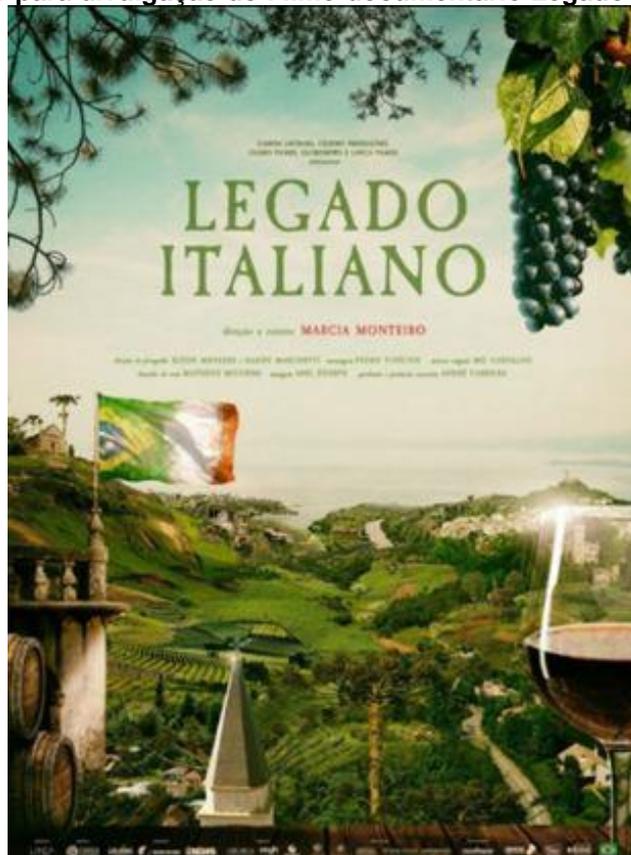
Em 2020, foi lançado um documentário intitulado *Legado Italiano*⁵⁶, produzido, dirigido e com roteiro escrito por Márcia Monteiro, em que descendentes e especialistas de diferentes áreas apresentam relatos carregados de emoção sobre o maior fluxo migratório da história contemporânea, cujo poster de divulgação pode ser observado na Figura 18. E que mostra, também, diversos aspectos relacionados à língua dos imigrantes, bem como sua vinculação, ainda hoje, com a Itália.

⁵⁴Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20181228063416/http://nostritaliani.com.br/o-programa>>. Acesso em: 08 ago. 2020.

⁵⁵Canal de Altemir Vídeo (Produtora do Programa) no *YouTube*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCEqVxki9Y6m7rCJig9vQr6w/videos>>. Acesso em: 08 ago. 2020.

⁵⁶ Disponível em: <https://www.legadoitaliano.com.br/a-historia>. Acesso em: 07 mar. 2021.

Figura 18
Poster para divulgação do Filme-documentário Legado Italiano



Fonte: <https://comunitaitaliana.com/legado-italiano-documentario-sobre-imigracao-italiana-no-brasil-estreia-na-netflix/>

As redes sociais digitais têm sido meios importantes para a difusão de conhecimentos da língua *talian*.

Em relação à divulgação, a internet tem-se configurado como forte aliada para a difusão e manutenção do *talian*. Nos dias de hoje, a língua atravessa um período de grande produtividade, que se caracteriza pelo surgimento de publicações impressas e virtuais enfocando a sua história e a de seus falantes, facilitando a produção e a manutenção dos artigos e das matérias sobre o *talian*. A maioria do material é divulgado de modo virtual: os blogs, por exemplo, têm contribuído, de forma significativa, no trabalho de transmissão de informações, imagens e vídeos. Podemos citar o blog do *Talianeto13*, que tem como escritor Honório Tonial, que, a seu turno, entre vários artigos políticos, escreve histórias sobre e em *talian*.

O site *Oriundi* pode ser visualizado em língua italiana padrão e em português, contudo, com frequência, publica notícias sobre o *talian*. Outro site interessante que contém artigos sobre a importância de se preservar a

cultura e a língua pertence ao escritor Silvio Santin, que possui muitas publicações visando à difusão e manutenção da língua. Já o Talian Brasilé uma revista online com publicações de autores como Darcy Loss Luzzatto, Honório Tonial, Rovílio Costa e Giuseppin Oro. Além disso, no próprio site, pode ser ouvido um programa de rádio em talian e acompanhado cronograma de eventos relacionados à cultura taliana: como os corais, grupos de danças, bem como as datas e os locais onde se apresentarão (RIBEIRO; MAGGIO, 2019, p. 84)

Numa rápida pesquisa nos portais de busca, encontrei um sortimento de *blogs*, *sites*, e *vídeos* sobre a imigração vêneta e sobre o *talian*, o que mostra como as redes sociais estão servindo para salvaguardar, difundir e valorizar essa língua que é uma das principais características do Estado e do País.

Abaixo, os quadros 2 e 3 apresentam quadros com alguns dos exemplos mais relevantes:

Quadro 2
Exemplos de perfis no Facebook sobre o *talian*

Facebook			
<u>Nome do Perfil</u>	<u>Seguidores / amigos</u>	<u>Curtidas</u>	<u>Temática Geral</u>
@talianicontenti	1.500	1.431	Cultura, língua e músicas
@ifiolidelanostratera	9.272	7.695	Cultura, língua e músicas
@viadevanti	50.861	44.174	Humor
@theporcozio	123.282	113.740	Humor
@badincolono	3.1 milhões	<i>Não consta</i>	Humor
@TalianiBuonaGente	62.807	62.482	Cultura, língua e músicas

@DaghePaia	35.958	30.793	Cultura, língua e músicas
@linguatalian	3.428	3.382	Cultura, língua e músicas
@Jlagazeta	334	334	Cultura, língua e músicas
@talianlenguaecultura	1.958	1.846	Cultura, língua e músicas
@talianricordarsi	2.339	1.937	Cultura, língua e músicas
@assodita	450	417	Cultura, língua e músicas
@Balbinot Nilso (Avanti Ancora Talian)	4.998	<i>Não consta</i>	Cultura, língua e músicas
@Talian - nostra Lengua (grupo privado)	3.700	<i>Não consta</i>	Cultura, língua e músicas
@Cucagna.Talian - Comunidade	129	102	Cultura, língua e músicas
@boesperancacolonizacaoee volucao · Ponto de referência e local histórico	3.229	3.038	Cultura, língua e músicas
@talianinelmondo	894	894	Cultura, língua e músicas

Fonte: Dados da pesquisa.

No quadro 3 podem ser observados alguns exemplos de canais do *Youtube* onde é possível assistir vídeos referentes a cultura do *talian*.

Quadro 3
Exemplos de Canais no *Youtube* sobre o *talian*

Nome do Canal	Endereço do canal	Nº de inscritos	Temática Geral
Talian	https://www.youtube.com/user/linguatalian/videos	285	Cultura/Língua
Via de vantì, bobaion	https://www.youtube.com/channel/UCuS-1wla4Bi-H_Fo7w5KJRQ	2.59 mil	Humor
Talian Brasil	https://www.youtube.com/channel/UCTikD4hmQTXZg8uB99pAgCA	544	Cultura/Língua
Edgar Marostica - Canal Talian	https://www.youtube.com/channel/UCstuZiRuL4D5rMKuejWM-EQ	3.81 mil	Cultura/Língua/ Humor/Música
Mondo Talian	https://www.youtube.com/channel/UCW2e8Olohu4vrsM4mUhykiA	172	Cultura/Língua
Jacir Luiz Grandò	https://www.youtube.com/channel/UCpGRE1609FgyUhMf0RGIa8g	1.54 mil	Música
Projeto Lengua Mare	https://www.youtube.com/channel/UCCDM2EinoXN1O261mmGobVQ	465	Cultura/Língua
Girotondo Caxias	https://www.youtube.com/channel/UCySZmaSOQrHPG_GBAbhr03kA	439	Música
Cucagna Scola de Talian	https://www.youtube.com/channel/UCicr1Hbw-RPIIdCS39EXmz1w	140	Cultura/Língua

Fonte: Dados da pesquisa.

Entre os diversos *sites* e *blogs* sobre a imigração veneta ou sobre o *talian* e a imigração italiana, observe-se o Quadro 4:

Quadro 4
Exemplos de *Blogs* e *Sites* sobre o *talian*

Blogs e Sites	Temática Geral
https://silvinosantin.wordpress.com/	Imigração/Língua
https://emigrazioneveneta.blogspot.com/2018/09/sobrenomes-italianos-no-centro-de.html	Imigração/Cultura
http://www.brasiltalian.com/	Língua/Cultura/ Música
https://www.oriundi.net/	Imigração/Cultura
https://pt.wikiquote.org/wiki/Prov%C3%A9rbios_em_Talian	Cultura/Língua
http://www.imigrantesitalianos.com.br/	Imigração/Cultura
https://www.ucs.br/site/instituto-memoria-historica-e-cultural/ecirs/ecirs-acervos/	Língua/Cultura/ Música
https://assodita.org.br/novidades/	Cultura/Língua
https://www.wikiwand.com/pt/Talian#/overview	Cultura/Língua
http://radio.radiosnaweb.com/?idsite=1311&area=inicio	Língua/Cultura/ Música
http://www.linguaveneta.net/lingua-veneta/lingua/	Cultura/Língua
http://htonial.blogspot.com/	Cultura/Língua
http://www.caminhosdepedra.org.br/talian/	Cultura/Língua

Fonte: Dados da pesquisa.

Essas transposições para o mundo digital permitem que se infira que tais redes reúnam pessoas interessadas em salvaguardar a memória dos seus antepassados entre as novas gerações. Essa migração para o suporte digital impacta profundamente na questão da visibilidade/difusão, permanência e aprendizagem do *talian*. Como observaremos na próxima sessão, iniciativas de ensino do *talian* já são uma realidade na modalidade de Ensino a Distância (EAD). O uso das Tecnologias da Comunicação e Informação (TICs) pode ser o grande suporte para salvaguarda desse patrimônio imaterial.

4.2.4 Associativismo

Ao chegarem no Brasil os imigrantes se uniram em associações de mútuo socorro como estratégia de fortalecimento e união do grupo para enfrentar as adversidades impostas nos primeiros anos de imigração. Hoje, essa necessidade se apresenta novamente, para manter unido e vivificado um grupo de descendentes interessados em valorizar o *talian*, mantendo a língua viva nas próximas gerações.

Várias associações foram criadas⁵⁷ com o intuito de preservar, valorizar, e divulgar a cultura e a língua dos antepassados. Entre elas algumas se destacam por sua intensa atividade, como é caso da Associação dos Difusores do Talian (ASSODITA), criada em 2008, em parceria com a Universidade de Caxias do Sul (UCS). Ela é responsável por iniciar o processo de reconhecimento do *talian* como Referência Cultural Brasileira, e cujos princípios por si só, são um depoimento de preservação do patrimônio cultural:

Sua área de atuação e abrangência se estende às necessidades e interesses do Talian no Brasil ou no exterior.

Entidade de direito privado e sem fins lucrativos, é organização da sociedade civil com atuação na salvaguarda e valorização da Língua e da Cultura Talian.

A Associação tem por finalidade a promoção da cultura, defesa e conservação do patrimônio histórico e artístico; cultural material e imaterial,

⁵⁷ Lista elaborada com todas as entidades cadastradas junto ao *Comitato degli Italiani all'Estero* – Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.comitesrs.com.br/entidades.php>>. Acesso em: 01 ago. 2020.

com foco na Língua e na Cultura Talian escrita e falada, em ações de salvaguarda, valorização e difusão através de qualquer meio de comunicação (ASSODITA, *site Institucional*⁵⁸).

A Federação de Entidades Ítalo-brasileiras de Mestres e Ofícios da Cultura Taliana (FEIBEMO),⁵⁹ fundada em 1996; a Federação das Associações Ítalo-brasileiras do Rio Grande do Sul (FIBRA)⁶⁰; e a *Massolin de Fiori Società Taliana*⁶¹, fundada em 1989, são outros exemplos das agremiações que se formaram em torno da cultura *taliana*.

Mais recentemente, surgiram iniciativas de ensino do *talian* em algumas cidades que já o consideram língua co-oficial, e iniciativas particulares de ensino, como o Projeto/Escola *Lengua Mare*⁶² que destaca a língua vêneta e um curso promovido pelo radialista Jaciano Eccher⁶³. Há também o *Projeto de Extensão Língua Talian – UFSM/Ctism*⁶⁴, coordenado pelo Professor Marcos Daniel Zancan, que estuda e promove o *talian* na Região da Quarta Colônia.

Assim, a sociedade civil organizada foi a grande incentivadora do processo de inventário e reconhecimento do *talian* como patrimônio cultural brasileiro, obtido por meio da Lei nº 13.178, de 10 de junho de 2009, no âmbito do Estado do Rio Grande do Sul (RS, 2009), e pela Lei nº 14.951, de 11 de novembro de 2009 (SC, 2009), no âmbito do Estado de Santa Catarina. Na esfera federal, somente depois do Decreto nº 7.387, de 09 de dezembro de 2010 (BRASIL, 2010) quando foi instituído o Inventário Nacional da Diversidade Linguística o que permitiu que o *talian* recebesse o Título de Referência Cultural Brasileira⁶⁵, em 2014.

Em 2021, por meio de uma cooperação técnica celebrada pela Resolução nº 99-GR/UNICENTRO⁶⁶ que estabeleceu uma parceria entre a ASSODITA e a Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro - Paraná) criou a *Cucagna* -

⁵⁸ Disponível em: <<http://assodita.org.br/>>. Acesso em: 02 ago. 2020.

⁵⁹ Disponível em: <<http://www.feibemo.com.br/>>. Acesso em: 05 ago. 2020.

⁶⁰ Não possui site, sede Rua Gênova, 202 – 99250-000 – Serafina Corrêa/RS.

⁶¹ Disponível em: <<http://www.massolindefiori.com.br/site2016/index.html>>. Acesso em: 27 jul. 2020.

⁶² Disponível em: <<https://www.facebook.com/projetolenguamare/>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

⁶³ Disponível em: <<http://www.brasiltalian.com/p/quer-aprender-talian.html>>. Acesso em: 08 ago. 2020.

⁶⁴ Disponível em: <<https://www.ufsm.br/unidades-universitarias/ctism/projeto-talian/>>. Acesso em: 09 ago. 2020.

⁶⁵ Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/T%C3%ADtulo%20INDL%20%20Talian.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2020.

⁶⁶ Disponível em: <<https://sgu.unicentro.br/pcatooficiais/imprimir/19622F32>>. Acesso em: 29 jun 2021.

*Scola de Talian*⁶⁷ (Figura 19), um projeto de extensão, oficializado pela Resolução nº005 SEHLA/I/UNICENTRO⁶⁸, que pretendeu o oferecimento de cursos de língua *talian* na modalidade EAD, totalmente gratuitos, sendo a primeira turma aberta para 100 vagas já com início em 2021.

Figura 19
Imagem do site da Cucagna - Scola de Talian



Fonte: <https://evento.unicentro.br/site/talian/2021/2>

Essa iniciativa demonstra a importância do pensamento e das ações coordenadas pelo pensamento associativo na salvaguarda do *talian*.

Diante do aqui exposto, se pode observar nesta seção como é profunda a influência do *talian* em diferentes aspectos da vida e da identidade dos ítalo-descendentes. Nos depoimentos e falas, evidencia-se, pela vivacidade e emoções evocadas nas memórias, o significado do *talian* na formação moral, cultural, identitária e emocional das pessoas que tiveram ou mantêm contato com ele.

⁶⁷ Disponível em: <<https://evento.unicentro.br/site/talian/2021/2>>. Acesso em: 20 jun 2021.

⁶⁸ Disponível em: <<https://sgu.unicentro.br/pcatooficiais/imprimir/EF66CE8C>>. Acesso em: 29 jun 2021.

Inegável, também, é a sua presença em várias formas de expressão cultural, seja na música, no teatro, na literatura, no cinema, na televisão e nas redes sociais digitais. Certamente, o *talian* contribui significativamente para a constituição do patrimônio cultural brasileiro do sul do país, o que justifica o título deste trabalho.

5 L'É UM BEL MASSOLINO DE FIOR

As crises migratórias que observamos na atualidade remetem-nos às grandes torrentes de migração do século XIX, onde milhares de emigrantes também fugiam de realidades sub-humanas de vida. Assim, chegaram ao Brasil os imigrantes italianos ao longo dos anos. As primeiras levas chegaram a partir de 1875, em sua maioria por meio de contratos com agenciadores, que impulsionados pelas políticas de imigração adotadas pelo Brasil, buscavam levas de imigrantes europeus para colonizar e substituir mão de obra escravizada em terras brasileiras. Por meio de um desses contratos, em 1878, meus tetravôs maternos, saíram da *Comune de San Nazario* (na Região do Vêneto) em busca de uma vida melhor em solo brasileiro. Foram estabelecidos na então Colônia Dona Isabel, atualmente, cidade de Bento Gonçalves.

Uma conjuntura sócio-política impeliu essa onda migratória. As drásticas consequências deixadas por anos de guerras e rebeliões deixaram a Península Itálica muito fragmentada, uma verdadeira colcha de retalhos. Formada por diversos ducados, principados, territórios pontifícios e até mesmo repúblicas era o cenário de uma península praticamente feudal e agrária, onde a maioria da população se constituía por camponeses de baixa-renda. Além de revoltas nacionalistas e de diversos contratempos políticos-ideológicos que acabaram por contribuir para o empobrecimento da população, mas culminariam com a Unificação em 1870. Esse era o panorama básico enfrentado pelos imigrantes em sua terra natal.

Nesse contexto, surgiu o sentimento de *far la américa!* E o Brasil estava desejoso em receber esses imigrantes europeus, para atender a uma política de povoamento e substituição de mão de obra. Mas a viagem até essa terra das maravilhas, não foi tarefa simples, muitos são os relatos dos infortúnios passados durante o tempo de viagem a bordo de embarcações super lotadas. E o estabelecimento em terras brasileiras também não foi fácil. Os primeiros anos foram muito duros para os imigrantes, tendo que desbravar a terra em que pretendiam plantar e viver. Como uma estratégia de coesão da comunidade, e até mesmo de

sobrevivência foram criados de vários tipos de associações de mútuo socorro, para fomentar as relações sociais e o desenvolvimento das colônias.

Assentados de forma completamente alheia às particularidades regionais, culturais e linguísticas de cada imigrante, literalmente se avizinharam às regiões italianas e seus falares, criando assim uma Babel de formas linguísticas, cujas nuances acrescidas de outras línguas (Friulano, Trentino, Vêneto, Português, etc.) formaram o *talian*.

O *talian* foi por muito tempo uma língua basicamente oral, e restrita ao âmbito familiar e/ou entre membros das comunidades de cidades da Região de Colonização Italiana (RCI), possivelmente, pelos traumas deixados pelas proibições impostas durante a Era Vargas (1930-1945) que criminalizavam o falar de línguas estrangeiras provenientes dos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Esse *ostracismo linguístico* começaria a sofrer uma mudança a partir da década de 1970 quando o IPHAN amplia seu entendimento de patrimônio na busca de integrar os grupos minoritários ao mosaico cultural brasileiro; e também, das comemorações do centenário da imigração em 1975, quando se inicia uma retomada e valorização dos costumes, tradições e falares da imigração.

Essa onda traria uma série de iniciativas de revivificação da cultura ítalo-brasileira e conseqüentemente do *talian*, com a criação de programas de rádio, bandas musicais, etc. Nesse processo observamos o surgimento da ideia desse pertencimento dos descendentes dos imigrantes com as práticas culturais trazidas no século XIX, bem como com o *talian*. Aqui se pode relacionar conceitos de patrimônio cultural e memória. Que se consolidariam ao longo dos anos seguintes com a criação de instrumentos legais de proteção desses elementos culturais.

Dentre esses instrumentos, se destaca aqui o Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000 (BRASIL, 2000) que instituiu o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) e o Decreto nº 7.387, de 09 de dezembro de 2010 (BRASIL, 2010) que criou o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL). Tais instrumentos, particularmente, possibilitaram, após um grande esforço da comunidade e de pesquisadores, que por meio de um processo/solicitação fosse possível a inclusão e o reconhecimento *talian* como Referência Cultural Brasileira.

Dessa forma observamos que a Região de Colonização Italiana (RCI) no Estado é bastante grande e praticamente impossível de ser estudada completamente em tão pouco tempo. Somando-se a isso, a chegada da pandemia

impossibilitou algumas estratégias de pesquisa, que foram adequadamente adaptadas à realidade imposta pela Covid-19. Então se buscou alguns tesouros-vivos do *talian*, ou seja, pessoas representativas na valorização e difusão da língua.

O resultado desse chamamento foi extraordinário, contribuições valiosas sobre a importância do *talian* na construção da identidade cultural dos descendentes. Os depoimentos são carregados de histórias e memórias de uma cultura e da formação cultural de uma comunidade de falantes, bem como evidenciaram a relevância da língua para o patrimônio cultural brasileiro.

Para além dos depoimentos se buscou nas diversas áreas a influência do *talian*, cujos resultados se categorizou da seguinte forma:

Literatura, onde se identificou que o *talian* possui uma grande representatividade com contribuições já centenárias como as histórias e Nanetto Pipetta, dicionários, revistas, e tantos outros exemplos do campo literário mencionados no texto;

Teatro, música e cartoon, área em que o *talian* também penetrou de forma substancial, como grupos de teatro, inúmeras gravações em LPs e CDs com canções e corais, além de estar presente no universo dos cartoons e HQs;

Rádio, televisão, e redes sociais, grande precursor da onda de valorização da língua após as comemorações do centenário da imigração, o rádio foi e ainda é um dos grandes meios de difusão do *talian*, por meio de vários programas nas grades de horários das emissoras do interior. Na televisão são muitos os programas, reportagens e documentários sobre essa temática. Com o advento das redes sociais, essas também foram utilizadas para propagação do *talian* pelo mundo, sendo encontrados perfis das principais redes sociais com conteúdo voltado à valorização do *talian*.

Associativismo, que sempre esteve presente, desde o início da imigração italiana, sendo a forma encontrada pelos primeiros imigrantes para consolidar a cultura e a comunidade que se formava, foi também a salvação para a valorização e preservação do *talian*. O espírito associativista foi a forma de agremiar as pessoas e comunidades entorno do *talian*, como a Associação dos Difusores do Talian (ASSODITA) e a Federação de Entidades Ítalo-brasileiras de Mestres e Ofícios da Cultura Taliana (FEIBEMO), por exemplo. Recentemente, em 2021, nesse espírito de cooperação, foi criada uma escola para ensino gratuito e *online* de *talian*,

iniciativa louvável e pioneira na difusão e salvaguarda da língua para que gerações futuras tenham acesso ao *talian*.

Algumas dessas áreas são mais fluídas que outras, a maioria é bastante permanente, como livros, discos, etc. Mas os perfis em redes sociais, por vezes, alteram nomes ou *links*, mas o fator mais relevante é saber que existem inúmeras iniciativas *online* de preservação e salvaguarda desse nosso patrimônio cultural. E que o *talian* permeia praticamente todas as áreas da cultura, construindo a italianidade dos descendentes, deixando sua marca e seu valor.

Por ser o *talian* um patrimônio vivo, que está em constante evolução, possivelmente, os resultados obtidos nesse estudo não são definitivos, tendo em vista, também, as dificuldades enfrentadas durante a pandemia, dessa forma, futuros estudos se somarão a esse, trazendo novos olhares.

Outro aspecto relevante são as estratégias de valorização e reconhecimento passíveis de serem executadas como forma de permitir a continuidade da existência do *talian*. Para que ele como qualquer outra língua possa evoluir e manter um grupo ativo de falantes garantindo a manutenção de uma cultura tão rica como a ítalo-brasileira, na Serra Gaúcha. Algumas propostas cabíveis nessa tentativa de valorização e continuidade estão:

- a) Elaborar um *e-book* a partir desta pesquisa, auxiliando na difusão do *Talian*;
- b) Incentivar a criação de espaços em jornais (impressos ou eletrônicos) para textos em *Talian*;
- c) Promoção da internacionalização da temática do *Talian*, visto que a imigração Vêneta ocorreu significativamente também na Argentina e Estados Unidos;
- d) Ações voltadas ao público infanto-juvenil, futuro do *Talian*.

Cabe destaque também o papel das Cartas Patrimoniais nesta pesquisa, tanto na sessão de arcabouço teórico, como nos resultados obtidos. Ao pesquisar a influência e as reverberações do *talian* no patrimônio cultural do País, atendemos às orientações da Carta de Nara (1994), visto que valorizamos a importância da diversidade cultural, bem como da Carta de Fortaleza (1997), pois se salvagam as questões de patrimônio imaterial brasileiro; e por fim, também da Declaração de

Caracas (1992), quando discutimos as questões de identidade cultural a partir do *talian*.

Assim, considero que as minhas indagações iniciais, que me conduziram a esta investigação, foram respondidas. Acredito que, diante do que pude aqui reunir e relatar, o *talian*, em que pese o pouco tempo de sua valorização pelos seus falantes, se constitui numa referência que vem se consolidando como um elemento forjador do patrimônio cultural brasileiro. E, desse modo, sinto-me agradecido por ter conseguido valorizar a minha própria origem, de minha família e de tantos outros sonhadores que vieram tentar *far la Merica*. Embora não tenham conseguido encontrar *a terra da cucagna*, construíram uma boa base para continuar sonhando com a utopia.

REFERÊNCIAS

ABREU, R. **A Fabricação do imortal. Rio de Janeiro.** Lapa/Rocco, 1996. Disponível em: <http://www.reginaabreu.com/site/images/attachments/livros/02-a-fabricacao-do-imortal_memoria-historia-e-estrategias-de-consagracao-no-brasil.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2021.

ABREU, Regina. “Tesouros humanos vivos” ou quando as pessoas transformam-se em patrimônio cultural: notas sobre a experiência francesa de distinção do “mestre da arte”. *In*: ABREU, Regina, CHAGAS, Mário (Orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 81-94.

ÁLVAREZ-PEDRO, Juan Antonio Núñez. La referencia histórica más antigua a los Veneti 'protoeslavos', **Eslavística Complutense**, v. 4, p. 201 -208, 2004. Disponível em: < <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2039484> >. Acesso em: 03 nov. 2020.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas:** reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARQUIVO NACIONAL. **Lista de passageiros [Vapor Ester – 1878].** Disponível em: http://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1017699&v_aba=1. Acesso em: 23 set. 2019.

BAO, Carlos Eduardo. A invenção da italianidade no Brasil: contribuição para um olhar descontínuo. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXIII. **Anais...** Florianópolis, 2015. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434420372_ARQUIVO_BAO,CarlosEduardo__AinvencaodaitalianidadenoBrasil__ANPUH2015.pdf. Acesso em: 29 dez 2019.

BARICHELLO, C. A. **Patrimônio cultural religioso e negociação da identidade do imigrante italiano da quarta colônia imperial de Silveira Martins e Região Central do Rio Grande do Sul.** 2010. 114f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. 2010. Disponível em: <<http://repositorio.ufsm.br/handle/1/10966>>. Acesso em: 20 dez. 2019.

BATTISTEL, A. I.; COSTA, R. **Assim vivem os italianos:** vida, história, contos, comidas e estórias. v.1. Porto Alegre: EST, 1982.

BELLONI, Silvano. **Grammatica veneta.** 2.ed. rev. Padova: Esedra, 2006. Disponível em: <http://www.linguaveneta.net/linguaveneta/wp-content/plugins/pdfjs-viewer-shortcode/pdfjs/web/viewer.php?file=/linguaveneta/wp->

content/uploads/2016/09/Grammatica-Veneta-di-S.Belloni.pdf&download=false&print=false&openfile=false. Acesso em: 08 nov 2020.

BELONI, W. C. **Um estudo sobre a fala e a cultura de italo descendentes em Cascavel/PR**. 2015. 155f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2015. Disponível em: <<http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/2439/1/DISSERTAcO.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

BENEDUZI, L. F. **Mal di Paese**: as reelaborações de um vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D'eu (1884-1925). 2004. 324f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/14417>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

BENEDUZI, L. F. *Mnemagoghi*: a experiência sensível da nostalgia nos espaços de rememoração da imigração italiana no Brasil. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXIII. **Anais...** Londrina, 2005. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206570_e968f6176058ce224e8cbf8f7447338c.pdf. Acesso em: 29 dez 2019.

BERTONHA, João Fábio. **Os Italianos**. São Paulo: Contexto, 2008.

BIONDI, Luigi. Mãos unidas, corações divididos: as sociedades italianas de socorro mútuo em São Paulo na Primeira República: sua formação, suas lutas, suas festas. **Tempo**, Niterói, v. 18, n. 33, p. 075-104, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042012000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 nov 2020.

BISOL, L. E. **O patrimônio urbano-arquitetônico de Caxias do Sul (RS)**: resgate memorial das edificações para possível utilização turística. 2017. 207f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hospitalidade) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/3784>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

BOSISIO, A. **Texto-Atlante Storico Per Le Scuole Medie**. [S. l.]: Vallardi A., 1959. Disponível em: <http://www.stagniweb.it/foto6.asp?File=mappe_va&Tipo=index&Righe=50&Col=3>. Acesso em: 01 nov. 2021.

BRASIL. Congresso. **Constituição [da] República Federativa do Brasil**. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 21 dez 2019.

BRASIL. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 10 de novembro de 1937** [Instituiu o Estado Novo]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm>. Acesso em: 12 nov. 2021.

BRASIL. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil**. 1934. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm>. Acesso em: 22 out 2020.

BRASIL. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil**. 1937. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm>. Acesso em: 22 out 2020.

BRASIL. **Decreto Federal nº 22.928 de 12 de julho de 1933**. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-22928-12-julho-1933-558869-publicacaooriginal-80541-pe.html>>. Acesso em: 22 out 2020.

BRASIL. **Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000**. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Decreto%20n%C2%BA%203_551%20de%2004%20de%20agosto%20de%202000.pdf. Acesso em: 11 abr. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000**. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Decreto%20n%C2%BA%203_551%20de%2004%20de%20agosto%20de%202000.pdf. Acesso em: 15 nov 2020.

BRASIL. **Decreto nº 7.387, de 09 de dezembro de 2010**. [Institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7387.htm#:~:text=Decreto%20n%C2%BA%207387&text=DECRETO%20N%C2%BA%207.387%2C%20DE%209,que%20lhe%20confere%20o%20art.>. Acesso em: 02 ago. 2020.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937a**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0025.htm>. Acesso em: 22 dez 2019.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Departamento de Patrimônio Imaterial. **Parecer Técnico Nº61/2014**. [Disponível na íntegra por meio de solicitação de acesso à informação no Portal GOV.Br - Parte do Processo nº 01450.010077/2014-66/2014].

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Departamento de Patrimônio Imaterial. **Nota Técnica Nº42/2013**. [Disponível na íntegra por meio de solicitação de acesso à informação no Portal GOV.Br - Parte do Processo nº 01450.010077/2014-66/2014].

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

CARDOSO, F. N. G. **Línguas como patrimônio imaterial Etnografia de um debate**. 2010. 129f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Brasília, Brasília. 2010. Disponível em: <http://dan.unb.br/images/doc/Dissertacao_259.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2019.

CARNIERI, C. A. **A italianidade em movimento**. 2011. 127f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1884/32138>>. Acesso em: 15 mar. 2020.

CARVALHO, K. M. **Da casa ao museu-casa**: heranças do imigrante italiano no Brasil. 2018. 234f. Tese (Doutorado em Estética e História da Arte) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/93/93131/tde-05122018-092827/pt-br.php>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

CAVALLIN, Gianfranco. **Esiste la língua veneta?**. Porto Alegre: EST, 2001.

CAVALLIN, Gianfranco. **Gli ultimi veneti**. Porto Alegre: EST, 2001a.

CENNI, Franco. **Italianos no Brasil**. São Paulo: Edusp. 1975.

CENTENÁRIO da imigração italiana: 1875-1975: Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Edel, 1975.

CHIARINI, A. M. **Imigrantes e italiani all'estero**: os diferentes caminhos da italianidade em São Paulo. 1992. 176f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280547>>. Acesso em: 14 jul. 2018.

CHISTÈ, G. **Famiglie venete in Brasile**: testimonianze in Tàlian. 2015. 137f. Tese (Doutorado em Literatura e Filosofia) - Universidade Ca 'Foscari de Veneza, Veneza, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10579/5838>>. Acesso em: 27 fev. 2020.

CHOAY, F. **Alegoria do Patrimônio**. Lisboa: Edições 70, 2008.

CHUVA, Márcia Regina Romeiro. **Os arquitetos da memória**: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil: anos 1930-1940. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2017.

CINQUANTENARIO della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud. Porto Alegre: Livraria do Globo, [1925].

CONSTANTINO, Núncia Santoro de; RIBEIRO, Cleodes Piazza Julio. (Orgs.). **De pioneiros a cidadãos**: imagens da imigração italiana no Rio Grande do Sul: 1875-1960. Porto Alegre: Consulado Geral da Itália no Rio Grande do Sul, 2005.

COSTA, J. S. P. **Dupla cidadania**: ítalo-brasilianidade como valorização e afirmação étnica no sul do Brasil. 2018. 207f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.ufsm.br/handle/1/15081>>. Acesso em: 25 mar. 2020.

COSTA, R. **Imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 1986.

COSTA, Rovilio. Apresentação. In: LUZZATTO, Darcy Loss. **Dissionário Talian: vêneto brasilian: portoghese**. Porto Alegre: Editora Sagra, 2000.

DE BIASE, A. Ficções arquitetônicas para a construção da identidade. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 7, n. 16, p. 173-188, 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/ij/ha/a/JfmVK9ttsGWXNk6SQ8xXyGc/?lang=pt>>. Acesso em: 05 nov. 2021.

DE BONI, L. A.; COSTA, R. **Far la américa: a presença italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Riocell, 1991.

DECLARAÇÃO DE CARACAS - ICOM, 1992. **Cadernos de Sociomuseologia**, [S.l.], v. 15, n. 15, jun. 2009. ISSN 1646-3714. Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/345>>. Acesso em: 01 jan 2020.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. (Editores). **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2013.

FÁVERI, Marlene de. **Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina**. Florianópolis, Ed. da UFSC, 2004.

FIGUEIREDO, B. G. Patrimônio histórico material e imaterial e a invenção da história. In: REIS, A. S.; FIGUEIREDO, B. G. **Patrimônio Imaterial: perspectivas**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015. p.13-23.

FOLETTTO, C. T. **O museu do imigrante italiano “Eduardo Marcuzzo”**: história e identidade, Vale Vêneto/RS. 2019. 101f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. 2019. Disponível em: <<http://repositorio.ufsm.br/handle/1/17132>>. Acesso em: 20 dez. 2019.

FONSECA, V. L. A outra face da imaterialidade o registro e o inventário como meios de preservação de patrimônio cultural imaterial a partir do estudo de caso da capoeira, **Acervo: Rev. do Arquivo Nacional**, v.27, n.2, jun-dez, 2014. Disponível em: <<http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/443>>. Acesso em: 09 jan 2020.

FRANZINA, E. **A grande emigração: o êxodo dos italianos do Veneto para o Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

FUNARI, P. P.; PELEGRINI, S. C. A. **Patrimônio histórico e cultural**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

GIRAO, F. C. **A italianidade como potencialidade sociopolítica na Festa da Polenta em Venda Nova do Imigrante (1979-2014)**. 2015. 106f. Dissertação (Mestrado em História Social das Relações Políticas) - Universidade Federal do

Espirito Santo, Vitória, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.ufes.br/handle/10/9249>>. Acesso em: 05 fev. 2020.

GIRON, L. S. A imigração italiana no RS: fatores determinantes. *In*: BARROS, E. C.; DE BONI, L. A.; COHEN, V. R.; DACANAL, J. H. **RS: imigração & colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 47-66.

GOOCH, John. **A unificação da Itália**. São Paulo: Ática, 1991.

GRAMSCI, A. **O Risorgimento**: notas sobre a história da Itália. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. (Cadernos do Cárcere, v. 5).

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HEREDIA, Vania B. Merlotti; PAVIANI, Neires M. Soldatelli. **Língua, cultura e valores**: um estudo da presença do humanismo latino na produção científica sobre a imigração italiana no Sul do Brasil. Porto Alegre: EST, 2003.

HOBBSAWM, E. **A era do capital**: 1848-1875. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HOBBSAWN, E. Introdução: a invenção das tradições. *In*: HOBBSAWN, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. 2. ed. São Paulo, Paz & Terra, 2012.

IANNI, Constantino. **Homens sem paz**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRIA E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. **Carta de Fortaleza – 1997**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Fortaleza%201997.pdf>. Acesso em: 13 out 2020.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. **Site Institucional**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>>. Acesso em: 05 jan 2020. [Recurso eletrônico].

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. **Guia de pesquisa e documentação para o INDL**: patrimônio cultural e diversidade linguística. Brasília: IPHAN, 2016. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Guia%20de%20Pesquisa%20e%20Documenta%C3%A7%C3%A3o%20para%20o%20INDL%20-%20Volume%201.pdf>>. Acesso em: 05 jan 2020.

INSTITUTO VÊNETO - ASSOCIAÇÃO CULTURAL EDUCACIONAL NOVO VÊNETO. Universidade de Caxias do Sul – UCS. **Relatório final do projeto - piloto “inventário do talian”**. 2010. Disponível em: <<http://assodita.org.br/wp->

content/uploads/2016/10/1.1.-Relat%C3%B3rio-Invent%C3%A1rio-Talian-Vers%C3%A3o-Final.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2020. p.11

IOTTI, C. H. **O "pai" de todos gringos: como Radicci ajudou a valorizar as raízes identitárias italianas.** [Entrevistadores: VIEIRA, Siliane e MANSQUE, William]. 12 jul 2019. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2019/07/o-pai-de-todos-gringos-como-radicci-ajudou-a-valorizar-as-raizes-identitarias-italianas-cjxz0d2gj00tz01rvsziz6z5j.html>>. Acesso em: 03 ago. 2020.

IOTTI, L. H. A política imigratória brasileira e sua legislação - 1822- 1914. *In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA, X. Anais...* Santa Maria, 2010. Disponível em: <http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1273883716_ARQUIVO_OBRASILEAIMIGRACAO.pdf>. Acesso em 18 jul. 2020.

KANAAN, B. R. **Imigrações contemporâneas e italianidade:** um estudo sobre jogos identitários na região industrializada de Farroupilha/RS. 2008. 181f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/14687>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

KREISNER, M. G. G. O rádio entre duas línguas: a sintonia entre o talian e o português. **Conexão – comunicação e cultura**, Caxias do Sul, v.2, n.3, p.165-184, 2003.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia-Museu e Patrimônio, Patrimonialização e Musealização: ambiência de comunhão. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 7, n. 1, p. 31-50, jan.-abr. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-81222012000100004&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 19 jan 2020.

LUCHESE, T. A. As associações de mútuo socorro e suas escolas étnicocomunitárias italianas: a circulação de saberes e as conformações identitárias. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO, VI. Anais...* Vitória, 2011. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais_vi_cbhe/conteudo/file/444.pdf>. Acesso em: 20 jul 2020.

LUZZATTO, Darcy Loss. **[Entrevista ao site 100 Nonni]**. 2017. Disponível em: <http://100nonni.com/?p=887>. Acesso em: 26 nov. 2020.

LUZZATTO, Darcy Loss. **Dissionário Talian: vêneto brasilian: portoghese.** Porto Alegre: Editora Sagra, 2000.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **A política de colonização do Império.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

MARCATO, C. **Dialetto, dialetti e italiano**. Bologna: Il Mulino, 2002. Disponível em: <<https://br1lib.org/book/11973793/aec17a?id=11973793&secret=aec17a>>. Acesso em: 06 nov. 2021.

MARCO, E. A. **A trajetória e presença por talian e do dialeto trentino em Santa Catarina**: por uma educação intercultural. 2009. 165f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2009. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92939>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: atlas, 1999.

MATOZO, D. L. **Crenças e atitudes linguísticas de ítalo-descendentes no contato português/talian**: contexto urbano e rural de Chapecó – SC. 2018. 138f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2018. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/1926>>. Acesso em: 25 fev. 2020.

MIAZZO, Giorgia. Afinal o que é o talian? **Revista Italiano UERJ**, v. 2, n. 1, 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaitalianouerj/article/view/2121>. Acesso em: 25 nov 2020.

MOMBELLI, R. **“Mi soi talian, gracia a dio”**: identidade étnica e separatismo no oeste catarinense. 1996. 158f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 1996. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/30357688.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

MUSEU DA IMIGRAÇÃO. **Site Institucional**. Disponível em: <https://www.miif.org.br/index.php?p=omuseu#>. Acesso em: 01 nov 2020.

NASCIMENTO JUNIOR, J.; TRAMPE, A.; SANTOS, P. A. dos S. (Orgs). **Mesa Redonda sobre la Importancia y el Desarrollo de los Museos en el Mundo Contemporáneo**. Brasília (DF): IBRAM, 2012. Disponível em: <http://www.ibermuseum.org/wp-content/uploads/2014/09/Publicacion_Mesa_Redonda_VOL_I.pdf>. Acesso em: 02 jan 2020. [p. 100-144].

NETO, H. B. Os territórios da imigração italiana no rio Grande do Sul – Brasil. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, VIII. **Anais...** Santa Cruz do Sul, 2017. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidr/article/viewFile/16340/4241>. Acesso em: 04 nov. 2021.

OLIVEIRA, G. M. Plurilinguismo no Brasil: repressão e resistência linguística. **Synergies**, nº 7, 2009, p. 19-26. Disponível

em<<http://web.archive.org/web/20191017043721/https://gerflint.fr/Base/Bresil7/gilvan.pdf>>. Acesso em: 25 dez 2019.

OLIVEIRA, L. M. B. Identidade cultural [verbete]. In: **Dicionário de Direitos Humanos** [documento eletrônico]. 2010. Disponível em: <<http://escola.mpu.mp.br/dicionario/tiki-index.php?page=Identidade+cultural>>. Acesso em: 06 nov. 2021.

OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006.

PARCIANELL, J. F. **O Dizer na e sobre a língua de sujeitos descendentes de imigrantes italianos e a fronteira enunciativa**. 2011. 115f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. 2011. Disponível em: <<http://repositorio.ufsm.br/handle/1/9840>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

PINHEIRO, L. S. **Processos de territorialização de variedades dialetais do italiano como línguas de imigração no nordeste do Rio Grande do Sul**. 2014. 165f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/102203>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

POLLACK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, vol. 5, n.10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <<http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%20.pdf>>. Acesso em: 13 out 2020.

PRIMO, J. Documentos básicos de museologia: principais conceitos. **Cadernos de Sociomuseologia**, nº 2, v. 28. p.117-133, 2007. Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/517>>. Acesso em: 31 out. 2021.

PROJETO Elementos Culturais da Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul - ECIRS. Disponível em: <https://www.uces.br/site/instituto-memoria-historica-e-cultural/ecirs/>. Acesso em: 09 nov 2020.

RIBEIRO, A.; MAGGIO, G. O Contexto histórico da formação do Talian: algumas considerações. **Revista de Italianística**, n.38, 2019, p.73-87. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/italianistica/article/view/168577>>. Acesso em: 02 ago. 2020.

RIBEIRO, R. J. Memórias de si, ou..... **Revista de Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, 1998. Disponível em:<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2068/1207>. Acesso em: 10 out 21020.

RIO GRANDE DO SUL. **Decreto Nº 22.410, de 22 de abril de 1973**. [declara o biênio da colonização e imigração no Estado]. Disponível em: <

http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXTO&Hid_TodasNormas=35507&hTexto=&Hid_IDNorma=35507>. Acesso em: 03 nov. 2021.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 13.178, de 10 de junho de 2009**. [Declara integrante do patrimônio histórico e cultural do Estado o dialeto Talian]. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/13.178.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2020.

RODRIGUES, S. L. **Mi parlo taliàn**: análise sociolinguística do bilinguismo português-dialeto italiano no município de Santa Teresa, ES. 2015. 204f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.ufes.br/handle/10/3802>>. Acesso em: 27 fev. 2020.

SANTA CATARINA. **Lei nº 14.951, de 11 de novembro de 2009**. [declara integrante do patrimônio histórico e cultural do estado o dialeto "talian"]. Disponível em: <<https://leisestaduais.com.br/sc/lei-ordinaria-n-14951-2009-santa-catarina-declara-integrante-do-patrimonio-historico-e-cultural-do-estado-o-dialeto-talian-originado-dos-italianos-e-descendentes-radicados-em-santa-catarina?q=%20Lei%20n%C2%BA%2014.951,%20de%202009>>. Acesso em: 01 ago. 2020.

SANTIN, Silvino. **A imigração esquecida**. Porto Alegre: EST, 1986.

SANTOS, Jeaniny Silva dos. As políticas de preservação do patrimônio brasileiro na gestão Aloísio Magalhães no IPHAN (1979-1982): o caso de São Miguel das Missões. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA ANPUH/RS, XV. Anais... Passo Fundo, 2020. Disponível em: < https://www.eeh2020.anpuh-rs.org.br/resources/anais/15/anpuh-rs-eeh2020/1598215984_ARQUIVO_5576f22cb334df81a88a57cde97de168.pdf>. Acesso em: 16 out. 2021.

SANTOS, P. S. **"Ma que sole quente"**: a construção da identidade dos descendentes de italianos em Pedra Dourada/MG". 2019. 222f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/3241>>. Acesso em: 16 mar. 2020.

SANTOS, S. R. P. **O Radicci no contato italiano-português da região de Caxias do Sul**: identidade, atitudes linguísticas e manutenção do bilinguismo. 2001. 208f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/2275>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SANTOS, S. S. **Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil**: estudo exploratório de possibilidades museológicas. 2017. 768f. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: < <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde-13122017-091321/publico/SuzySantosREVISADA.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2020.

SCHEINER, T. C. M. Repensando o museu integral: do conceito às práticas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas**, Belém: MPEG, v. 7, n. 1, jan./abr., p. 15-30, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v7n1/a03v7n1.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2020.

SILVA, G. V.; MENDES, N. M. **Repensando o Império Romano**: perspectivas socioeconômicas, política e cultural. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

SILVA, Kelen Katia Prates; SOUZA, Carlos Eduardo. A construção da identidade nacional durante a Era Vargas: os políticos, os intelectuais e o futebol. **Revista Outras Fronteiras**, Cuiabá, v. 3, n. 1, jan/jun., 2016. Disponível em: <<http://ppghis.com/outrasfronteiras/index.php/outrasfronteiras/article/view/172/pdf>>. Acesso em: 13 out. 2021.

SILVA, M. R. **Os protocolos italianos (1892-1898)**. 2017. 248f. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-06092018-150804/pt-br.php>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SUDATTI NETO, R. **O Circolo Italiano di Jundiá na preservação da memória dos imigrantes italianos (1992-2015)**. 2018. 133f. Dissertação (Mestrado em Ciências e Letras) - Universidade Estadual Paulista - UNESP, Assis, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/157176>>. Acesso em: 25 fev. 2020.

TEIXEIRA, K. A. **O patrimônio imaterial sob a ótica dos museus**: novas aproximações, perspectivas e rupturas. 170f. 2014. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação Interunidades em Museologia – Universidade de São Paulo, 2014. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde-27042015-162323/es.php> Acesso em: 25 jan 2020.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

TONIAL, Honório (org). **Talian la mostra vera língua**. Erechim: EDIFAPES, 2001.

UNESCO. **Conferencia de Nara – 1994**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Conferencia%20de%20Nara%201994.pdf>. Acesso em: 13 out 2020.

UNESCO. **Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial** [Paris, 17 de outubro de 2003]. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ConvencaoSalvaguarda.pdf>. Acesso em: 13 out 2020.

UNESCO. **Convenção para uma Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. 2006. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132540_por. Acesso em: 19 jan 2020.

VANZUITEN, A. J. **A interferência do Estado Novo na vida dos imigrantes europeus do Vale do Itajaí e suas consequências para o desenvolvimento regional**. 2011. 127f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Regional de Blumenau, Blumenau. 2011. Disponível em: <<https://bu.furb.br/consulta/novaConsulta/recuperaMfnCompleto.php?menu=esconde&CdMFN=347514>>. Acesso em: 15 mar. 2020.

VENETO. **Legge regionale 13 aprile 2007, n. 8 (BUR n. 37/2007)**. Disponível em: <https://www.consiglioveneto.it/home>. Acesso em: 08 nov 2020.

ZANELLA, K. **Relações entre turismo de experiência e patrimônio cultural imaterial: um estudo sobre as experiências memoráveis do *filò talian***. 2017. 173f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) - Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2017. Disponível em: <<http://siaibib01.univali.br/pdf/K%C3%AAnia%20Zanella.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

ZANINI, M. C. C. Italianidade: pertencimento, reivindicação e negociação na região central do Rio Grande do Sul, Brasil. *In*: REUNION DE ANTROPOLOGIA DEL MERCOSUR, 2005, Montevideo. Anales... Montevideo: Departamento de Antropologia Social da Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad de la República, 2005. Disponível em: <http://www.fsma.edu.br/visoes/ed03/3ed_artigo5.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2020.

ZANINI, M. C. C. Fé, trabalho e família: a construção das memórias entre descendentes de imigrantes italianos. **Revista USP**, São Paulo, n.72, p. 161-170, dez/fev, 2006-2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/68487/71025>>. Acesso em: 06 jan 2020.

ZORTÉA, T. R. **Marcadores discursivos do *talian* no programa radiofônico Un Pochetin dela Itàlia em Caibi, Santa Catarina**. 2019. 222f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2019. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/3241>>. Acesso em: 25 fev. 2020.

APÊNDICE A - ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO DAS ENTREVISTAS

- 1) Como você se identifica em relação ao tema desta pesquisa?
- 2) Como o *talian* começou a fazer parte de sua vida?
- 3) Em que aspectos da cultura você identifica o *talian*?
- 4) Qual a importância de se valorizar e manter vivo o *talian* para a comunidade de descendentes?
- 5) Para você, qual o significado do *talian* para a comunidade de descendentes de imigrantes?
- 6) Existe uma relação de pertencimento dos descendentes de imigrantes italianos com o *talian*?
- 7) O *talian* ainda faz parte da formação da identidade dos descendentes?
- 8) Você considera o *talian* como parte de sua identidade cultural?
- 9) Qual o papel do *talian* na construção da identidade dos descendentes de da cultura do Rio Grande do Sul?
- 10) Que ações você apontaria como importantes para a valorização do *talian* como patrimônio cultural?
- 11) O *talian* é reconhecido como patrimônio cultural brasileiro pelo IPHAN desde 2014, qual o significado disso para a comunidade de descendentes? Na sua opinião, qual é o significado dessa medida?

APENDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO

Prezado (a) senhor(a):

Com o objetivo de valorizar o *talian* como patrimônio cultural imaterial do Estado do Rio Grande do Sul e do Brasil está sendo realizado, junto ao Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGMusPa/UFRGS), o projeto de pesquisa denominado: ***NDEMO FAR LA MÉRICA: a contribuição do talian para o patrimônio cultural brasileiro***, sob coordenação da Prof.^a Dr.^a Ana Maria Dalla Zen e do Mestrando Ismael Maynard Bernini.

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a autorizar a sua participação nesta pesquisa, que tem como objetivo reunir subsídios para interpretar a contribuição/representatividade do *talian* no patrimônio cultural e imaterial do Estado do Rio Grande do Sul e do Brasil e interpretar as relações de pertencimento dos descendentes de imigrantes com essa língua.

Ao participar deste estudo, o(a) Senhor(a) permitirá que o (a) pesquisador(a)/professor(a) faça perguntas sobre a sua vida pessoal e profissional referentes à sua relação com o *talian*, ao reviver ou recordar situações de sua vida (pessoal ou profissional), que serão utilizadas na redação de uma dissertação de mestrado e pesquisas acadêmicas.

O(a) Senhor(a) tem liberdade de se recusar a participar ou desistir de continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para a pesquisa. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa/aula através do telefone do(a) pesquisador(a) /professor(a), Ana Maria Dalla Zen, pelo celular (51) 998075491. Se necessário, poderá entrar em contato com Comissão de Ética da UFRGS, pelo telefone (51) 3308 3738

Esclareço que a sua participação nesta pesquisa poderá trazer lembranças da infância que o(a) Senhor(a) pode não querer descrever, motivo pelo qual poderá se recusar a responder, ou até mesmo afastar-se a qualquer momento, sem que isso provoque qualquer prejuízo para a pesquisa. Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais, e somente os pesquisadores/professor(a)(s) terão conhecimento dos dados.

Pedimos que você autorize a divulgação de seu nome, ou opte pela sua substituição por um nome fictício. Porém lembramos que a primeira opção é a mais indicada, por se tratar de um estudo etnográfico, e suas manifestações servirão de fonte para novas pesquisas.

Espero que este estudo traga informações sobre a relevância do *talian* como patrimônio cultural do país, e que isso possa ser divulgado pela Professora Ana Maria Dalla Zen e o mestrando Ismael Maynard Bernini, para dar visibilidade e valorização do *talian* e conseqüentemente de toda uma cultura ítalo-brasileira que envolve a realidade de uma comunidade de descendentes de imigrantes.

Após estes esclarecimentos, solicito o seu consentimento de forma livre para a sua participação nesta pesquisa. Preencher, por favor, os itens que se seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa/aula.

- () AUTORIZO E CONSINTO EM DIVULGAR MEU NOME
 () NÃO AUTORIZO A DIVULGAÇÃO DE MEU NOME, PREFIRO UM PSEUDÔNIMO

Nome: _____

CPF/RG: _____

Assinatura do(a) Entrevistado (a)

Assinatura do Pesquisador

Data: ____/____/____

TELEFONES

Pesquisadora: (51) 998075491

E-mail azen@ufrgs.br

Mestrando (51) 993354354

E-mail ismael.bernini@gmail.com

ANEXO A – TÍTULO DE REFERENCIA CULTURAL BRASILEIRA DO TALIAN**MINISTÉRIO DA CULTURA**

A Ministra de Estado da Cultura, no uso de suas atribuições, de acordo com o artigo 3º do Decreto nº 7.387, de 09 de dezembro de 2010, e em decorrência da inclusão no Inventário Nacional da Diversidade Linguística, em 09 de setembro de 2014, confere o título de *Referência Cultural Brasileira* à língua denominada **Talian**.

Brasília, 10 de novembro de 2014.

Assinatura manuscrita em azul da Ministra Marta Suplicy.

Marta Suplicy
Ministra de Estado da Cultura

ANEXO B – CERTIDÃO DA COMISSÃO TÉCNICA**Serviço Público Federal
Ministério da Cultura
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional****CERTIDÃO**

CERTIFICO que da Ata de Reunião da Comissão Técnica do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (CT-INDL), de nove de setembro de dois mil e catorze, consta o seguinte: *Foi deliberada a inclusão da língua **Talian** no Inventário Nacional da Diversidade Linguística, uma vez que todos os requisitos foram atendidos, como atesta o processo de n.º 01450.010077/2014-66 e dossiê correspondente, fazendo jus ao título de Referência Cultural Brasileira, conforme o Decreto 7.387, de 09 de dezembro de 2010.* DESCRIÇÃO: O Talian, conforme definição apresentada no Relatório Final (p.11-18), é uma das autodenominações para a língua de imigração falada no Brasil na região de ocupação italiana direta e seus desdobramentos desde 1875, em especial no nordeste do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso e Espírito Santo. Entre outras autodenominações, constam termos como língua dos nonos, dialeto vêneto, dialeto italiano. É uma “variedade suprarregional intracomunitária e intercomunidades (coine) do italiano como língua alóctone em contato com outras variedades do italiano com o português do Brasil, vinculada historicamente aos dialetos provenientes do norte da Itália, mas com características próprias, derivadas do contexto brasileiro que a diferem da matriz original e também de outras regiões brasileiras” (Relatório Final, 2010, p. 11). Sua origem linguística é o italiano e os dialetos falados, principalmente, na regiões do Vêneto, Trentino-Alto e Friuli-Veneza Giulia e Piemontes, Emilia-Romagna e Ligúria. Essa descrição corresponde à apresentada na Nota Técnica DPI n.º 40/2013, presente no processo administrativo n.º 01450.010077/2014-66 e Anexos, no qual se encontra reunido um amplo conhecimento sobre essa língua, contido em documentos textuais, bibliográficos e audiovisuais. Data da Inclusão: 09 de setembro de 2014. E por ser verdade, eu, Célia Maria Corsino, Diretora do Departamento do Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN e coordenadora da Comissão Técnica do INDL lavei a presente certidão que vai por mim datada e assinada. Brasília, Distrito Federal, 10 de novembro de 2014.